



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidade

Faculdade de Formação de Professores

Isabele Cristina Fonseca Ramos


**Conexões entre docentes na América Latina em Expedição
Pedagógica**

São Gonçalo

2020

Isabele Cristina Fonseca Ramos

Conexões entre docentes na América Latina em Expedição Pedagógica



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Processos Formativos e Desigualdades Sociais.

Orientadora: Prof^a. Dra. Mairce da Silva Araújo

Coorientadora: Prof^a. Dra. Jacqueline de Fátima dos Santos Morais

São Gonçalo

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

R175 Ramos, Isabele Cristina Fonseca.
Conexões entre docentes na América Latina em Expedição
Pedagógica / Isabele Cristina Fonseca Ramos – 2020.
162f:il.

Orientadora: Prof^a. Dra. Mairce da Silva Araújo.
Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado
do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Professores – Formação – Teses. 2. Educação – Estudos
interculturais – Teses. I. Araújo, Mairce da Silva. II. Universidade do
Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.
III. Título

CRB/7 – 4994 CDU 371.13

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Isabele Cristina Fonseca Ramos

Conexões entre docentes na América Latina em Expedição Pedagógica

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Processos Formativos e Desigualdades Sociais.

Aprovada em 10 de fevereiro de 2020.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Mairce da Silva Araújo (Orientadora)
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof^a. Dra. Jacqueline de Fátima dos Santos Morais (Coorientadora)
(in memoriam)
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof. Dr. Alberto Martínez Boom
Universidad Pedagógica Nacional – Bogotá

Prof^a. Dra. Anelice Astrid Ribetto
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof^a. Dra. Carmen Diolinda da Silva Sanches Sampaio
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof^a. Dra. Inês Ferreira de Souza Bragança
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

São Gonçalo
2020

DEDICATÓRIA

À Carlinda da Silva Ramos (in memoriam), minha avó, meu maior exemplo de mulher forte e guerreira. Moramos juntas no Morro da Chácara e conversávamos todos os dias, mas eu não consegui contá-la como havia sido minha primeira viagem internacional, ela partiu pouco antes de minha ida para o Peru. Minha grande Vó Linda! Ela não conhecia muitos lugares do mundo, mas muito me ensinou sobre essa viagem chamada vida.

AGRADECIMENTOS

À Deus que para mim representa a força do trabalho coletivo e me permite acreditar numa sociedade mais justa, fraterna e humana.

À minha orientadora Jacqueline de Fátima dos Santos Morais (*in memoriam*) por me fazer acreditar que ser negra, mulher, pobre, favelada e mestranda me permitiria realizar conexões e escritas demasiadamente importantes para a formação de professoras e professores. Ela possibilitou não só minha primeira viagem internacional, como também o embarque em uma pesquisa, que me ensinou a valorizar a poesia, a arte, a literatura, as vozes daquelas e daqueles que dificilmente são escutados em trabalhos acadêmicos e a me perceber como uma professora que amplia o olhar para a escola pública enxergando-a como um espaço de compartilhamento de saberes, de convívio, de “ajuda mútua” e de sonhos para a construção de um mundo cada vez melhor.

À minha orientadora Mairce da Silva Araújo que acompanhou a escrita de cada palavra deste texto e de maneira muito acolhedora, na metade do percurso da pesquisa, aceitou estar ainda mais perto de minha dissertação permitindo que eu concluísse o curso de mestrado com tranquilidade.

À minha família: meu esposo Fábio pelo companheirismo, amor e paciência que demonstrou ter nos momentos de tristezas e alegrias; minha mãe Cristina, minha madrinha Tânia, minha avó Alice, meus irmãos Carlos e Ingrid pela força diária e à minha avó Linda (*in memoriam*) por ter acompanhado minha formação pessoal e profissional até minha chegada ao mestrado.

Ao coletivo REDEALE pelas considerações e apontamentos na pesquisa. Pelas sínteses que me ajudaram a fazer e por todos os abraços que recebi durante esta trajetória.

À Danusa Tederiche Borges de Faria, “minha dupla de escrita” pelo carinho, amizade, conselhos e trocas de saberes e experiências. Nossa conexão ultrapassou esta pesquisa, agradeço por ter me ensinado belas práticas docentes, principalmente no que tange à arte de contar e recontar histórias.

Às professoras Anelice Astrid Ribetto, Carmen Diolinda da Silva Sanches Sampaio, Inês Ferreira de Souza Bragança e ao professor Alberto Martínez Boom,

por terem aceitado contribuir com esta pesquisa fazendo parte da banca examinadora.

Às redes e coletivos docentes latino-americanos pelos saberes compartilhados, pelas trocas estabelecidas e pelas “conexões” que construímos ao longo do processo de pesquisa.

À Karina Gaspar por ter realizado as transcrições das conversas com as professoras e com os professores permitindo que eu tivesse contato com o registro escrito das vozes que contribuíram significativamente com esta pesquisa.

Às minhas equipes de trabalho nas escolas por terem permitido que eu desse continuidade aos estudos, flexibilizando meus horários para que eu pudesse participar das atividades acadêmicas.

VIAJAR, PERDER PAÍSES

Viajar, perder países
Ser outro constantemente
Por a alma, não ter raízes
De viver, de ver, somente.
Não pertencer nem a mim

Ir em frente
Ir a seguir
A ausência de ter um fim
E ânsia de o conseguir,

Viajar é assim viagem,
Mas faço sem ter de meu
Mais que o sonho da passagem
O resto é só terra e céu.

Fernando Pessoa

RESUMO

RAMOS, Isabele Cristina Fonseca. *Conexões entre docentes na América Latina em Expedição Pedagógica*. 2020. 162f. Dissertação (Mestrado em Processos Formativos e Desigualdades Sociais) - Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2020.

Esta dissertação tem como centralidade uma investigação sobre a formação docente na perspectiva da Expedição Pedagógica, movimento originado na Colômbia na década de 1980 e que vem sendo vivenciado em diversos países da América Latina. Consiste no deslocamento físico de professoras e professores que viajam, saindo de suas residências, escolas, comunidades e espaços educativos diversos para conhecerem outros lugares, outras realidades educacionais. Trata-se de uma pesquisa, de natureza qualitativa, que tem como referências: Michael de Ceteau, Carlos Sckliar e Denise Najmanovich e que esteve vinculada ao Programa de Pós-Graduação: Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e se articula às ações realizadas pelo coletivo: Rede de Docentes que Narram sobre Infância, Alfabetização, Leitura e Escrita (REDEALE) que desde 2015 vem desenvolvendo estudos e pesquisas com redes e coletivos docentes latino-americanos. Para esta dissertação trago os percursos históricos e metodológicos encontrados nas investigações que realizei sobre o tema Expedição Pedagógica, onde contei com distintos referenciais teóricos, dentre eles destaco os autores María del Pilar Unda, Leonor Rodriguez Valbuena e Nubia Forero. Além do levantamento bibliográfico, igualmente se constituiu como fonte para a presente investigação a experiência vivida em 2018, no Peru, que consistiu na participação do coletivo REDEALE no “IV Encuentro de Redes e Coletivos Docentes Peruanos”, no qual uma Expedição Pedagógica ocupou boa parte do tempo do evento. Objetivando contribuir com a reflexão sobre os sentidos da Expedição Pedagógica para os/as docentes latino-americanos/as, a pesquisa incluiu também conversas com nove professoras e professores peruanos e um colombiano. As conclusões deste movimento de investigação me permitiram reconhecer que a formação docente na perspectiva da Expedição Pedagógica possui características singulares que apontam para um caminho de construção coletiva de saberes e práticas pedagógicas possibilitado pelo encontro entre redes e coletivos de professoras e professores, educadoras e educadores e suas próprias experiências.

Palavras-chave: Expedição Pedagógica. Formação Docente. Viagens.

RESUMEN

RAMOS, Isabele Cristina Fonseca. *Conexiones entre docentes en América Latina en Expedición Pedagógica*. 2020. 162f. Dissertação (Mestrado em Processos Formativos e Desigualdades Sociais) - Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2020.

El objetivo principal de esta disertación es una investigación sobre la formación del maestro desde la perspectiva de la Expedición Pedagógica, un movimiento que se originó en Colombia en la década de 1980 y se ha experimentado en varios países de América Latina. Consiste en el desarrollo físico de maestros y maestros que viajan, dejando sus hogares, escuelas, comunidades y diferentes espacios educativos para conocer otros lugares, otras realidades educativas. Es una investigación cualitativa, que tiene como referencias: Michael de Ceteau, Carlos Sckliar y Denise Najmanovich y quienes están vinculados al Programa de Posgrado: Procesos Formativos y Desigualdades Sociales de la Facultad de la Universidad de Río de Janeiro y si articula las acciones que realiza el colectivo: Red de Maestros que Narran sobre Infancia, Alfabetización, Lectura y Escritura (REDEALE) que desde 2015 ha desarrollado estudios e investigaciones con redes y colectivos docentes latinoamericanos. Para esta disertación utilizo los caminos históricos y metodológicos encontrados en las investigaciones que llevo a cabo sobre el tema de la expedición pedagógica, de las cuales tengo diferentes referencias teóricas, entre las cuales destaco a las autoras María del Pilar Unda, Leonor Rodríguez Valbuena y Nubia Forero. Además de la encuesta bibliográfica, la experiencia vivida en 2018 en Perú también fue una fuente para la presente investigación, que consiste en la participación del colectivo REDEALE en la "IV Reunión de Redes y Colectivos de Maestros Peruanos", como una Expedición Pedagógica ocupar una buena parte del tiempo del evento. Con el objetivo de contribuir a la reflexión sobre los significados de la expedición pedagógica para docentes latinoamericanos, la investigación también incluyó conversaciones con nuevos docentes peruanos y colombianos. Las conclusiones de este movimiento de investigación me permitieron reconocer que la formación del maestro desde la perspectiva de la Expedición Pedagógica tiene características únicas que proporcionan una forma de construcción colectiva de conocimiento y posibles prácticas pedagógicas gracias a la reunión entre redes y maestros colectivos y profesores, educadoras y educadores y sus propias experiencias

Palabras clave: Expedición pedagógica. Formación del profesorado. Viajes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Imagem Satélite do complexo de favelas Morro do Arroz, Morro da Chácara e Morro do Estado	19
Figura 2 -	Imagem do Morro da Chácara e Morro do Arroz	20
Figura 3 -	Imagem festa na escola	22
Figura 4 -	Chegada do Coletivo REDEALE em Cajamarca	79
Figura 5 -	Abertura do IV Encuentro Nacional del Colectivo Peruano de Docentes	80
Figura 6 -	Material distribuído no IV Encuentro Nacional del Colectivo Peruano	81
Figura 7 -	Entrevista com o professor Jonh Jairo	82
Figura 8 -	Roda de conversa no IV Encuentro Nacional delColectivo Peruano	85
Figura 9 -	Apresentação de dança das crianças	90
Figura 10 -	Mesa Andina	91
Figura 11 -	Chegada ao Instituto Educacional	95
Figura 12 -	Mural do Instituto Educacional	95
Figura 13 -	Exposição do livro Brasil – Peru: experiências educativas a partir de uma Expedição Pedagógica	101
Figura 14 -	Noite Cultural organizada pelo coletivo REDEALE	102
Figura 15 -	Noite Cultural organizada pela Rede DesenredendoNudos .	104
Figura 16 -	Jantar no Salón del Voluntariado Assistencia	105
Figura 17 -	Zona Arqueológica Cumbe Mayo	105
Figura 18 -	Ritual de agradecimento a Pacha Mama	106
Figura 19 -	Experiência dos dois abraços	107
Figura 20 -	Conversa com a professora Yenny	109
Figura 21 -	Conversa com a professora Líbia	110

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALMEFRE	Grupo de Pesquisa Alfabetização, Memória, Formação de Professores e Relações Étnico-Raciais
ANAC	Agência Nacional de Aviação Civil
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEDERJ	Centro de Educação a Distância do Estado do Rio de Janeiro
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
CEPECS	Centro de Promoción Ecuménica y Comunicación Social
CROPEDIIC	Colectivo Peruano de Redes de Maestros y Maestras que hacen Investigación e Innovación desde su Escuela y Comunidad
EBRUC	Encontro Brasileiro de Universitários Cristãos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FECODE	Federação Colombiana de Educadores
FEUFF	Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense
FFP	Faculdade de Formação de Professores
GPALÉ	Grupo de Pesquisa Alfabetização Leitura e Escrita
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICHF	Instituto de Ciências História e Filosofia
IJCA	Instituto Jelson da Costa Antunes
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas
ONG	Organização Não Governamental
PET	Programa Especial de Treinamento
PIBIC	Programa de Iniciação Científica
PIBID	Programa de Iniciação a Docência
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.
PPG – EDU	Programa de Pós Graduação – Processos Formativos e Desigualdades Sociais
PT	Partido dos Trabalhadores
PUC	Pontífica Universidade Católica
REDE	Rede de Formação Docente Narrativas e Experiências
FORMAD	

REDEALE	Rede de Docentes que Narram sobre Infância, Alfabetização, Leitura e Escrita
RENEDU	Red Desenredando Nudos
SISU	Sistema de Seleção Unificada
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNIRIO	Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO: VIAGENS QUE COMPÕEM MINHAS TRAJETÓRIAS	13
1	VIAGENS E EXPEDIÇÃO PEDAGÓGICA: CAMINHOS DE FORMAÇÃO DOCENTE	37
1.1	Viagem: um conceito polissêmico	40
1.2	Expedição Pedagógica: uma experiência formativa?	49
1.3	Perspectiva Política da Expedição Pedagógica	53
2	INVESTIGAÇÕES DE UMA EXPERIÊNCIA: MINHA VIAGEM AO PERU	59
2.1	Expedição Pedagógica: Encontro entre rede de docentes	61
2.2	O coletivo REDEALE no IV Encuentro Nacional del Colectivo Peruano	71
3	A EXPEDIÇÃO PEDAGÓGICA NO IV ENCUENTRO NACIONAL DEL COLECTIVO PERUANO DE DOCENTES QUE HACEN INVESTIGACIÓN DESDE LA ESCUELA Y SU COMUNIDAD	77
3.1	Expedição Pedagógica: encontros que geram múltiplas conexões	78
3.2	Interlocuções de aprendizagens entre redes e coletivos docentes latino-americanos	93
	CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS	113
	REFERÊNCIAS	118
	ANEXO – CONVERSAS COM AS PROFESSORAS E OS PROFESSORES NO IV ENCUENTRO NACIONAL DEL COLECTIVO PERUANO DE DOCENTES QUE HACEN INVESTIGACIÓN DESDE LA ESCUELA Y SU COMUNIDAD	126

INTRODUÇÃO: VIAGENS QUE COMPÕEM MINHAS TRAJETÓRIAS

Navegar é preciso, viver não é preciso.

Fernando Pessoa

Início esta dissertação com uma conhecida frase, datada do ano 70 a.C, e atribuída ao general romano Pompeu por Petrarca, poeta italiano. Segundo Plutarco (1952), tal frase buscava convencer os marinheiros a levarem um carregamento de trigo das províncias para a cidade de Roma, atravessando mares cortados por tormentas e ventos ameaçadores. Naquela época, as viagens eram aventuras perigosas, com embarcações frágeis, poucos recursos tecnológicos e muitos acidentes. Foi neste contexto que Pompeu teria proferido “Navigare necesse, vivere non est necesse”, transformada, no século XIV, por Petrarca em “Navegar é preciso, viver não é preciso” e retomada séculos depois por Fernando Pessoa (1997), em diálogo com a tradição portuguesa de navegantes.

Em 1969, Caetano Veloso lança, em ritmo de fado, a canção “Os Argonautas”, fazendo referência à frase. E eu, em 2018, reencontrando a poesia de Pessoa (1997, p.4), me deixei ser atravessada pela interrogação: por que “Navegar é preciso” e “viver não é preciso”?

Tentar responder essa questão que me colocava diante de um duplo sentido da palavra: “preciso”, que pode ser compreendido tanto como algo marcado por controle, realizado com rigor, com precisão, com exatidão, quanto como algo vivido como imperativo: é necessário navegar, atirar-se ao mar, buscar o desconhecido. O ato de navegar e de viver aparecem como forças a nos exigir tomar posição? Navegar como cingir mares? Navegar como atravessar pela escrita esta dissertação?

Tal como os navegadores de além-mar, minha viagem na pesquisa se fez através de medos e riscos, mas também de sonhos, ousadias, persistências, surpresas, idas e vindas. Se navegar é preciso, penso que escrever também o é. Os perigos de uma viagem não podem ser totalmente mensurados ou projetados. Início a escrita de minha dissertação pensando a viagem como um “território de passagem” (LARROSA, 2002), de uma experiência, onde estamos expostos a

A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. O radical é *periri*, que se encontra também em *periculum*, perigo. A raiz indoeuropéia é *per*, com a qual se relaciona antes de tudo a idéia de travessia, e secundariamente a ideia de prova. (LARROSA, 2002, pág. 25)

Dialogando com Larrosa (2002), tenho percebido minhas experiências como um lugar de encontro. Com isso, ao experimentar esta viagem, compreendida como a escrita de minha dissertação, trago como registro dos primeiros “encontros” que tive com a pesquisa, o meu “memorial”, texto que compartilha experiências, que me constituem na pessoa que estou sendo. Pensando junto com Lima, Geraldi e Geraldi (2015, p.20) que a “as apropriações das experiências e das narrativas de experiências variam muito em função da visão de pesquisa e da formação dos envolvidos”. Assim, fui aos poucos lembrando e registrando por escrito percursos, memórias e experiências.

Conceber as minhas trajetórias como uma viagem foi um processo desafiador. As perguntas que me fiz sobre meu caminho de vida pessoal e profissional, funcionaram como dispositivos contribuindo para a escrita deste texto: Por que revisitar situações, ocorridas comigo, que considero importantes e escrever sobre elas? Por que é importante narrar as experiências que me aconteceram? Como esta ação pode ser autoformativa? Como surgiu a oportunidade de analisar, refletir e escrever sobre memórias que me inquietam?

Recordo-me que em fevereiro de 2018, após participar do processo seletivo para o Programa de Pós-Graduação – Processos Formativos e Desigualdades Sociais (PPG-EDU), da Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo (FFP), pertencente à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), ao verificar que tinha sido aprovada, fiquei muito feliz e logo compartilhei a notícia com as professoras que trabalhavam comigo. Desde o primeiro dia como mestranda, fiz parte do Grupo de Pesquisa Alfabetização Leitura e Escrita (GPALÉ) que até outubro de 2019 era coordenado pela professora Jacqueline Morais (*in memoriam*).

Durante minha participação nos encontros destaco que semanalmente o GPALÉ se reunia com o Grupo de Estudos e Pesquisas Alfabetização, Memória e Formação Docente, Relações Étnico-Raciais (ALMEFRE), coordenado pela professora Mairce Araújo. Nos encontros havia a participação de estudantes da

graduação e da pós-graduação. Como prática, tínhamos sempre os registros escritos das reuniões, realizados de forma alternada entre os/as integrantes, para que todas e todos tivessem a oportunidade de exercer a escrita e compartilhar suas reflexões de forma coletiva. Não havia um modelo único de registro. Acreditávamos que a livre escolha do tipo de texto, bem como a ênfase do que se considerava relevante para documentar, nos permitia conhecer formas outras de escrita. Com isso, li registros dos encontros sob forma de crônica, resumo, textos que citam poesias autoras e autores que lemos nas reuniões do grupo, uma diversidade que possibilitava ampliação e construção de conhecimentos sobre a arte de registrar. Até a finalização de minha dissertação os dois grupos mantinham esta prática e mesmo após concluir este trabalho pretendo continuar envolvida neste exercício coletivo de escrita que tanto fortalece nossas ações de pesquisa.

O GPAL e o ALMEFRE juntos formam outro coletivo: a Rede de Docentes que Narram sobre Infância, Alfabetização, Leitura e Escrita (REDEALE).

O coletivo REDEALE foi constituído em 2015, na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ), articulado ao coletivo “Rede de Formação Docente - Narrativas e Experiências” (Rede Formad), liderado pela professora Carmen Sanches e criado em 2010, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), como resultado do envolvimento entre coletivos docentes e grupos de estudos e pesquisas já existentes, de diferentes instituições. Além disso, o REDEALE também é vinculado ao Grupo “Vozes da Educação: memória, história e formação de professores”.

Dentre as diversas atividades que desenvolvi como mestrandia, integrante do GPAL, destaco a produção de meu memorial de formação, que compõe este texto e um dos primeiros exercícios de escrita realizado com as orientações da professora Jacqueline Moraes. Rememorar histórias de vida de forma autobiográfica sempre fez parte da produção de monografias e dissertações orientadas por ela. As alunas e alunos de graduação e de pós-graduação que fazem parte dos coletivos GPAL são convidados/as a relembrar memórias e ressignificar suas trajetórias por este gênero discursivo, como uma maneira de se perceberem sujeitos pesquisadores/as a partir de suas próprias histórias de vida.

Diante da proposta de escrever sobre minhas vivências encarando-as como experiências de formação e de autoformação, recebi inúmeras indicações de leitura

para tentar compreender como começaria a escrita de um texto sobre a trajetória pessoal e profissional que me constitui. Ao mesmo tempo em que pensava em minhas trajetórias, buscava nos referenciais teóricos como eu poderia compreender este gênero discursivo e me perceber como narradora de minha história. O que seria escrever sobre minhas memórias? Como as experiências que vivi poderiam estar articuladas às reflexões de sociólogos, antropólogos e historiadores? Qual seria a relevância metodológica deste movimento para iniciar um texto dissertativo?

Perguntar é uma das ações que mais realizei no mestrado. Em distintos momentos questionei minhas certezas e incertezas. Contudo, também escrevi sobre os aprendizados que colaboraram com as reflexões e indagações que nasceram a partir das leituras que me acompanharam neste processo. Com isso, inicio meu texto de dissertação com o objetivo de compartilhar o que alguns autores têm chamado de memorial de formação. Para Prado e Soligo (2005, p.54), este conceito “é acima de tudo uma forma de narrar nossa história por escrito para preservá-la do esquecimento.”

Esta reflexão me remete à denúncia que Benjamin faz sobre as experiências vividas que vão sendo apagadas, esquecidas, pela rapidez, pelo mito da novidade, pela falta de tempo para fiar e tecer (BENJAMIN, 1985).

Prado e Soligo (2005) nos convidam a lutar contra o esquecimento das experiências individuais, mas também coletivas produzidas ao longo da história. Para eles, a escrita memorialística seria uma forma de conservação no tempo e no espaço do vivido. Quanto à mim, o exercício de escrever sobre minha trajetória formativa, me exigiu o esforço de olhar para as situações que vivi, percebendo “experiências significativas”, momentos bons e alegres, bem como, aspectos dolorosos, difíceis de serem lembrados (BENJAMIN, 1985).

Parti do princípio de que devemos: “pensar as histórias e experiências vividas como algo a que se deve dar respeito” (MORAIS e ARAÚJO, 2013, p. 135). Isso significa potencializar acontecimentos que constituem trajetórias profissionais e percursos de vida, mesmo aqueles que parecem “desimportantes”, como diria Manoel de Barros (2010).

A escrita do meu memorial foi uma maneira de registrar as experiências que me constituíram ao mesmo tempo em que sou filha, estudante, mulher e também educadora. Permitiu-me refletir sobre situações que ao serem lembradas

puderam ganhar novos significados. Ao conceber o memorial de formação como uma maneira de escrever sobre a vida, percebi o quanto este processo é complexo e formativo.

Cunha(1997) conceitua memorial de formação, como um movimento de narrar a própria história como um diálogo entre as “práticas vividas” e as “construções teóricas” realizadas sobre elas. A autora também atribui à narração uma forma de “reflexão-ação”, na medida em que o sujeito que narra se reconhece como protagonista do cotidiano que vive e consegue, a partir de suas próprias concepções e leituras, dar sentido às suas práticas. A partir destas reflexões da autora, acredito ser importante apostar neste exercício de narrar e reconhecer nas próprias narrativas leituras e concepções teóricas já estudadas. Entretanto, questiono que narrar seja um exercício que se articule à todas as situações reais de vida, que permitem reflexões e problematizações conceituais. Pude vivenciar essa relação ao longo da escrita do meu memorial. Em muitos momentos, ao relatar uma cena vivida, busquei autores e conceitos para melhor compreendê-las. Assim, escrever sobre a vida e estudar seus sentidos e contextos não são ações excludentes.

Outro autor que tem me ajudado a compreender a escrita de memoriais de formação tem sido Foucault a partir do conceito de “escrita de si”, que para ele representa um movimento de busca daquilo que nos forma. Foucault diz que a experiência com os livros que lemos e a experiência que temos com eles, faz parte de nossa formação. Segundo o autor, a escrita é uma maneira de “recolher a leitura feita e nos recolhermos sobre ela.” (FOUCAULT, 1992, p. 133). Considero que essas reflexões sobre a interlocução entre a leitura e a escrita, contribuíram para que eu pudesse entender melhor o que é dialogar com os livros que lemos. O conceito de “escrita de si” trouxe para o meu memorial de formação algumas leituras que dialogam com as experiências formativas que vivi.

Em relação ao conceito de experiência me remeto a Larrosa (2001), que ao discutir sobre o “saber da experiência”, afirma que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (LARROSA, 2001, p. 21). Escrever sobre minha trajetória me colocou frente ao desafio de descobrir aquilo que se constituiu como experiência em minha vida e, a partir disso, escrever sobre elas, sabendo que não são as verdades do vivido, mas uma versão, um olhar sobre o que se passou.

A escrita memorialística me possibilitou atualizar o que me ocorreu no passado em diálogo com o momento que vivo atualmente, bem como compreender algumas inquietações que emergem a partir de minha história de vida, e que como mestranda, tive a oportunidade de retomá-las e trazê-las para o campo acadêmico como elementos de pesquisa.

Ao rememorar o que passou com o olhar do presente foi possível problematizar as experiências numa perspectiva investigativa, concebendo-as como fontes de pesquisa a serem exploradas. A articulação entre passado e presente explica o motivo da escrita memorialística não ser sequencial e linear. Assim, pude narrar experiências que vivenciei em diálogo com as leituras que tenho hoje e com este movimento comecei a perceber como essas experiências, ao serem narradas, podem se tornar referências formativas.

Benjamin diz que o narrado “conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver.” (BENJAMIN, 1985; p.204). Diferentemente de um conteúdo informativo que só tem valor no momento que é exposto, a narrativa não se esgota em si. Ainda que com o passar do tempo, ela consegue causar impacto, suscitar reflexões e sensações diversas, desenvolvendo múltiplas interpretações.

A identificação dos lugares por onde passei foi um dos movimentos importantes na escrita deste memorial, levando em conta que somos constituídos pelas pessoas com as quais nos relacionamos e que isso se dá em certos tempos e espaços.

Memórias dos espaços que me constituem: afinal o que posso contar?

Podemos ir mais longe e perguntar se a relação entre o narrador e sua matéria – a vida humana – não seria ela própria uma relação artesanal. Não seria sua tarefa trabalhar a matéria-prima da experiência – a sua e a dos outros – transformando-a num produto sólido, útil e único.

Walter Benjamin

Sobre a reflexão do que contar, no que tange a minha trajetória, escolhi iniciar destacando o lugar onde nasci e vivi minha infância e adolescência: o Complexo do Estado que fica localizado no centro da cidade de Niterói, no Rio de Janeiro e reúne três favelas: Morro da Chácara, Morro do Arroz e Morro do Estado, como podemos ver na figura 1, no trecho destacado em amarelo.

Figura 1 – Complexo de favelas: Morro do Arroz, Morro da Chácara e Morro do Estado



Fonte: Imagem satélite do Google¹

Residi por 19 anos no Complexo do Estado, mais especificamente no Morro da Chácara. Estudei durante o Ensino Fundamental numa escola que fica bem próxima a casa em que eu morava. Nas proximidades desta favela também existe uma Unidade Municipal de Educação Infantil, onde em 2014, após ser aprovada em concurso público, trabalhei como agente administrativo educacional por quatro anos.

Por muito tempo de minha vida, pouco falei sobre minhas origens. Intuí que sofreria preconceito por contar que era favelada. Hoje ao produzir este trabalho tenho a possibilidade de falar da minha trajetória como forma de resistência, para mostrar que a mesma favela representada pelas notícias das páginas policiais, reflexo de uma sociedade desigual economicamente e socialmente, também é o lugar onde moram jovens estudantes, pesquisadoras e pesquisadores, professoras e professores, trabalhadoras e trabalhadores.

Segundo dados do IBGE (2010), compilados a partir do último censo demográfico realizado, este complexo de favelas possui cerca de 1459 residências, 4979 moradores sendo 2350 homens e 2629 mulheres. Em cada domicílio moram de 3 a 4 pessoas. Esses dados mostram que a população feminina é maior que a masculina.

Penso ser importante cruzar esses dados com o levantamento feito a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Segundo a PNAD, dos mais de 71

¹Imagem satélite obtida pelo Núcleo de Estudos e Projetos Habitacionais e Urbanos (NEPHU) da Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <http://nephu.sites.uff.br/programa/mapeando-conflitos/mapeando-comunidades/comunidades-de-niteroi/morro-da-chacara-e-do-arroz/>

milhões de famílias residentes no Brasil, 42% são chefiadas por mulheres, em sua maioria, solteiras. Ou seja: dos 30 milhões de famílias que têm mulheres como referência, em apenas cerca de um terço dos casos, há um cônjuge ao seu lado. Estes são dados de 2015, os mais recentes disponíveis até o momento da escrita de minha dissertação. Talvez isso explique a presença majoritária das mulheres na favela. Os homens não são a figura de referência familiar em grande parte das casas brasileiras.

A proporção de famílias chefiadas por homens sem cônjuge apontada pelo IBGE, cerca de 3,6%, nos permite pensar que são as mulheres as que mais frequentemente ficam e cuidam das crianças quando uma gravidez ocorre ou quando um relacionamento amoroso termina e há filhos. Se em 2012 o percentual de famílias chefiadas por mulheres era de 22,7%, cerca de 23,26 milhões de residências, em 2018², segundo o IBGE esse número chegou a 28,5%, cerca de 30 milhões de lares. Desta forma, vivi em um contexto no qual as mulheres representavam e ainda representam a força de trabalho e o protagonismo de vida. Os dados confirmam: somos maioria nas favelas e na vida das crianças.

Figura 2: Morro da Chácara e Morro do Arroz



Fonte: Jornal O globo online³

Em boa parte da minha infância fiquei circunscrita à distância entre minha casa e a escola que estudava, ambas localizadas no Morro da Chácara. Uma distância de aproximadamente vinte metros separava uma da outra.

² Reportagem sobre o número de famílias chefiadas por mulheres. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/cai-pelo-segundo-ano-consecutivo-numero-de-familiaschefeidas-por-homens-mostra-ibge-22625938>> Acesso em: 05 mai de 2018.

³ Imagem feita pelo jornal “O Globo online” Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/bairros/chuvas-fortes-agravam-drama-de-moradores-do-morrodo-arroz-em-niteroi-22452310>> Acesso em 05 mai. de 2018.

Eu ia para a escola diariamente. Meus cadernos eram sempre encapados pela minha mãe. Ela pedia para eu cuidar do material escolar e fazer sempre o que a professora pedisse. Eu procurava obedecer. Valorizava as atividades que eram passadas, copiava tudo que estava no quadro e fazia todas as lições na escola e em casa.

Ao lembrar dos conselhos da minha mãe, percebo que ela acreditava que a escola poderia ser um lugar de muitas aprendizagens, de busca pelo saber. Minha mãe sempre dizia que eu precisava ser “alguém na vida” e que eu necessitava ter um futuro diferente do que ela teve. Acreditava que o acesso à escola possibilitaria alguma condição de melhoria de vida.

Percebo à luz das análises de Spósito (1984) que a escola possibilitou que eu tivesse condições mínimas de conseguir um emprego. Concluí o Ensino Médio e me empreguei, mas minhas condições de existência não ficaram muito distintas das que vivi durante a infância. Spósito traz uma importante reflexão sobre a concepção da “mudança de vida” pelo acesso à educação.

Para quem nunca foi à escola, ou detém uma fugaz lembrança infantil de sua passagem, o saber que se pode aprender torna-se fundamental. Ele constitui o sonho que articula o projeto da mudança de vida. Essa mudança não se explica pela ideia de fuga das condições de existência ou apenas pela participação no mercado de bens que não possuem. O projeto que busca o diverso exprime o modo possível de recusa da exploração e da subordinação social pelos que são responsáveis pela produção da riqueza material e são impossibilitados, no quadro da posse privada, de usufruí-la. (SPÓSITO, 1984; p. 371).

Minha família, sobretudo minha mãe, acreditava que era importante eu ir à escola para “melhorar minha condição de vida”. Boa parte da minha família, meu pai, meus avós e alguns tios não chegaram a concluir o Ensino Fundamental, ou seja, a primeira etapa da educação básica. Entretanto, a escola para eles era o melhor lugar para minha geração, era o sonho que eles tinham para mim, meus irmãos e primos, “o sonho que articula o projeto da mudança de vida.” (SPÓSITO, 1984, p. 371).

Ao recordar minhas memórias de escola, lembro-me que na sala de aula os livros de contos infantis ficavam guardados no armário e eram disponibilizados pela professora para que lêssemos ou foliássemos quando terminássemos de “fazer o dever”. Um dia pedi para levar um livro para casa. A professora disse que naquele

momento não podia, mas que faria uma surpresa, para a turma, assim que acabasse o ano letivo.

Em dezembro daquele ano, durante a festa de comemoração de nossa ida para a primeira série do ensino fundamental, denominada “Formatura da Alfabetização”, os livros estavam lá, arrumados numa mesa, nos esperando. Essa era a surpresa prometida pela professora: cada aluno poderia pegar um e levar para casa como presente da escola. Eu já sabia ler. Procurei um livro que se identificasse comigo. “O Patinho Feio” foi a minha escolha.

- “Quem sabe um dia me transformaria em um lindo cisne” – pensava.

Após isso, tirei uma foto com a professora e esperei a entrega de um simbólico “certificado” que marca meu primeiro ano de escolaridade e que guardo até hoje.

Figura 3: Festa na escola



Fonte: Arquivo pessoal: 1997.

Os cadernos, meus e dos meus irmãos, eram supervisionados pela minha mãe diariamente. Alegrava-me ver as folhas que sobravam ao final de cada ano letivo, pois as utilizava para fazer o que quisesse, eu gostava muito de desenhar e escrever textos.

Antes de ir para o segundo segmento do Ensino Fundamental, participei de um concurso de desenho e redação na escola que estudava. O prêmio era um passeio para a “Terra Encantada” que ficava localizado na Barra da Tijuca. Cerca de quarenta quilômetros separavam a minha casa do parque. Lembro-me de que era um sonho de muitas crianças do Morro da Chácara ir a esse lugar. Para minha

surpresa, eu fui premiada para passar um dia na “tão sonhada Terra Encantada”. Ter sido acompanhada pela minha tia Bárbara para ir a este passeio é uma das coisas que me recordo. Meus pais, por alguma razão não tinham possibilidade de ir comigo. Então, minha tia Bárbara gentilmente se ofereceu para ir, pois os alunos contemplados precisavam estar acompanhados por um familiar adulto.

Para escrever sobre essa memória, entrei em contato com minha tia Bárbara para saber se ela tinha lembranças sobre esse dia. Destaco as palavras que ela disse ao telefone e que muito me emocionaram: “Ah Isa, foi um dia incrível! Eu nunca tinha ido a um parque daquele tamanho antes. Estava chovendo um pouco, mas nos divertimos muito. Para mim foi uma viagem inesquecível!” Ao escutar isso, respondi que tinha sido um passeio e não uma viagem, pois o endereço do parque era dentro do estado do Rio de Janeiro e nós retornamos no mesmo dia. Porém minha tia Bárbara continuou insistindo: “Isa, pela distância, foi uma viagem sim!” Concordei com minha tia. Despedimo-nos. Desliguei o telefone e comecei a refletir sobre a afirmação da minha tia Bárbara no que tange à viagem: O que caracteriza uma viagem? Por que a ida a um parque que fica no estado que residimos, para ela foi uma viagem? Por que eu não considero esse passeio uma viagem?

Convivo com minha tia Bárbara desde criança. Sempre vou à casa dela e sei que ela nunca fez uma viagem para outro estado ou outro país. Em minha infância, o passeio à “Terra Encantada” foi uma das poucas vezes que percorri uma longa distância para chegar a um lugar. Quem, neste país de desigualdades, vive a viagem como direito humano?

O segundo passeio, de longa distância, que me recordo foi para Aparecida do Norte, um município do interior do estado de São Paulo. Foi uma excursão organizada por amigos dos meus pais e familiares para conhecer a Basílica de Nossa Senhora Aparecida. Não foi uma viagem religiosa, mas participamos de uma missa e passeamos pelo entorno da igreja. Fomos numa sexta-feira à noite e retornamos no dia seguinte. Lembro-me de contar aos meus amigos da escola sobre essa “viagem” que eu tinha feito com meus pais para “conhecer São Paulo”.

Quando completei onze anos comecei a me dar conta da difícil situação que minha família vivia. Nessa época meu pai estava desempregado e minha mãe trabalhava numa escola como auxiliar de creche. Eu iria cursar o quinto ano do Ensino Fundamental, teria mais de um professor e precisava de um caderno maior.

O ano letivo já havia começado. Meus pais não tinham dinheiro para comprar nosso material escolar.

Aprendi com uma tia, irmã da minha avó Linda⁴ a passar rifas para conseguir algum dinheiro para ajudar meus pais. Eu a ajudava a vender os números para o sorteio das peças de artesanato que ela fazia. As peças demoravam um pouco para serem concluídas. As aulas já tinham começado e minha tia não tinha sequer um pano de prato pronto. Com a notícia da falta dos cadernos, tive a iniciativa de passar minha própria rifa. Aproveitei a Páscoa e lancei um sorteio de dez caixas de bombom. Dizia para as pessoas que eu tinha mais confiança, minhas tias, avós, madrinhas e amigos mais próximos de minha família, que a rifa era para comprar os cadernos para que eu e meus irmãos fôssemos para escola. Rapidamente vendi todos os números. Com metade do dinheiro comprei o prêmio do ganhador, as caixas de bombom, e com a outra metade, adquiri os cadernos.

Lembrar dessas caixas de bombom me remete à uma reflexão sobre o cotidiano das classes populares. “As maneiras de fazer os problemas cotidianos terem uma solução que se revelam como táticas.” (CERTEAU, 1998; pág. 47). A ajuda mútua, “a maneira de aproveitar a ocasião sem capitalizar seus proveitos” (p.47), mas contando com a ajuda de parentes e amigos para obter êxito, como na ação realizada por mim, na qual não tinha interesse em fazer das rifas um comércio permanente, mas usá-la apenas para satisfazer uma necessidade imediata. Essas táticas, elaboradas no cotidiano, são o que Certeau, chama de “pequenos sucessos” que segundo o autor são exemplificados nas ações que realizamos durante a vida, tais como: cozinhar, ir ao mercado, trabalhar, ou seja, as atividades que exercemos para garantir nossa sobrevivência.

Em 2004, para ajudar nas despesas da casa, eu e meu irmão, já adolescentes, começamos a participar do Programa “Agente Jovem”. Tínhamos que estar matriculados na escola, no ensino regular. No projeto, ganhávamos um cheque mensal de R\$ 65,00 e participávamos de oficinas sobre cidadania e mercado de trabalho no contraturno da escola. Este valor que recebíamos representava exatamente 25% do salário mínimo vigente à época.

⁴ Carlinda da Silva Ramos – minha grande Vó Linda, a quem dedico *in memoriam* a produção deste trabalho. Ela contribuiu significativamente para que eu conseguisse estudar. Ensinou-me a cozinhar e a superar os limites da vida.

Camacho, (2004) descreve o Programa Agente Jovem no artigo intitulado “Projeto Agente Jovem: Ação, Programa ou Política Pública?”. Segundo a autora trata-se de uma política pública para a juventude do Governo Federal instituída nos anos 2000. Camacho (2004) faz uma crítica ao programa, sobre a concepção de jovem, das classes populares, como um “problema social” e as propostas desenvolvidas com eles, que buscam apenas a inserção dos jovens no mercado de trabalho e o distanciamento deles do mundo das drogas e da criminalidade. Com isso, a autora afirma que o programa possuía cunho compensatório e corretivo e estava longe de ser uma política transformadora que visasse incluir e integrar o jovem reconhecendo-o como sujeito de direitos em suas múltiplas potencialidades.

Na época em que participei de tal projeto eu não imaginava que eu e meu irmão éramos considerados jovens em situação de vulnerabilidade social. Hoje, a partir da leitura de textos que discutem o que trago de reflexão para o meu memorial, me pergunto se outras pessoas que tiveram ou tem uma trajetória parecida com a minha, tem a dimensão da classe social a que pertencem. Por outro lado, a classificação a que eu estava sujeita pelo Programa, mostra o quanto se coloca a distância de quem vive certo contexto social e de quem fala sobre ele, e conseqüentemente, sobre o outro.

Segundo Valla (1996, p. 179), “A própria forma de relatar uma experiência indica a concepção de mundo de quem faz o relato.” O autor acrescenta que muitas vezes a população atendida por determinada ação política, seja um projeto ou programa de governo, de alguma instituição pública ou privada, tem uma concepção distinta sobre a mesma experiência, daqueles que a executam. Neste sentido, ainda que hoje eu leia artigos que discutem sobre os programas sociais nos quais fui beneficiada, é compreensível que eu não aceite, tampouco concorde, com as características descritas por tais propostas sobre a população por ela atendida.

A participação no Programa Agente Jovem aconteceu quando eu estava no último ano do Ensino Fundamental. Nesta época fui escolhida dentre os alunos da minha turma para participar de um processo seletivo junto com outros alunos de outras escolas municipais e estaduais para ganhar uma bolsa de estudos para cursar o ensino médio em uma escola da rede privada. Esta seleção fazia parte do “Programa Fortalecendo Trajetórias” do Instituto Jelson da Costa Antunes (IJCA), uma Organização não Governamental (ONG). Foram três etapas que tinham como

objetivo identificar os alunos que tinham o perfil para ganhar a bolsa de estudos: prova escrita; visita de uma assistente social à residência dos participantes e entrevista dos alunos com uma psicóloga. A assistente social visitou minha família em um domingo. Era o dia em que minha mãe tinha tempo para recebê-la. Eu fiquei com muita vergonha da minha casa. A Assistente Social foi bastante calma e objetiva em suas perguntas. Concluiu a entrevista nos trazendo informações importantes sobre o projeto. Eu fiquei curiosa por saber qual tinha sido a avaliação dela. Ofereci-me para levá-la ao ponto de ônibus. Conversamos e eu disse que se eu ganhasse aquela bolsa, seria meu presente de quinze anos. E foi. Estudei durante todo o Ensino Médio em uma escola da rede privada do município de Niterói.

Dentre as distintas memórias que tenho “desse tempo de escola” que muito enriqueceram minha formação pessoal, destaco que quando cursava o segundo ano do Ensino Médio, fui sorteada entre os bolsistas, para assistir o musical da Broadway "My Fair Lady" na cidade de São Paulo, bem como visitar a exposição "Corpo Humano: Real e Fascinante".

Esta viagem foi organizada pela escola que eu estudava e todos os alunos do Ensino Médio, ao pagar as passagens de ônibus e os ingressos para o teatro e para a exposição, puderam participar. Havia apenas um pacote gratuito disponibilizado pela agência de viagem e eu fui a contemplada para usufruir dele. Recordo-me que fiquei com um pouco de medo de participar. Ficaria longe de casa, pela primeira vez, sem a minha família, por três dias para ir para outro estado. Contudo, estava feliz pela oportunidade, pois finalmente, com dezesseis anos de idade, iria conhecer um teatro. Foi uma experiência muito bacana, até hoje me emociono quando me recordo do quanto fiquei encantada com o tamanho e a beleza do teatro.

Na época em que participei do projeto “Fortalecendo Trajetórias” da ONG IJCA eu sonhava com muitas coisas, mas a principal delas era poder dar uma vida melhor para minha família. Um dia perguntei para o meu pai qual era a profissão que tinha maiores salários. Ele estava trabalhando em um cartório como *Office Boy* e me respondeu que eu poderia ser advogada e depois me tornar juíza. Durante todo o Ensino Médio, quando me perguntavam qual curso eu escolheria para fazer as provas do vestibular, eu respondia que faria o curso de Direito, que seria

advogada. Uma dessas conversas foi publicada no livro que conta a história do IJCA⁵.

Na época do vestibular optei pelo curso de Direito como primeira opção e como segunda o curso de Serviço Social. Consegui passar para o curso de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense.

Universidade: espaço formativo para as classes populares?

Ao entrar para a universidade eu precisava trabalhar para ajudar minha família com as despesas domésticas. Já havia me informado sobre possibilidades de bolsas acadêmicas na universidade, estágios e outras fontes de remuneração que incentivam a permanência de alunos no Ensino Superior. Relembrar essa experiência contribui para o debate sobre o ingresso e permanência de jovens das classes populares na universidade. A escolha do curso, como se organizam para sustentar as despesas que um curso superior demanda e outras questões que perpassam pela vida de um universitário.

Segundo Côco et al. (2013) os jovens da classe popular ao ingressar no Ensino Superior possuem muitas expectativas. As autoras, a partir de narrativas de universitários oriundos da classe popular afirmam que os estudantes possuem em comum, “vivências de dificuldades, renovação das esperanças e superação dos entraves...” (CÔCO et al. 2013, p. 38). Ou seja, muitos são os obstáculos para conquistar uma profissão de nível superior, e o conceito de superação é um dos mais utilizados por aqueles que conseguem alcançar o diploma.

Conseguir uma vaga em um curso superior numa universidade pública, para mim, foi uma grande conquista, mas que adiava um pouco a minha entrada no mercado de trabalho, o que incomodava bastante meus pais. Eles sabiam que eu demoraria no mínimo quatro anos para me formar, para eles, se eu optasse por um curso técnico, poderia estar empregada rapidamente.

Lembro-me que meus pais sempre diziam: “ao completar dezoito anos, você e seus irmãos já precisam estar trabalhando, precisam aprender uma profissão para ajudar em casa.” Certeau (1998) me ajuda a compreender que meus pais, ao pensarem em minha entrada no mercado trabalho, o mais rápido possível, como

⁵Livro disponível no site: <<https://issuu.com/institutojca>> Acesso em: 10 de jun. de 2018.

forma de ampliar nossa renda doméstica, tinham “uma maneira de pensar investida numa maneira de agir, uma arte de combinar indissociável de uma arte de utilizar.” (pág. 43). Ou seja, eles manifestavam um desejo que mobilizava uma estratégia de sobrevivência de nossa família. Eu e meus irmãos crescíamos, tínhamos outras necessidades que demandavam maiores recursos financeiros e por isso eles nos incentivavam a ter um emprego o mais rápido possível. Eu até produzia doces, salgados, vendia bem e ajudava em casa, mas eles queriam ver a minha carteira de trabalho assinada. Entendia a preocupação deles, pois para muitas pessoas isso significa estabilidade no emprego, salário garantido, direito a férias e décimo terceiro. Atualmente esta concepção tem perdido valor haja vista o projeto de Lei nº 13.467/2017 instituído pelo Governo Federal em 2017 que tem como principal objetivo o desmonte das políticas trabalhistas.

Ao recordar minha trajetória na universidade, me remeto também à reflexão sobre o quantitativo de jovens que abandonam os estudos porque precisam trabalhar. Em um documento elaborado pelo INEP (Instituto de Estudos e Pesquisas) denominado Resumo Técnico Censo da Educação Superior, encontramos dados quantitativos sobre acesso e permanência dos estudantes nas instituições de nível superior. Em 2018 foi publicado o documento referente ao ano de 2015 revelando que, em média, apenas 15% das alunas e alunos matriculados concluíram os cursos de nível superior nos centros universitários, nas faculdades, nos institutos federais e CEFETs (RESUMO TÉCNICO, 2018). Este documento não aponta os motivos da evasão escolar ocorrida em 2015, mas compreendo ser um dado importante, pois ele demonstra que entre o trabalho e os estudos, muitos jovens têm escolhido a sobrevivência.

Destaco que essa é uma decisão muito difícil, pois a vida material nos cobra diariamente e talvez àquelas e àqueles oriundos das classes populares sejam os que mais sentem na pele a tensão de ter que cuidar da própria sobrevivência e a de suas famílias. As contas de luz, água e os gastos com comida e roupa são necessidades básicas que garantem nossa sobrevivência. Muitas famílias das classes populares têm dificuldade de manter seus/suas filhos/as, sobrinhos/as e netos/as na universidade. As oportunidades de bolsas acadêmicas existem, mas não conseguem atender a todos os universitários.

Considero que a minha entrada na universidade faz parte de uma importante política pública implementada durante o governo Lula no período de 2007 a 2010. Trata-se do Programa Universidade para Todos que segundo Ristoff (2011), “a gratuidade do ensino superior público prevista no artigo 206, IV, da Constituição Federal nunca tinha sido tão contemplada como no segundo governo Lula⁶”. (pág. 30). Ainda de acordo com o autor, esta política de expansão e democratização do ensino superior listou vinte e cinco linhas de ação para “democratizar o acesso e a permanência da população pobre.” (pág. 30). Dentre essas propostas que o autor descreve, destaco a ampliação do acesso à bolsas universitárias: Programa de Iniciação Científica (PIBIC), Programa de Iniciação à Docência (PIBID), Programa Especial de Treinamento (PET) e os Programas de Extensão.

A partir do ano 2016, com o golpe parlamentar que resultou no afastamento por *impeachment* da então Presidente da República Dilma Rousseff, assistimos ao desmonte de inúmeras políticas públicas do campo da educação. Inicialmente com o governo de Michael Temer, o vice-presidente que assumiu o governo após a saída de Dilma Rousseff, o desmonte seguiu em 2019, com o Presidente eleito Jair Bolsonaro.

Em fevereiro de 2019, foi publicada em uma revista ⁷ de grande circulação no Brasil, uma entrevista como primeiro Ministro da Educação Ricardo Vélez, nomeado pelo Presidente Jair Bolsonaro, no mandato que se iniciou em janeiro de 2019. Nela, Vélez afirma que “a universidade não é para todos, que representa uma elite intelectual a qual nem todo mundo está preparado ou para a qual nem todo mundo tem disposição ou capacidade.”

Como resposta à fala do ministro, a presidente do movimento “Todos pela Educação”, Priscila Fonseca da Cruz, afirmou que a educação brasileira precisa de um enfoque voltado para garantir a aprendizagem dos alunos, “com formação de professores, escolas bem geridas, com tempo integral, com material didático de qualidade, com uma boa base nacional curricular.” Além das declarações feitas por

⁶ O mandato do Presidente Luis Inácio Lula da Silva abrangeu o período de 2003 a 2011 e foi marcado pelo aumento real do salário mínimo, aumento das vagas no Ensino Superior e outras ações que contribuíram para o crescimento econômico e desenvolvimento social do país.

⁷ Reportagem da revista veja sobre a manifestação do Ministro da Educação Ricardo Vélez Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/oposicao-quer-que-velez-rodriguez-explique-declaracoescontra-brasileiros/>> Acesso em: 07 de Jun. de 2018.

ela na reportagem⁸ publicada em diferentes canais de comunicação, também contamos com a fala do Senador Randolfe Rodrigues contestando que o argumento do Ministro Ricardo Vélez fere um direito garantido por lei. Na Constituição Federal Brasileira, o artigo 205 diz que “a educação, é direito de todos e é dever do Estado.”

Ao me deparar com essa reportagem sobre o posicionamento político de um Ministro da Educação, no momento em que escrevo minha dissertação, não poderia deixar de trazer esse complexo acontecimento, que coloca em risco a entrada de jovens como eu, em cursos de graduação e pós-graduação nas universidades públicas. A atuação do Governo Bolsonaro que se inicia em 2019 foi marcada por inúmeros discursos que atacam as políticas públicas educacionais para o ensino superior que arduamente buscaram ser consolidadas durante o Governo Lula.

Neste sentido, afirmo que posicionamentos que impulsionam a exclusão social, precisam ser amplamente divulgados e questionados. Concebo a escrita de meu memorial de formação, também como uma forma de resistência e luta pela ampliação do acesso e permanência de jovens que, assim como eu, enfrentam diversos desafios para participar da vida acadêmica, como estudantes universitários.

Acrescento que tive oportunidade de viver intensamente a vida universitária. Fui ouvinte em algumas atividades acadêmicas e em outras, participei como bolsista. Destaco o projeto “As artes de fazer a educação em ciclos”⁹, no qual fui Bolsista de Iniciação à docência. Houve também o vínculo como bolsista de extensão no projeto “Feira de trocas da Incubadora de Empreendimentos em Economia Solidária” na Universidade Federal Fluminense.

Ser bolsista de Iniciação à Docência possibilitou-me a produção de um texto com outra bolsista que também participava do projeto “As artes de fazer a educação em ciclos”. Este artigo foi publicado e apresentado no VI Encontro Nacional de

⁸ Reportagem sobre a contestação da Presidente Priscila Fonseca do Programa “Todos pela Educação” Disponível em: <<http://www.cartaeduacao.com.br/reportagens/as-universidades-devem-ficar-reservadas-para-umaeliteintelectualdizministrodaeducacao/>> Acesso em: 10 de Jun. de 2018. Declarações do Senador Randolfe Rodrigues, disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/02/05/de-claracoes-do-ministro-da-educacao-causam-polemica-e-provocam-reacoes-no-congresso.ghtml>> Acesso em: 15 de Jun. de 2018.

⁹ Projeto As artes de Fazer a educação em ciclos – “Projeto de pesquisa ensino e extensão “As “Artes de fazer” a educação em ciclos”³, coordenado pela professora RejanyDominick. “Este se consolidou em 2004, a partir da parceria entre a Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (FEUFF) e a Fundação Municipal de Niterói (FME)”. Disponível em: <http://www.uff.br/ciclosmemoriasdocentes/images/stories/Estudantes_ev.pdf>.

Didática e Práticas de Ensino que aconteceu em Campinas na cidade de São Paulo. Mais uma vez tive a oportunidade de viajar e conhecer outra cidade brasileira. Conseguimos financiamento da universidade e passamos cinco dias na cidade. Participamos do congresso e conhecemos o entorno da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Viver a experiência de apresentar um trabalho acadêmico em outro estado, ler textos de distintos autores e poder dialogar com as situações cotidianas, foram oportunidades que contribuíram para que eu começasse a pensar sobre o sentido de ser universitária. Ao revisitar minhas memórias compreendo que estar matriculada em uma universidade pública é não só participar formalmente do espaço acadêmico, mas, sobretudo estabelecer a articulação com o que se vive neste lugar e em outros espaços formativos. Dessa forma, estudar, escrever, entregar trabalhos e fazer provas são algumas das exigências institucionais para a obtenção de um diploma, mas a vida acadêmica não pode se resumir ao que se poderia considerar meras formalidades. Existem muitos outros espaços na universidade que precisam ser ocupados e explorados tais como: projetos de iniciação científica, de extensão, grupos de pesquisa, centros e diretórios acadêmicos, seminários, congressos, corredores, cantinas, bibliotecas, pátios. Muitas vezes são nesses lugares que encontramos o sentido de ser universitário.

Para ter acesso às bolsas acadêmicas eu observava os murais expostos pelos corredores do prédio que estudava. Anotava os dados dos processos seletivos e dos eventos que aconteciam e procurava participar sempre que podia. Esse movimento era uma orientação dos professores que pediam para que ficássemos sempre atentos ao que estava escrito fora da sala de aula, alguns até divulgavam as atividades que ocorriam.

Os projetos que participei durante a graduação permitiram que eu conhecesse muitos espaços, dentre eles destaco: a Faculdade de Educação (FE/UFF) e o Instituto de Ciências Humanas e Filosofia (ICHF), situados no campus Gragoatá. Destaco também as escolas municipais de Niterói, onde fui estagiária e pesquisadora. Boa parte dos projetos que participei como bolsista tinham como local a sala de aula, sobretudo os anos iniciais da educação básica.

Além da participação em projetos de iniciação à docência e de extensão, também acompanhava meu namorado Fábio, que atualmente é meu esposo, em

eventos que envolviam a Pastoral Universitária. Lembro-me de termos recebido ajuda financeira da Arquidiocese de Niterói para participarmos do II Encontro Brasileiro de Universitários Cristãos (EBRUC)¹⁰, em Curitiba no estado do Paraná. Fiquei encantada com a cidade. Participamos do congresso no Colégio Marista Santa Maria e aproveitamos os intervalos, para passear por Curitiba. Foi um evento ecumênico que reuniu aproximadamente 550 pessoas em sua maioria jovens universitários de diferentes regiões do Brasil, bem como da Argentina, Chile e Guiné Bissau. Durante o evento participamos de palestras, rodas de conversa, dinâmicas e outras atividades que tinham como tema “Educação e Cultura: areópagos da missão” e lema “Falamos daquilo que sabemos, testemunhamos o que vimos” para refletir sobre o papel do cristão na universidade. Ao final do encontro, fomos agraciados com um show do grupo musical “A banda mais bonita da cidade”.

Diante das experiências que vivi enquanto universitária posso dizer que todos os aprendizados contribuíram de maneira significativa para que eu me tornasse a profissional que sou hoje. Concluí minha primeira graduação, em Serviço Social, em 2014. Porém, ao participar de projetos que me aproximavam do saber docente, descobri que eu gostava da ideia de “ser professora”.

Acredito que ser professora não significa apenas saber ensinar, mas também colocar-se à disposição do aprender, ou seja, aprender com os educandos ao mesmo tempo em que se ensina algo a eles. Segundo Paulo Freire, (2001) “O ensinante aprende primeiro a ensinar, mas aprende a ensinar ao ensinar algo que é reaprendido por estar sendo ensinado.” (FREIRE, 2001, pág. 259). O autor no texto “Carta aos professores”, além de dizer que é necessário o professor ter a postura de aprendiz, também enfatiza que todo educador precisa ter uma sólida formação inicial, bem como, se colocar em constante formação, em atividade de estudo e pesquisa sobre seu fazer profissional.

Pelo desejo de ser professora, decidi prestar novo vestibular em 2013. A espera da lista dos aprovados foi tão angustiante quanto a primeira vez que fiz o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). A partir do resultado da prova, pelo cadastro no Sistema de Seleção Unificada (SISU) escolhi a UNIRIO – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO) para cursar pedagogia à distância pelo Centro

¹⁰ Vídeo sobre o EBRUC Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=KRDXfleuzi8>>Acesso em 04 de Jul. de 2019.

de Educação à Distância do Estado do Rio de Janeiro (CEDERJ). Iria começar a trabalhar, pois tinha sido convocada para assumir o cargo de Agente Administrativo Educacional na Fundação Municipal de Educação de Niterói como funcionária estatutária, resultado de um dos concursos para os quais prestei. Precisaria conciliar o trabalho com os estudos, por isso optei por fazer o curso de Pedagogia à distância.

A oportunidade de abordar parte da minha trajetória em minha dissertação possibilitou-me compreender que minhas vivências estão relacionadas a um contexto social que envolve outros sujeitos, outras vidas. Neste sentido, percebo não só o caráter autoformativo de um memorial de formação, mas também o vejo como um dispositivo que pode contribuir com a formação pessoal e profissional de outras pessoas.

Como integrante do Grupo de Pesquisa Alfabetização Leitura e Escrita participei de diversos eventos de formação, tais como: seminários, congressos e rodas de conversa e as reuniões semanais com o grupo, que contribuíram significativamente para minha inserção no curso de mestrado. Dentre essas atividades, destaco o “IV Encuentro Nacional del Colectivo Peruano de Docentes que hacen investigación e innovación desde la escuela y su comunidad”, que ocorreu na cidade de Cajamarca, no Peru, onde participei com as professoras Jacqueline Morais e Mairce Araújo. O encontro faz parte das ações de pesquisa que vem sendo realizadas pelo REDEALE desde a sua criação em 2015.

Nossa ida ao Peru, no segundo semestre de 2018 permitiu a realização de uma pesquisa com professoras peruanas, professores peruanos e um professor colombiano, que também participavam do evento com o intuito de fortalecermos os estudos do grupo sobre a formação docente na perspectiva da Expedição Pedagógica. Enquanto me preparava para esta viagem, pensava nas oportunidades que tivera ao longo da vida para conhecer outros lugares: Por que foram poucas às vezes em que eu e minha família saímos de nossa cidade (Niterói – Rio de Janeiro) para outras localidades? O que diferenciaria a viagem ao Peru das outras viagens que já havia realizado?

Como parte das atividades do “IV Encuentro Nacional del Colectivo Peruano” mantendo uma proposta dos encontros anteriores, foi organizada uma atividade chamada Expedição Pedagógica, vivida ao longo do período em que estivemos na

cidade de Cajamarca. Durante a viagem ao Peru tive a oportunidade de conversar com professoras e professores latino-americanos e de participar de distintas atividades formativas além de uma Expedição Pedagógica que constituiu e ocupou parte significativa de nosso tempo no encontro e se configurou em visitas a algumas escolas de Cajamarca; também participamos de rodas de conversas; apresentações de trabalhos pelas professoras e professores que participavam do evento e noites culturais que nos possibilitavam conhecer um pouco da cultura de cada grupo envolvido no encontro. Cada uma dessas ações será detalhada no decorrer desta dissertação.

Algumas das indagações que me fiz ao longo do evento no Peru foram: Por que professoras e professores se encontram para compartilharem experiências educativas? Quais sentidos sobre suas práticas pedagógicas são fortalecidos ou ressignificados quando professoras e professores se encontram em um espaço coletivo? Como a experiência em um encontro de docentes, em outro país latino-americano, pode contribuir para minha formação docente? E para a formação das professoras e professores que estavam naquele encontro? E, sobretudo, quais deslocamentos foram vividos por mim e por professoras e professores naquele encontro? Essas perguntas foram me motivando e a pesquisa foi ganhando outros significados, uma pesquisa ia nascendo nesse movimento de indagação.

Fui percebendo que a conexão entre docentes na América Latina pode fortalecer as lutas vividas em cada país e que muitas vezes são similares, no que tange às políticas educacionais. A cada escola que visitávamos, cada conferência assistida, cada conversa com os outros professores e educadores aguçavam minha curiosidade em saber mais sobre as “Expedições Pedagógicas”.

Articulando minhas inquietações ao trabalho que vem sendo realizado pela Rede de Docentes que Narram sobre Infância Alfabetização Leitura e Escrita, comecei minhas reflexões sobre Expedição Pedagógica. Pensar a formação de professores/asna perspectiva deste movimento me possibilitou adentrar em um tema de pesquisa que possui múltiplas dimensões.

Neste sentido, em minha dissertação intitulada: “Conexões entre docentes latino-americanos em uma Expedição Pedagógica” abordo um tema que envolve distintos conceitos, dentre elas destaco: Expedição Pedagógica, viagem, formação de professores/as e América Latina.

Como um dos primeiros movimentos de pesquisa, realizei uma intensa busca na plataforma da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Pesquisei por teses e dissertações selecionando o período de dez anos. Compreendo que este recorte é uma forma de conseguir dados mais atualizados. O primeiro conceito que digitei foi “Expedição Pedagógica”, mas nenhum trabalho acadêmico foi encontrado. Em seguida, utilizei o termo “viagem”. Para este, encontrei o registro de 132 títulos. Para a América Latina, encontrei 10263 trabalhos, mas apenas 352 atrelados à área da educação. Para o item “formação de professores/as” fui direcionada a 11441 trabalhos na área da educação. Também articulei os quatro conceitos na busca: Expedição Pedagógica, formação de professores/as, viagem e América Latina, mas nenhum trabalho foi encontrado. Além da plataforma CAPES, também realizei uma ampla pesquisa em registros sobre Expedições Pedagógicas, sites, artigos e livros que discutem o tema. Acredito que buscar referências já existentes sobre uma pesquisa é relevante para uma investigação científica que se inicia, pois um estudo já realizado pode dar pistas sobre a pertinência do que estamos pesquisando bem como apresentar sugestões de outros caminhos sobre o tema e que ainda não foram explorados.

Minha busca por teses e dissertações me levou a alguns trabalhos, dentre eles destaco o texto intitulado: *Narrando uma experiência formativa: uma viagem pela América Latina*¹¹, que contribuiu para que eu tivesse contato com uma produção que trata de algumas experiências de viagem de uma estudante na América Latina. No texto, a autora constrói uma narrativa que resultou de uma experiência vivida durante quinze meses por sete países latino-americanos. Ela apresenta uma discussão demasiadamente relevante, pois pensa a educação em movimento, para além dos muros da escola, concebendo a viagem como um importante elemento neste processo. Por esse motivo considero que o trabalho realizado por Marina Ferreira Praça dialoga com minha pesquisa. Ainda que não seja sobre a Expedição Pedagógica. O texto desta autora me possibilitou mais um contato com um dos caminhos metodológicos que trilhei durante o mestrado.

Embora não hajam teses e dissertações brasileiras que abordem o tema “Expedição Pedagógica”, destaco que o tema vem sendo amplamente discutido por

¹¹ Dissertação sobre viagem pela América Latina Disponível em: <<https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/1315>> Acesso em: 15 de Jun. de 2018.

distintos autores latino-americanos, sobretudo colombianos, tais como (UNDA, 2002), (BERNAL, BOOM e BEJARNANO, 2009), (BOOM e GALEGO, 2018), (DAFLON, 2009), (GUARDIOLA IBARRA, 2018), (LIMA e DESCIO, 2012), (MORAIS, 2017), (MORAIS e ARAUJO, 2018), dentre outros. Todos esses autores contribuíram significativamente com o diálogo que realizei sobre o conceito nesta dissertação. Ao longo deste texto, tais autores serão abordados e discutidos de maneira mais ampla.

A partir da pesquisa bibliográfica que realizei, acredito que minha dissertação pode ser relevante para a discussão sobre formação de professores/as, não só por não ter encontrado até o momento em que fiz a busca no site da CAPES, dissertações ou teses que tratem do tema “Expedição Pedagógica”, mas também por se tratar de um movimento de formação docente entre pares envolvendo diferentes países da América Latina.

1) VIAGENS E EXPEDIÇÃO PEDAGÓGICA: CAMINHOS DE FORMAÇÃO DOCENTE

Viajar perder países! Ser outro constantemente, por a alma não ter raízes. De viver de ver somente! Viajar é assim viagem.

Fernando Pessoa

Embarcar e desembarcar. Viver a viagem trilhando por caminhos terrestres, marítimos, aéreos. Inventar trajetórias. Criar percursos. Improvisar direções.

Conhecer novos lugares, cidades, estados, países. Revisitá-los com o olhar de quem vê pela primeira vez.

Viajar é mudar a rotina e se permitir ser “outro constantemente”(PESSOA, 2017). Pode significar registrar momentos através de fotos, vídeos, áudios. Compartilhar ou não através das redes sociais, construindo certa *performance* do vivido. Esperar visualizações e comentários. Preservar as experiências de viagem pela escrita. Registrar em diário de bordo, em caderno de campo, *blogs*, bitácora, *vlogs*, diários virtuais. Produzir anotações soltas. Perdê-las. Reencontrá-las. Jogar fora.

A poesia de Fernando Pessoa, que abre este capítulo, me instiga a tentar compreender diferentes sentidos de viajar diante das experiências que vivi, bem como das vivências de outras pessoas. A viagem teria apenas um sentido? O que significa “Viajar perder países, ser outro constantemente”. Verso que compõe a poesia de Fernando Pessoa.

Ao iniciar as pesquisas sobre Expedição Pedagógica, um dos primeiros questionamentos que surgiram foi: por que preciso considerar a viagem como um dos principais conceitos para minhas investigações? A partir do contato com bibliografias que abordam o tema descobri que na Expedição Pedagógica o trânsito de um território para outro é um dos princípios metodológicos trabalhados. Segundo Valbuena e Forero (2011), “... la Expedición Pedagógica es una forma específica de Formación Docente”:

El objetivo principal de la Expedición Pedagógica es el viaje por las escuelas y proyectos. Al hacer el recorrido por las prácticas pedagógicas, el maestro va desarrollando también un viaje del pensamiento. Registra lo que descubre, valora y se asombra de la riqueza pedagógica en el otro. Al visitar, tiene, a la vez, la oportunidad de compartir su proyecto, aclarar sus dudas, afirmar su práctica, ensanchar su saber y experiencia personal. A través del viaje se abre paso a un diálogo afectivo y pedagógico permanente a partir de las mutuas preguntas y respuestas entre viajero y

anfitrión, también con comunidades y expertos, en el ser y acontecer de lo pedagógico en la experiencia presentada y por la socialización y visualización de la misma (VALBUENA e FORERO, 2011, p. 6).

Para os autores acima citados, a viagem cumpre um papel fundamental na compreensão da Expedição Pedagógica. O professor que dela participa se posiciona como “un viajero que explora el territorio hacia adentro es decir continuamente está reflexionando sobre su que hacer pedagógico y mediante la interacción con otros maestros viajeros, reconoce otras prácticas y visibiliza otros modos de ser maestro” (VALBUENA e FORERO, 2011, p.6). Ou seja, a viagem também é entendida como processo formativo específico neste movimento.

Com isso, originada na Colômbia, a Expedição Pedagógica tem sido reconhecida, desde a década de 1980 como uma prática de formação de educadores que buscam interrogar seus “saberes e fazeres e exercitar o desciframiento” (UNDA, 2002) de seus cotidianos a partir do encontro com outras realidades educacionais.

Segundo Unda, (2002) o “desciframiento” na Expedição Pedagógica consiste na elaboração de diferentes formas de pensar a profissão docente a partir das experiências próprias e dos demais expedicionários¹². Neste sentido, não há apenas um deslocamento físico: ocorre também uma “movimentação do pensamento”, (BERNAL; BOOM; BEJARO, 2009) que busca romper com uma lógica tradicional de conceber o conhecimento escolar. Nas palavras de Unda, (2002) a Expedição Pedagógica:

[...] es una de las más ricas experiencias de los últimos años que, combinando la movilización social por la educación y la construcción colectiva de diversidad y riqueza pedagógica, ha consistido en un amplio desplazamiento por nuestras regiones. No se trata solo de movimiento físico, sino, sobre todo, de desplazamientos en el orden del pensamiento, pues ha permitido un encuentro con las variadas y singulares experiencias pedagógicas realizadas por maestros que, como los que realizan la Expedición, intentan posibilidades de vida distintas desde la escuela. (UNDA, 2002, p. 2).

Viajar como um modo de movimentar-se buscando compreender de modo mais amplo o conceito de deslocamento foi um dos exercícios que fiz, para pensar a articulação entre viagem e formação de professoras e professores, em minhas

¹² Nome atribuído por alguns autores às pessoas que participam da Expedição Pedagógica.

investigações no mestrado. Assim, no movimento da pesquisa, ao me aventurar na viagem de minha dissertação me expus ao desconhecido, ao estranho, passando por experiências únicas, que por muitas vezes me pareceram perigosas, mas também me trouxeram múltiplas oportunidades de aprendizado. Dialogando com Larrosa, (2002) concordo que:

O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. A palavra experiência tem o ex de exterior, de estrangeiro de exílio, de estranho e também o ex de existência. (LARROSA, 2002, pág. 25).

Dissertar, pesquisar e investigar são práticas que também requerem deslocar-se para conceber ideias e construir novos conhecimentos. Práticas que afirmam nossa existência e (re) existência, que nos permitem outras experiências, outras oportunidades.

Ao ser aprovada no mestrado me senti como uma “estrangeira” naquele espaço. A UERJ não era um lugar familiar para mim. Conheci novas pessoas e entre uma conversa e outra, com colegas de turma, professoras e professores fui me adaptando à rotina de trabalho e estudo.

Contudo, a reação de estranhar boa parte das atividades que eu precisava desenvolver também fez parte desta trajetória. Assim, como um “estrangeiro” (GOLDENBERG, 1998) em uma viagem, quando parte para um lugar que ainda não conhece, mesmo estranhando a nova rotina comecei a me aproximar dela, me perguntando: como o estranho, o desconhecido poderia passar a fazer parte do meu cotidiano sem me causar medo, desconforto? A partir dessa pergunta passei a pensar mais na palavra estrangeiro e como este conceito poderia contribuir com minha pesquisa.

Nas distintas maneiras em que o estrangeiro pode ser compreendido, acrescento as reflexões de Caterina Koltai. Para ela o exercício de olhar com estranhamento para as próprias convicções, ou para determinado objeto, pessoa ou situação, bem como para si mesmo, é uma forma de se comportar como um estrangeiro. A autora destaca que é importante buscar o autoconhecimento para dialogar com o outro, pois, “o modo como se lida com a própria estrangeiridade pesa na hora de definir o outro como estrangeiro.” (KOLTAI, 1998; pág. 110).

O movimento de aceitar que há sempre o que aprender, em qualquer situação de vida, contribuiu para aproximar-me do que desconheço e do que busquei conhecer na pesquisa. O familiar foi se tornando estrangeiro (ENRIQUEZ, 1998), ou seja, procurei questionar as afirmações que surgiam como verdade em minhas investigações. A cada pergunta, formulava argumentos e tentava elaborar novas indagações. O contato com os distintos significados da palavra “estrangeiro” contribuiu com minhas reflexões sobre o que é “estar em pesquisa” e o que é compreender que o meu cotidiano é um espaço de “construção” e “desconstrução” de saberes.

Desta forma, este capítulo tem como objetivo trazer as primeiras sínteses que construí sobre o conceito de Expedição Pedagógica, suas premissas e como se deu o seu surgimento na América Latina, bem como apresentar como a Expedição Pedagógica se articula ao conceito de viagem.

1.1) Viagem: um conceito polissêmico

A vida é o que fazemos dela. As viagens são os viajantes. O que vemos, não é o que vemos, senão o que somos.

Fernando Pessoa

A epígrafe acima faz parte do “Livro do Desassossego” de Fernando Pessoa. Nele o autor nos convida a pensar sobre a condição humana a partir da metáfora da viagem. De forma poética e reflexiva, além de afirmar que a vida é uma viagem e que ao mesmo tempo em que somos viajantes, somos também viagem, Pessoa (2006) questiona: “Que é viajar, e para que serve viajar? Qualquer poente é o poente; não é mister ir vê-lo a Constantinopla, a sensação de libertação, que nasce das viagens?” (pág. 288). A partir dessas perguntas me despertei para outras questões: O ato de viajar necessita ter alguma serventia? A sensação de liberdade existe em qualquer viagem? O que é viajar?

Ao longo da pesquisa encontrei distintas formas de abordagem da palavra viagem e a literatura foi uma das fontes que muito utilizei. De acordo com o artigo “Viajar também é escrever” de Claudete Daflon (2014), diversas são as literaturas que recorrem ao termo viagem para convidar o leitor ao embarque na história que está sendo contada. A autora também destaca a importância do registro em viagem

e faz uma interlocução entre ler, viajar e escrever, comparando estas palavras como se fossem sinônimos.

A sinonímia se deve ao fato de convergirem num movimento de deslocamento: ler viajar; viajar-viajar e viajar-escrever. A diferença, por sua vez, reside fundamentalmente no caráter distinto da viagem que a leitura promove, daquela que efetivamente se realiza e da que se apresenta como a aventura da escrita. Não se pode perder de vista, no entanto, como longe de se situarem perfeitamente separadas umas das outras, essas viagens estão o tempo todo ligadas entre si. (DAFLON, 2014, p. 53).

Além dos poemas e livros de Fernando Pessoa, ao longo da escrita desta dissertação também tive acesso a outros textos literários, como por exemplo, o título “Uma excursão milagrosa”, um conto de Machado de Assis, que é uma das literaturas que traz sentidos outros para a viagem. Nele encontramos a frase: “viajar é multiplicar-se”. Nesta narrativa, há a experiência de um personagem chamado Tito que na companhia de uma jovem faz um longo percurso até chegar ao país das “quimeras”. Nos caminhos trilhados ele se transforma em várias pessoas. Diversos são os contos de Machado de Assis sobre o conceito e em boa parte deles o autor traz a viagem como uma forma de “multiplicar-se” uma possibilidade de transformação pelo deslocamento.

O uso da palavra viagem como metáfora é comumente encontrado em muitas expressões como, por exemplo: “ler é uma viagem”, “para de viajar e se concentra”, “você está viajando com esta ideia”, dentre outras expressões que muitas vezes ironizam o termo viajar, classificando-o até como sinônimo de loucura. Na escrita de minha dissertação procurei construir um espaço de discussão que pudesse dialogar com o termo em suas múltiplas dimensões. Em diversos momentos da pesquisa me perguntei: como a viagem se conecta com meu tema de pesquisa? Como a palavra viagem é incorporada na vida das pessoas com quem converso neste texto?

Autores como Machado de Assis, Fernando Pessoa e Mario de Andrade, produziram muitas escritas durante as viagens que fizeram ao longo de suas vidas. Alguns desses textos me inspiraram na escrita sobre meu tema de pesquisa. O contato com esses autores possibilitou-me buscar registros que relatam historicamente como a viagem vem sendo compreendida no Brasil, no que tange aos aspectos políticos e sociais.

Entre o final do século XIX e o início do século XX, tornou-se mais recorrente a produção escrita por brasileiros sobre viagens. Até então, os registros sobre este tema eram majoritariamente realizados por autores estrangeiros: europeus e norte-americanos. Tal fato deve-se à herança deixada pelo período colonial, em que somente as pessoas privilegiadas socialmente conseguiam viajar, antes do século XIX.

Diante da perspectiva de que a viagem inicialmente é uma prática da elite e que apenas após o século XIX se populariza, pode-se afirmar que a possibilidade de viajar, a princípio, não se oferecia democraticamente a qualquer um. Por isso, não foi bem vista pela aristocracia e pela burguesia a criação de condições que permitiram ao homem médio também viajar, na medida em que isto representava perda de uma exclusividade que funcionava também como distinção entre as classes. (DAFLON, 2014, p. 59).

No século XXI, percebemos que a popularização da viagem aérea, seja ela em um momento de férias para lazer ou para facilitar o deslocamento de um lugar para outro, se tornou um incômodo para as classes sociais mais abastardas. Algumas reportagens publicadas nos últimos anos denunciaram o preconceito, que é uma das marcas estruturais de parte da sociedade brasileira.

Em fevereiro de 2014 uma forma de preconceito em relação à questão da viagem foi explicitada: uma professora universitária ironizou nas redes sociais a vestimenta de um homem, que estava no aeroporto à espera de seu voo. Em seu perfil da rede social *Facebook* ela publicou uma foto com a seguinte pergunta com tons de ironia: “rodoviária ou aeroporto?” Tal imagem foi seguida de uma série de comentários preconceituosos de outros internautas que, na mesma linha da docente, criticavam ou ironizavam a presença de passageiros aparentemente de classe popular em viagens de avião. “O ‘*glamour*’ foi para o espaço”, comentou um amigo da professora, que ocupava à época o cargo de Reitor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). A resposta da docente seguiu a mesma linha preconceituosa: “Puxa, mas para *glamour* falta muuuuito!!! Está mais para estiva”. Outra colega docente universitária reforçou: “E sabe o que é pior? quando esse tipo de passageiro senta exatamente a seu lado e fica roçando o braço peludo no seu, porque – claro – não respeita (ou não cabe) nos limites do seu assento”.

Tais comentários eram do que poderíamos chamar “elite intelectual” que muitas vezes, assumindo seu conservadorismo, permite afirmarmos, com Jessé Souza (2017) que estamos diante de uma “elite do atraso”. Por outro lado, aqui lembramos as palavras de outra professora universitária, agora da Universidade de São Paulo (USP), Marilena Chauí, que no Centro Cultural São Paulo, no dia 13 de maio de 2013, durante lançamento do livro "10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil: Lula e Dilma", afirmou que a classe média é “fascista, violenta e ignorante”.

Rapidamente a imagem do homem de bermuda e camiseta regata no saguão do Aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro, publicada no *Facebook*, se tornou viral, sendo compartilhada por milhares de internautas, em diversas mídias¹³. Em um dos comentários, encontramos pistas sobre as razões do incômodo que aquela presença no aeroporto havia gerado: não se conformam que hoje não é só rico que anda de avião no Brasil. Não suportam ter que dividir o mesmo espaço com pessoas que não pertencem a sua mesma classe social, como nos ajuda a pensar Daflon (2014), quando diz que esse preconceito já se registrava no século XIX, quando a viagem se popularizou.

Ao fazer esta abordagem, não pretendo, com o relato destas situações, generalizar o “perfil comportamental” da classe média no Brasil. Mas, acredito ser importante articular acontecimentos que se relacionam com o tema que venho abordando em minha dissertação, para pensar a viagem na formação docente.

O aumento da presença dos pobres em locais de distinção social, como aeroportos, tem relação com as políticas sociais e econômicas do Partido dos Trabalhadores (PT). A gestão do PT com Lula de 2003 a 2010 e posteriormente com Dilma de 2011 a 2014 focou na ampliação do mercado consumidor, na redução do desemprego, na distribuição da renda e na inclusão social, resultando no acesso das chamadas classes C e D a diferentes tipos de bens de consumo.

Dados mostram que em 2003, a classe C representava 38% da população. Já em 2013, passou a representar 54%, com 108 milhões de pessoas¹⁴. Essa

¹³ Reportagem sobre o preconceito presente nos aeroportos, disponível em: <<http://g1.globo.com/riode-janeiro/noticia/2014/02/advogado-ironizado-por-professora-no-rio-pensou-que-fosse-gozacao.html>> Acesso em 15 de Ago. de 2018.

¹⁴ Registros sobre a divisão de classes no Brasil. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/economia/54-dos-brasileiros-formam-a-classe-c-diz-serasaexperian/>> Acesso em 18 de Ago. de 2018.

população, que passou a ser chamada por alguns analistas de “a nova classe C”, foi a grande impulsionadora do mercado de consumo interno do Brasil. Estes novos consumidores passaram a ter acesso a bens que antes significavam uma distinção de classe, como computadores, internet, celulares e viagens.

Viajar de avião virou o símbolo de ascensão econômica na era PT. Na análise do professor do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, João Sicsú, autor do livro “Dez anos que abalaram o Brasil - E o Futuro?” (2013) a classe que ascendeu economicamente no governo Lula: “gente que migrou para o Sudeste de ônibus e hoje volta ao Nordeste para visitar seus parentes de avião”.

Uma pesquisa¹⁵ feita em 2015 demonstrou que a viagem aparecia como o principal desejo de consumo dos brasileiros, sendo indicado por 31% dos entrevistados. Deste percentual, 15% indicava especificamente viajar para o exterior como o principal desejo, o que implica o uso do transporte aéreo.

Antes do governo Lula, a Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC) registrava 37 milhões de passageiros que andavam de avião. Em 2015, esse número saltou para mais de 96 milhões. Já em 2016, após o *impeachment* da presidenta Dilma e a saída do PT do governo, as companhias aéreas registraram diminuição do fluxo de passageiros para 88,7 milhões, a primeira nos últimos 10 anos. Humberto Costa, á época líder do PT no Senado, lamentou os dados¹⁶. “Só depois da gestão do ex-presidente Lula é que os mais pobres tiveram oportunidade de viajar de avião.”

As discussões sobre mobilidade trazem elementos para compreendermos a sociedade neoliberal e, ao mesmo tempo, nos ajudam a entender o quanto os deslocamentos proporcionados por uma viagem são importantes signos de inclusão ou exclusão social.

Neste sentido, podemos compreender a importância do discurso de Lula durante comício realizado em Ceilândia, no Distrito Federal, em 25 de setembro

¹⁵ Reportagem sobre acesso a viagem das classes populares. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/01/sonhos-de-consumo-do-brasileiro-incluem-viagem-carro-e-plastica.html>> Acesso em 19 de Ago. de 2018.

¹⁶ Reportagem sobre acesso a viagem das classes populares. Disponível em: <<https://cnnbrasil.org.br/noticia/7287/anac-brasileiros-andavam-mais-de-aviao-nos-governos-de-lula-e-dilma>> Acesso em 19 de Ago. de 2018.

2014, durante a campanha de reeleição da presidente Dilma: “Eles não admitem que uma pessoa pobre possa viajar de avião. Nós não temos nada contra ônibus, mas nós queremos andar de avião também”¹⁷.

Em outro momento, em 22 de março de 2018, na cidade de Panambi, no Rio Grande do Sul, reaparece a importância da viagem aérea como expressão simbólica da mudança cultural, social e econômica da população. Nesta ocasião a declaração do ex-presidente Lula em discurso durante sua visita àquela cidade, não deixa margem para dúvidas. Se referindo aos governos petistas, Lula diz que: “Durante 12 anos os trabalhadores desse país tiveram aumento acima da inflação. O povo pobre passou a comprar carne boa, comprar casa, passou a viajar de avião”¹⁸.

Embora os discursos do ex-presidente Lula favoreçam a inclusão social na ampliação do acesso a bens de consumo, dentre eles, aqui destaco a viagem, esta não tem sido a defesa dos líderes que passaram a governar o país a partir de 2019. Assistimos às declarações de Ricardo Vélez Rodriguez primeiro Ministro da Educação escolhido pelo presidente Jair Bolsonaro, que revelaram o caráter seletivo de sua atuação política. Na mesma reportagem¹⁹ em que fala sobre a “elitização” do Ensino Superior, Ricardo Vélez, após dizer que a universidade não é para todos, justifica a introdução da disciplina “educação moral e cívica no currículo do Ensino Fundamental” com o discurso de que os brasileiros precisam respeitar as leis de outros países.

Na entrevista Ricardo Vélez afirmou que “viajando o brasileiro é um canibal. Rouba coisas dos hotéis, rouba o assento salva-vidas do avião, ele acha que sai de casa e pode carregar tudo. Esse é o tipo de coisa que pode ser revertido.” Esta fala do ministro repercutiu nas mídias sociais e também foi condenada por parlamentares do Congresso Nacional. Um deles repudiou publicamente o posicionamento de Ricardo Vélez sobre os brasileiros quando estão em viagem. Na reportagem o deputado afirma: “Ele atacou de forma inaceitável a honra dos

¹⁷ Discurso político do Ex Presidente Lula. Disponível em: <<http://www.pt.org.br/elites-nao-perdoam-o-pt-pela-ascensao-dos-mais-pobres-diz-lula/>> Acesso em: 13 de Set. de 2018.

¹⁸ Discurso político do Ex Presidente Lula. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/2018/03/23/em-panambi-lula-diz-que-ricos-nao-se-acostumam-com-democracia/> Acesso em: 13 de Set. de 2018.

¹⁹ Declaração do Ex Ministro da Educação Ricardo Vélez Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/02/05/declaracoes-do-ministro-da-educacao-causam-polemica-e-provocam-reacoes-no-congresso.ghtml>> Acesso em: 13 de Set. de 2018.

brasileiros, chamando a todos de ladrões. E nós não aceitamos isso. Ele tem que vir à Câmara se explicar e pedir desculpas aqui para o povo brasileiro.”

A indignação de diversos parlamentares sobre as declarações feitas por Ricardo Vélez foi expressamente necessária. Entretanto, o repúdio não pode ser apenas pelo fato de Ricardo Vélez não ser brasileiro. Acredito que nenhum ser humano pode proferir ofensas contra outros seres humanos, pois se deve sempre respeitar o primeiro artigo da Declaração Universal dos Direitos Humanos que diz que “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade”. Destacar mais um acontecimento político, que envolve meu tema de pesquisa e ocorre no momento em que escrevo minha dissertação é uma forma de articular distintos recursos, tais como notícias que veiculam nas mídias, que podem contribuir para o fortalecimento do debate sobre a mobilidade física das pessoas, principalmente dos brasileiros. Mas, por que articular o aspecto social e político da viagem para discutir um tema que trata da formação docente?

O deslocamento físico de um lugar para outro, sempre requer recursos financeiros, pois, precisamos comprar passagens, nos hospedarmos em algum lugar. Neste sentido, destaco a relevância de trazer a discussão sobre o acesso das classes populares à viagem, sobretudo para pensar na condição social e econômica em que vive boa parte das professoras e professores brasileiros.

Pesquisas sobre o perfil dos professores que trabalham na Educação Básica no Brasil demonstram que os rendimentos mensais, apesar de variarem entre as regiões do país, estavam em 2017 na faixa de dois mil reais (MATIJASCIC, 2017). Os últimos editais (2018/2019) de concursos públicos de algumas regiões metropolitanas, tais como: Rio de Janeiro, São Gonçalo, Niterói e Maricá, os salários não passam de mil e quinhentos²⁰ por aproximadamente vinte horas semanais trabalhadas. De acordo com dados do IBGE (2015), cerca de 30% dos professores dos anos iniciais, mesmo atuando em sala de aula, declararam ter outra fonte de renda que não a atividade docente. Matijascic (2017) afirma que “em suma

²⁰Tendo como referência o valor do salário mínimo em 2019 no valor de R\$ 978,00 (novecentos e noventa e oito reais), o salário de uma professora iniciante de carreira em São Gonçalo, corresponde a aproximadamente um salário mínimo e meio.

a remuneração dos professores é relativamente baixa em um contexto nacional” (pág. 34).

Diante do exposto, é possível perceber que, embora boa parte dos professores empregados, que atuam na Educação Básica, não se encontrem em situação de pobreza extrema, as condições de trabalho e salário dos professores da Educação Básica os colocam entre as classes C e D. Articular esses dados ao meu tema de pesquisa me permitiu questionar: como o professor da Educação Básica pode se organizar com recursos próprios para viajar, pensando em sua própria formação docente? Como tornar a viagem uma possibilidade de formação docente para os/as professores/as da Educação Básica?

Bauman (2001) no livro “Modernidade Líquida” sinaliza que a mobilidade é um dos fatores que contribuem para a divisão da pirâmide social, a separação entre as classes sociais de maior ou menor poder aquisitivo. Segundo o autor “A velocidade do movimento e o acesso a meios mais rápidos de mobilidade chegaram nos tempos modernos à posição de principal ferramenta do poder e da dominação.” (p. 10). Neste sentido, as reflexões de Zygmunt Bauman sobre mobilidade e poder se articulam com minhas investigações ao que caracteriza uma viagem, no que se refere ao deslocamento físico. Tais reflexões também me oferecem pistas para melhor compreender a questão do acesso à viagem na formação de professoras e professores na perspectiva da Expedição Pedagógica.

Lima e Descio (2012), em suas pesquisas sobre viagem e formação acadêmica, concordam com Bauman (2001) e acrescentam que a mobilidade física está associada ao direito de liberdade registrado na Declaração Universal dos Direitos Humanos e nos ideais da Revolução Francesa. No entanto, segundo os mesmos autores, apesar de ser considerada um direito, a mobilidade ainda é um privilégio para poucos. Nas palavras dos autores: “No contexto da modernidade líquida, a mobilidade física é reconhecida como o principal fator de estratificação social, justamente o que vai diferenciar “turistas” de “vagabundos”, nos termos utilizados por Bauman.” (LIMA e DESCIO, 2012, p. 5).

Ao dissertar sobre os tempos modernos, Bauman (2001) traz importantes contribuições sobre conceitos que nos ajudam a pensar algumas questões que circundam o tema mobilidade física. Tempo e espaço são associados pelo autor à concepção de movimento. Metaforicamente ele nos remete à disputa pelo território

no período colonial, colocando a mobilidade e o acesso aos meios de transporte como principais elementos no processo de dominação.

Na moderna luta entre tempo e espaço, o espaço era o lado sólido e impassível, pesado e inerte, capaz apenas de uma guerra defensiva, de trincheiras - um obstáculo aos avanços do tempo. O tempo era o lado dinâmico e ativo na batalha, o lado sempre na ofensiva: a força invasora, conquistadora e colonizadora. A velocidade do movimento e o acesso a meios mais rápidos de mobilidade chegaram nos tempos modernos à posição de principal ferramenta do poder e da dominação (BAUMAN, 2001; pág. 10).

Segundo Lima e Descio (2012) os deslocamentos físicos de um determinado lugar para outro nem sempre assumem significados positivos. Para os autores, “historicamente, a mobilidade física também esteve associada às vidas marginais e às pessoas descoladas dos valores sociais vigentes, nômades, andarilhos, vagabundos, migrantes, refugiados e até estudantes.” (p. 4). Aproveito este registro feito pelos autores para refletir sobre esta classificação que muitas vezes atribuímos às pessoas que vivem se deslocando. O olhar com “estranhamento” que não acolhe e que recebe o outro com desconfiança, que afasta o outro por ser diferente.

É nesse estado de alma que o estranho como “doloroso fastio do mundo” se presentifica ao sujeito. Pudesse este acolher o efêmero, admitir a transitoriedade de todas as coisas, abraçar o nômade em sua transição fugaz, pudesse o sujeito dizer sim ao estrangeiro, esse passageiro da diferença, e o estranho haveria de se conjugar, não com inquietude, desalento, dor e medo, paixões tristes, mas aliar-se com a alegria do novo, com a afirmação do múltiplo, afirmação trágica do plural, do diferente. (SOUZA, 1998, p. 163).

Ao embarcar em meu tema de pesquisa, busquei apropriar-me dos diversos sentidos da palavra viagem e os conceitos que dela fazem parte. Dentre eles destaco a palavra estrangeiro, tentando encontrar caminhos para descobrir como o “estranho viria a se definir como afirmação alegre da diferença...” (SOUZA, 1998, p. 163). Como eu poderia dissertar sobre um tema, que até a chegada ao mestrado, eu desconhecia? Como aceitar viajar para o outro país para encontrar, conversar com professoras e professores que eu nunca havia visto antes? Como a viagem se configura para mim diante de todo este processo?

Ao longo de minha dissertação concebo a viagem de distintas maneiras, pois acredito que posso realizá-la não só pelo deslocamento físico, partindo para outra

cidade ou outro país, mas também fazendo-a através de uma leitura ou até mesmo pela escrita, como venho “viajando” na produção deste trabalho dissertativo.

Investigar a viagem como um movimento de formação docente, na perspectiva da Expedição Pedagógica, me possibilitou um mergulho em uma interessante e variada bibliografia latino-americana, em especial colombiana, resultando numa importante contribuição, tanto do ponto de vista conceitual, quanto metodológico.

Nessa investigação, algumas das perguntas emergiram e busquei refletir ao longo da pesquisa: como a Expedição Pedagógica se configurou como política pública de formação docente na Colômbia? As experiências narradas por professores que já participaram de uma Expedição Pedagógica expressam seu caráter autoformativo? Por que a Expedição Pedagógica é considerada um movimento que conecta professoras e professores, educadoras e educadores latino-americanos?

1.2) Expedição Pedagógica: uma experiência formativa?

A educação, qualquer que seja o nível em que se dê, se fará tão mais verdadeira quanto mais estimule o desenvolvimento desta necessidade radical dos seres humanos, a de sua expressividade.

Paulo Freire

Reconhecer a expressividade dos sujeitos nos processos educativos é um convite que Freire (1981), nos faz em seu livro “Ação cultural para a liberdade”, produção que discute o tema: alfabetização de jovens e adultos e as lutas e reivindicações dos mesmos por seus direitos enquanto trabalhadoras e trabalhadores. Paulo Freire é fonte de inspiração de muitas educadoras e educadores na execução de suas práticas pedagógicas. Em minhas investigações, descobri que as teses do autor também foram fontes de estudos e pesquisas de pedagogas e pedagogos, professoras e professores que constituíam o Movimento Pedagógico na Colômbia na década de 1980.

Neste sentido, a partir da dissertação de Morelia do Socorro Cardona Villa intitulada “*O Movimento Pedagógico: uma luta social, política e cultural do magistério colombiano 1982 – 2002*” tive acesso a registros que sistematizam como

educadoras e educadores colombianos se organizaram para lutar pela educação no país durante esses vinte anos demarcados pela autora.

Na Colômbia o Movimento Pedagógico foi oficialmente reconhecido no XII Congresso Nacional da Federação Colombiana de Educadores – FECODE, celebrado em 1982, na cidade Bucaramange. O Movimento consistiu na organização de professoras e professores, pesquisadoras e pesquisadores e outros cidadãos da sociedade civil que tinham como interesse debater os desafios da educação frente aos efeitos das reformas educativas que se instauraram no país. (VILLA, 2005). A autora afirma que havia a perspectiva de se refletir sobre as relações entre saber, sujeito e poder, repensando-se as culturas e as ideologias que envolvem o Estado, o sistema educativo e a escola.

Neste sentido, questionamentos de práticas pedagógicas e dos discursos sobre o que é educação, suas origens, posturas éticas, o que e como são as Instituições Educativas se fizeram presentes no Movimento Pedagógico. O Movimento Pedagógico se constituiu frente às políticas estatais que, com a reforma curricular instituída pelo Ministério da Educação Nacional, consistia na racionalização e controle político do trabalho pedagógico e pretendia reduzir professoras e professores a “administradores do currículo pensado, organizado e impuesto por los técnicos del ministerio de educación.” (VALENCIA, 2006 p. 102).

Diante deste contexto em que vivia a educação na Colômbia nas décadas de 70 e 80, instituições como: a Universidad Nacional de Bogotá, e Universidad del Valle de Cali, bem como movimentos de educação popular como o Centro de Promoción EcuMénica y Comunicación Social (CEPECS) e a Federação Colombiana de Educadores (FECODE) integraram a luta política e sindical pela educação no país. Segundo Valencia (2006) dentre os propósitos e fundamentos do Movimento Pedagógico destacam-se:

- 1.-Adelantar una reflexión colectiva sobre la identidad y el papel cultural del educadora sí como sobre el conjunto de relaciones en las que el educador se encuentra involucrado.
- 2.-Aglutinar y elaborar las preocupaciones profesional es del magisterio y sus esfuerzo sais lados. Hacer más vigorosa la búsqueda de alternativas pedagógicas.
- 3.-Incidir en el cambio educativo siguiendo criterios fundamentados através del estudio y la discusión colectiva a dos niveles: pedagógico y político.
- 4.-Por el fortalecimiento de la educación pública.
- 5.-Luchar por mejores condiciones de trabajo.

6.-Contribuir a fundamentar y orientar la cualificación de los docentes. (VALENCIA, 2006; p. 105).

Em síntese, o Movimento Pedagógico pode ser caracterizado como uma proposta originada na FECODE para mobilizar outras professoras e professores para o debate sobre a identidade profissional, na luta pela conquista da autonomia docente e pelo reconhecimento dos educadores como sujeitos de políticas educacionais e protagonistas das reformas na educação. É um movimento que defendia a educação pública como responsabilidade do Estado além de exigir melhores condições trabalhistas e a participação de professoras e professores na atividade política colombiana.

Na historicidade do Movimento Pedagógico se questionam as “certezas” e as “verdades absolutas” (VILLA, 2005) no que se refere à institucionalização da Educação na Colômbia, ou seja, a forma como o Estado se propunha a pensar na organização da Política Educacional naquele momento. Pensa-se o Movimento Pedagógico como um lugar de luta, onde os sujeitos envolvidos com a educação são reconhecidos como produtores de cultura e de práticas educativas.

Segundo Villa (2005), alguns acontecimentos históricos marcaram a trajetória do Movimento Pedagógico na Colômbia. A autora destaca quatro “grandes períodos” que nos ajudam a compreender a relevância do Movimento Pedagógico na Colômbia: “La conquista del Estatuto Docente en 1977; El Congreso Pedagógico Nacional de 1987; La Ley General de la Educación 115/94; Expedición Pedagógica Nacional en 1999.” (VILLA, 2005, p. 12).

Nos escritos de Villa (2005) a Expedição Pedagógica tem registros a partir da década de 1990, mas “la Idea comenzó a ventilarse desde los primeros años del Movimiento Pedagógico” (BERNAL, BOOM e BEJARO, 2001, p. 4).

Valbuena e Forero (2011) destacam que, na Expedição Pedagógica a viagem tem uma maneira particular de ser concebida. Durante os percursos, as perguntas como, por que e para que se viaja surgem para os expedicionários, que não são só professores já formados, que já estão lecionando, mas também estudantes dos cursos de formação de professores/as são convidados/as a participar das Expedições Pedagógicas. Docentes e estudantes são considerados/as sujeitos de aprendizagem, podem interrogar e ser interrogados/as, ensinar e aprender, compartilhar experiências e construir conhecimentos durante a viagem.

El viaje en Expedición Pedagógica es dinámico, es movilización, movimiento, es interrogación a preguntas que mediante la reflexión da lugar a nuevas preguntas, porque constantemente se está evaluando sobre el cómo y para que se viaja. E su viaje por las escuelas de nuestro país y por el pensamiento para la producción de saber pedagógico (VALBUENA e FORERO, 2011, p. 2).

Para Valbuena e Forero (2011) nas Expedições Pedagógicas os expedicionários estão constantemente avaliando e pensando, como e por que se viaja. No entanto, questiono esta afirmação, pois como constataríamos que essas reflexões existem para quem participa de tal experiência? Será que a prática do registro escrito ou imagético da experiência vivida na Expedição Pedagógica garantiria um aprofundamento das reflexões e dos saberes pedagógicos? De todo modo é importante levar em conta, como afirma Salazar (2014), que participar de uma Expedição Pedagógica é relevante, pois:

La formación docente es, pues, un reto que demanda procesos que lleven al estudiantado a lograr mirar, reflexionar y ser; encunto a lo que se lês propone, se necesita más que memorizar teorías o repetir ideas aje nas, que construyan, innoven, transformen y sean (SALAZAR, 2014, p. 61).

Salazar (2014) aponta que os/as professores/as em processo de formação inicial ao participarem da Expedição Pedagógica ganham mais uma oportunidade de conhecer como é uma sala de aula e quais são as variáveis que compõe o cotidiano escolar. Pela experiência das professoras e dos professores já em atuação, os/as estudantes podem ter algumas pistas sobre sua futura prática docente. Concordando com os autores Valbuena e Forero (2011), Salazar (2014), afirma que na Expedição Pedagógica a viagem é concebida de maneira singular. Ao conhecer as escolas, o que antes parecia ser rotineiro, ganha outros significados.

Nessa perspectiva, a partir da minha experiência e dos diálogos que estabeleci com as/os docentes que participaram junto comigo da Expedição Pedagógica que vivi no Peru procurei refletir: como o deslocamento de um “território” (SANTOS, 1999) para outro, interfere na formação pessoal e profissional de professoras e professores? Quais conexões podem ser fortalecidas entre docentes que participam deste movimento de deslocamento físico e de ideias? Segundo Santos (1999), o território não é apenas composto pela paisagem que o cerca, é compreendido como a delimitação de um espaço de convivência, de interação entre as pessoas. Nas palavras do autor:

O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. (SANTOS, 1999, p. 8).

Neste sentido, acredito que o espaço de convivência compreendido na Expedição Pedagógica dialoga com o conceito de “território” estabelecido por Santos (1999). Professoras e professores quando estabelecem uma conexão entre si, podem promover o rompimento de fronteiras terrestres que proporciona o compartilhamento de saberes e a busca pela união na luta por uma educação pública, laica e de qualidade para todas e todos cidadãos/ãs latino-americanos/as. Na Expedição Pedagógica, a viagem também pode se configurar como oportunidade de expandir horizontes e conhecer outros lugares, pela vivência em outros territórios.

1.3) Perspectiva Política da Expedição Pedagógica

Lá não trabalhei. Limitei-me a riscar algumas notas que, mais tarde, tomarão compor num livro de viagens.

Mario de Andrade

Considerando-se um viajante à procura de novos aprendizados, Mario de Andrade em seu livro “O turista aprendiz”, escrito na década de 20, enquanto percorria caminhos desconhecidos, registrava em seus diários de viagem parte do que via e ouvia. Esta obra é um dos marcos da literatura brasileira, e está dividida em dois momentos: o primeiro relata “as viagens pelo Amazonas até o Peru, pelo Madeira até a Bolívia” (ANDRADE, 2015) e o segundo trata dos registros etnográficos realizados em suas viagens ao nordeste, mais especificamente às cidades do Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco.

Mario de Andrade se empenhou em investigar a realidade brasileira a partir da perspectiva latino-americana, o que permitiu a escrita de um texto concebendo as características que constituem a América Latina, reconhecendo os aspectos sociais, políticos e econômicos da construção histórica dos povos latino-americanos enquanto sociedade. (DOS SANTOS, 2009). Ao conhecer o Brasil por dentro, ele procurou se distanciar do discurso europeu que imperava naquele momento. Nesse sentido, no livro já citado, o autor faz uma denúncia aos aspectos coloniais

observados durante suas viagens e ressalta a importância de nos aproximarmos de nossas origens e de nossa cultura.

Conhecer as viagens realizadas por Mario de Andrade contribuiu para que eu ampliasse minhas reflexões sobre o que é explorar um território para colocar em evidência sua cultura, os modos de viver da população que ali habita e o que possa ser divulgado para potencializar o que há de mais relevante no local. Destaco um trecho em que Andrade (2015) diz que pretendia a partir da escrita de seu texto realizar:

O resgate de um Brasil defeição mestiça e desgarrado dos padrões europeus de então, mais indígena, mais africano, mais caboclo e caipira, inicia uma nova síntese cultural que procura abarcar as múltiplas faces da brasilidade. Trata-se de reinventar o país a partir do seu reconhecimento e indeterminações (ANDRADE, 2015, p. 12).

Este movimento realizado por Mario de Andrade na escrita de seu livro “O Turista Aprendiz”, me faz refletir sobre o conceito de “interculturalidade crítica”, pensando no contexto social e político latino-americano (WALSH, 2012), onde as lutas dos povos indígenas e afrodescentes por seus direitos necessitam ser cada vez mais fortalecidas na sociedade atual. Reivindicações que necessitam ser regidas pelas pessoas, pelos povos e não pelos interesses do capitalismo que busca um modelo de sociedade que dialoga com a globalização neoliberal.

El hecho de que su sentido viene de este movimiento pensado no sólo para él sino para el conjunto de la sociedad es significativo, tanto por la diferencia que marca con el proyecto hegemónico-dominante y su idea que los indígenas solo se preocupan por sí, como por la apuesta, propuesta y proyecto distintos que sugiere. Son aquellos que ensanchan e involucran “en alianza” sectores que, de igual forma, buscan alternativas a la globalización neoliberal y a la racionalidad occidental, y que luchan tanto para la transformación social como para la creación de condiciones del poder, saber y ser muy distintas. Pensada de esta manera, la interculturalidad crítica no es un proceso o proyecto étnico, ni tampoco un proyecto de la diferencia en sí. Más bien y como argumenta Adolfo Albán, es un proyecto que apunta a la re-existencia y a la vida misma, hacia un imaginario “otro” y una agencia “otra” de con-vivencia –de vivir “con”- y de sociedad. (WALSH, 2012, p.10).

Bauman, (1999), no livro “Globalização: as consequências humanas” traz uma importante reflexão sobre o que é ser/estar no mundo globalizado. Destaca o conceito de mobilidade, a capacidade de se deslocar no espaço, como um elemento de disputa entre aqueles que conseguem se movimentar por diferentes territórios,

dos que não conseguem. Diz ainda que aqueles que estão restritos a um determinado lugar, estão apenas localizados no espaço, e aqueles que possuem “liberdade de movimento” são considerados os “verdadeiramente globais.”

Bauman (1999) aponta que as decisões que regem o mundo globalizado definidas nas dimensões: “articulação de negócios, investimento, finanças e o fluxo da informação são nitidamente pensados por aqueles que são verdadeiramente globais” (BAUMAN, 1999, p. 64). Nesse sentido, os reflexos da globalização são: exclusão, separação, restrição e segregação espacial. Com isso, segundo o autor “a globalização nada mais é que a extensão totalitária de sua lógica a todos os aspectos da vida.” (BAUMAN, 1999, p. 64).

Essa extensão totalitária abarca, também, as decisões tomadas no âmbito das políticas educacionais. O sistema educativo passa a funcionar de acordo com a lógica do mercado, onde o “modelo” a ser seguido passa a ser os parâmetros construídos pelos países europeus e norte-americanos. Entretanto, “el tecer mundo segue en los últimos lugares de lãs tablas mundiales y aumentabla la distancia con respecto al norte” (BOOM e GALEGO, 2018, p. 106).

Boom e Galego, (2018) afirmam que a discussão sobre globalização é necessária quando se deseja contextualizar a Expedição Pedagógica. A compreensão sobre o que significa mundo globalizado fornece elementos relevantes para serem considerados quando se discute formação de professores/as e os rumos da educação na América Latina. Segundo os autores:

La globalización no transita por el tiempo histórico de manera lisa y llana, es un propósito creado por unos actores concretos, y parte de su estrategia para legitimarse es producir un discurso y una manera de pensar que parezca que nos compete a todos, que debemos aceptarla e incluso aprovechar sus bondades (BOOM e GALEGO, 2018, p. 106).

O conhecimento dos aspectos políticos e sociais que constituem a sociedade corrobora para que possamos pensar nos desafios que temos e nos caminhos de nossas ações enquanto educadoras e educadores. Para isso, é preciso estar perto das políticas que promovem as reformas educativas.

Se necesitar e conocer esto para preguntarnos qué hacer. Se podría hacer un movimiento reactivo que conteste cada una de las propuestas, pero esto equivale a caer en la misma lógica. A esto se nos incita cuando se nos propone que participemos de las reformas con propuestas, que pueden ser

reactivado alternativas. ¿Cómo oponerse a la reforma e incluso a la reconstrucción? ¿Cómo introducir o marcar una diferencia que nos permita desplazarnos de las imágenes dominantes del pensamiento tradicional? En fin, ¿Cómo escapar de eso que nos impide pensarnos y reconocernos de otra manera? (BOOM e GALEGO, 2018. p. 113).

Guardiola Ibarra (2014) é outro autor colombiano que muito contribuiu com minhas investigações nesta pesquisa. Segundo ele a

Expedição Pedagógica”: “con sus viajes, con su reivindicación de la diversidad, con su defensa de lo público, con sus reflexiones y con su manera diferente de valorar las prácticas pedagógicas, alienta el compromiso de los maestros y maestras con la educación, y con la vida (p. 164).

Para o autor este movimento questiona de maneira complexa os sentidos da viagem na formação de professores/as e evidencia o compromisso político que esta iniciativa pode gerar nos/as “expedicionários/as”.

Segundo Guardiola Ibarra (2014) uma das perspectivas políticas da Expedição Pedagógica consiste em questionar e refletir sobre a diversidade dos processos educativos na América Latina, na defesa da escola pública e na valorização de práticas pedagógicas comprometidas com uma educação libertadora e emancipadora. Morais (2017) também afirma que a Expedição Pedagógica é um movimento de formação docente que possibilita o encontro entre professores/as latino-americanos/as, bem como o compartilhamento de suas experiências cotidianas na escola. É um momento de reflexão sobre os desafios vividos pelos/as docentes, compreendendo que os “processos educativos dos países do sul estão imbuídos nos processos de disputa hegemônica nesta região” (MORAIS, 2017. p.44).

É sabido que não há apenas uma maneira de ser professor/a ou uma forma de se conceber a escola. A partir dessa premissa compreendo junto com Unda (2002) que a Expedição Pedagógica questiona de maneira intensa os sentidos das práticas pedagógicas realizadas no âmbito escolar. Segundo a autora na Expedição Pedagógica:

[...] los maestros participantes se interrogan de múltiples maneras sobre si mismos e inician un proceso de desciframiento usando claves distintas. Emergen en ellos otras maneras de pensarse a si mismos y descubre otras posibilidades y otros rumbos realizando preguntas como las

siguientes: ¿en qué consisten nuestras maneras de hacer escuela?; ¿de qué maneras somos maestros?; ¿en qué condiciones se realizan las prácticas pedagógicas?; ¿qué saberes se ponen en juego?; ¿cómo nos estamos formando?; ¿estamos haciendo investigación pedagógica?; ¿cómo se relacionan las investigaciones con nuestras prácticas?; ¿cómo nos estamos organizando? (UNDA, 2002, p. 2).

As produções da autora María Pilar Unda sobre Expedição Pedagógica são leituras fundamentais que me ajudaram a pensar como este movimento conecta professores/as latino-americanos/as. Em minhas investigações sobre o tema, junto a diversos/as autores/as em especial Unda (2018), tenho percebido que uma das ferramentas utilizadas durante os percursos expedicionários é o registro, que pode ser realizado de diversas formas.

O recurso escriturístico é amplamente utilizado na Expedição Pedagógica. É um elemento fundamental. Há um momento durante os encontros chamado de sistematização. Trata-se de uma oportunidade de construir, de experimentar coletivamente, a construção de práticas educativas e a possibilidade de ação conjunta (UNDA, 2018). Para sistematizar durante o movimento expedicionário Unda coloca três questões relevantes que precisam ser refletidas no momento da sistematização: Como pensar o registro na Expedição Pedagógica? Para quê sistematizar? O que sistematizar? Outra pergunta colocada por Unda, (2018) é a escolha da pessoa que vai sistematizar o que acontece durante os encontros. Ela aponta a importância da participação de todo grupo e sinaliza que na Expedição Pedagógica:

En sus inicios históricos, la sistematización estuvo ligada a la evaluación de procesos de acción, y allí el gente externo (experto en sistematización) continúa un esquema de sistematización que aunque participativo, tenía el tipo de organización propio de su esquema o teoría, reduciendo la experiencia a su concepción, perdiendo la riqueza del grupo sistematizador. (UNDA, 2018, p. 21).

Segundo Unda (2018), quando o grupo que vive a Expedição Pedagógica pode registrar parte da experiência que viveu, há uma valorização do que se produz coletivamente. Pelas investigações que tenho realizado, posso dizer que sistematizar na Expedição Pedagógica significa mais uma forma de deslocamento, o que nos traz muitas tensões. As experiências vividas na Expedição Pedagógica

podem ser registradas pela percepção individual de cada um, tanto relatando sua própria experiência como a de alguns expedicionários.

As formas de sistematizar são múltiplas. Algumas partem dos questionamentos dos/as próprios/as expedicionários/as, mediante as análises realizadas durante as discussões. Embora sejam diversas as maneiras de registro no movimento, é importante que não se perca de vista para onde esse dispositivo após ser organizado irá convergir, o que será selecionado para a escrita, como será construído e como dialoga com a realidade.

Para Unda (2018) é importante considerar as diferentes narrações. Ainda que a situação seja a mesma, uma crônica, um vídeo, ou texto de relatos por exemplo, podem mostrar diferentes aspectos. A diversidade de materiais que compõe a sistematização pode contribuir para a construção de diversas categorias sobre um mesmo objeto, por exemplo; uma narrativa sobre o que é ser professor, um vídeo pode dar conta do roteiro da expedição, e o diário de campo dos expedicionários podem demonstrar como são as escolas visitadas nas expedições.

Segundo Unda (2018) uma Expedição Pedagógica deve ser composta pelas seguintes ações: mobilização, viagens, sistematizações, divulgação de propostas de formação docente, investigação e trocas de experiências. É possível incluir também, o alcance de metas, responsabilidades e indicadores. No entanto, essas etapas não ocorrem de maneira sequencial. Os resultados que surgem, são sinalizados na medida em que a Expedição Pedagógica ocorre.

Dialogando com Unda (2018), percebo que minha dissertação é uma forma de sistematização e registro sobre Expedição Pedagógica, onde realizo movimentos de pesquisa científica que tanto abordam características do tema, como trazem relatos investigativos da minha participação em uma. No próximo capítulo apresentarei como ocorreu minha inserção no coletivo REDEALE, bem como, falarei sobre minha primeira viagem internacional para participar do “IV Encuentro del Colectivo Peruano”.

2) INVESTIGAÇÕES DE UMA EXPERIÊNCIA: MINHA VIAGEM AO PERU

Pesquisar é uma aventura; seja um bom detetive e esteja atento a suas intuições! Pistas, intuições, suspeitas, dúvidas merecem ser objeto de atenção, e não deveriam ser descartadas antes perscrutar cuidadosamente várias possibilidades de conectá-las com aquilo que se deseja investigar.

Marisa Vorraber Costa

No livro “Caminhos Investigativos II”, no artigo “Uma agenda para jovens Pesquisadores”, encontramos o trecho destacado na epígrafe acima, escrito por Costa (2007). Para a autora não há apenas uma forma de pesquisar, ou seja, os caminhos não são rigidamente pré-estabelecidos, bem como os descartes de materiais produzidos durante o percurso não podem ser realizados sem que haja uma minuciosa “investigação”. Ao me deparar com os escritos de Costa (2007), que diz que: “bons estudos frequentemente estão associados a inesperadas ‘sacações’”. (pág. 147), me impulsionei com mais intensidade às investigações que me propus realizar para a escrita de minha dissertação, animei meu olhar para o inesperado, atentando - me para as conexões que muitas vezes se fazem despercebidas.

A viagem ao Peru inaugurou minha experiência com o vôo internacional e me fez viver pela primeira vez uma Expedição Pedagógica. A oportunidade de conhecer outro país surgiu na universidade. Como já mencionado no início deste trabalho, semanalmente participava das reuniões do grupo de pesquisa que era orientado pela professora Jacqueline Moraes. Em um dos encontros do GPALE, nos foi realizado o convite para participar do “IV Encuentro Nacional del colectivo peruano de docentes que hacen investigación e innovación desde la escuela y su comunidad”, que aconteceria em Cajamarca, no Peru. Na ocasião fiquei interessada. Seria minha primeira viagem ao exterior. No entanto, muitas dúvidas surgiram: como ir para o Peru não sendo fluente em espanhol? Será que tenho as competências necessárias para participar deste evento? Como conseguirei recursos financeiros para esta viagem? Essas dúvidas começaram a me fazer desistir da ideia.

Diante de tantas dúvidas pensei o quão difícil seria conseguir participar do evento. Eu não tinha condições financeiras para me organizar para essa viagem. A possibilidade de ir para outro país se afastava. O interesse era grande, mas as condições mínimas. Em uma das orientações de dissertação minha orientadora

Jacqueline Morais me apresentou a possibilidade de conseguir um recurso pela universidade, através do acesso às diárias para apresentação de trabalhos internacionais. Pelo seu incentivo, recuperei o entusiasmo que senti logo que soube da proposta. Conhecer outro país estava perto de se tornar realidade.

Imaginar o lugar é diferente de estar nele e poder ver de perto sua natureza. Eu iria sair da minha rotina, conhecer outras pessoas e passar pelo desafio de me comunicar em outra língua. O medo de vivenciar o novo surgia, porém mesmo com todos esses desafios, aceitei a proposta.

Com as malas arrumadas, roupas novas e dólares no bolso. Reconheci que nada disso seria possível sem o incentivo da minha orientadora, a ajuda do meu esposo e da minha família. O esforço para se conseguir algo, dificilmente é individual. Visibilizar as pessoas que fortalecem nossa trajetória é relevante, pois demonstra a riqueza do sonho coletivo.

Buscar o novo, conhecer outra cultura, ouvir outra língua, ir para outro país. O que faz dessas atitudes, ações formativas? A pessoa que se desloca de seu território para visitar outro retorna da mesma forma com que partiu? O que muda em sua maneira de pensar e agir no mundo?

Na preparação para a viagem refleti sobre essas perguntas. Eu precisava passar por aquela situação para perceber o que mudaria em minha vida após aquela experiência. Meus familiares nunca viajaram para outro país, tampouco sabem falar uma língua estrangeira. A viagem não faz parte da rotina da minha família. Eu já tive oportunidade de conhecer alguns estados brasileiros, através de excursões e passeios em grupo, mas o vôo internacional, antes de pensar esta pesquisa, ainda era desconhecido. Sair do “meu” território e ir para outro era um dos maiores desafios da minha vida. Ficaria longe do meu local de trabalho, da minha residência e da minha família para conhecer outro território, novas formas de se conceber o trabalho, de se vestir, de cuidar e educar as crianças, de se viver.

Desta forma, acompanhada pela minha orientadora e pela professora Mairce Araújo, partimos do Rio de Janeiro com destino ao Peru, mais especificamente para a cidade de Cajamarca. Nossa ida representou mais um dos movimentos de ações investigativas do coletivo REDEALE.

2.1) Expedições Pedagógicas: encontros entre coletivos e redes de docentes

Muitos foram os momentos nos quais trocamos conceitos e experiências pedagógicas, de vida, sociais, políticas... Fortalecendo assim os laços entre Brasil-Peru, numa busca por uma América Latina mais forte.

Danusa Tederiche

A relação entre as redes de professoras e professores peruanos/as e brasileiros/as existe desde 2015, na perspectiva de trocas de experiências. O trecho acima destacado faz parte do livro “Brasil-Peru: Experiências Educativas a partir de uma Expedição Pedagógica”, organizado pelas professoras Jacqueline de Fátima dos Santos Morais e Mairce da Silva Araújo. A obra é composta por uma coletânea de artigos que registram a participação do coletivo REDEALE no “III Encuentro Nacional del Colectivo Peruano” que aconteceu em 2016, na cidade de Huancayo, no Peru. Deste evento, eu não participei, pois ainda não conhecia o coletivo REDEALE, mas para a escrita de minha dissertação, acredito que seja relevante envolver os registros já produzidos pelo mesmo, pois trazem experiências em Expedições Pedagógicas.

A conexão entre docentes na América Latina, na perspectiva das Expedições Pedagógicas é um movimento que vem acontecendo nesta região, a partir de encontros nacionais entre as redes de distintas regiões de países latino-americanos que trienalmente se reúnem em encontros ibero-americanos que congregam professoras e professores, educadoras e educadores de distintos países latino-americanos. Tive acesso a alguns documentos de convocatória para os encontros, que geralmente são divulgados com aproximadamente dois anos de antecedência de cada evento. Na escrita de minha dissertação, trago um panorama geral sobre alguns desses encontros, mas concentro minhas investigações no “IV Encuentro Nacional del colectivo peruano de docentes que hacen investigación e innovación desde la escuela y su comunidad” que aconteceu na cidade de Cajamarca, região norte do Peru, no segundo semestre de 2018 o qual participei.

O Peru é um país que possui muitas riquezas naturais. As montanhas e outras paisagens, que compõe diversas cidades, encantam muitos passantes pela beleza exuberante que emanam. Entretanto, o Peru como outros países latino-

americanos também possui uma história complexa de lutas e resistências. Para iniciar a apresentação do país, escolhi um poema intitulado Ilustre Americano de Mariano Melgar.

Ilustre Americano
 Ilustre Americano,
 Honor eterno del peruano suelo;
 Al fin ya quiso el cielo
 Que en jefetan humano
 Halle la patria todo su consuelo.
 La América afligida
 Ve sus hijos uno a otros devorarse; Uno al
 outro culpase Sobre la paz perdida
 Cuando de ambos Fernando oye aclamarse.
 En tantas turbaciones
 El indiano requiere y elibero
 Quien a su dolor fiero
 Y extremas aflicciones
 Pueda ser el remedio postrimero.
 En ti se han refugiado
 Oh gloria del Perú!
 En tu amable seno;
 De luz y bondad lleno,
 Está depositado
 El bien del suelo patrio y delajeno.
 Sí: nosotros veremos
 Acercarse Minerva al trono augusto;
 Hablará el hombre justo;
 Y el mal que padecemos
 Tornarase en placer y eterno gusto.
 Así llegue temprano
 El instante de todo nuestro anhelo;
 Y véase que al fin ya quiso el cielo
 Queen jefetan humano Halle la
 patria todo su consuelo.
 Mariano Melgar

Mariano Melgar, um dos precursores da poesia peruana, revela em sua arte literária a importância de conhecermos a cultura andina para pensarmos nas discussões sobre o Peru. Em suas obras o autor demonstra “un compromiso social, humano y sentimental, que introducen sus textos un aire de denuncia por los más desfavorecidos, los indígenas y criollos que buscaban la libertad” (GAMERO CANO, 2013, pág. 69).

O Peru²¹ é composto por vinte e três províncias: Arequipa, Chiclayo, Piura, Iquitos, Cuzco, Huncayo, Chimbote, Pucallpa, Tacna, Sullana, Juliaca, Ica, Cajamarca, Chinca Alta, Huánuco, Tumbes, Cujacucho, Puno, Nazca,

²¹ Informações disponíveis em: <<https://www.suapesquisa.com/paises/peru/>> Acesso em 29 de abr. de 2019.

Chachapayas, Puerto, Maldonado e a capital Lima. Possui uma área de 1.285.220 km² e aproximadamente 31,1 milhões de habitantes. Cerca de 45% da população é ameríndia, 37% são eurameríndios e 15% europeus ibéricos. Na região peruana encontramos diversos idiomas, dentre eles destaco três: espanhol, aimará e quéchua.

Cajamarca ²² é uma das cidades peruanas mais empobrecidas economicamente. Treze províncias fazem parte desta região: Cajabamba, Cajamarca, Celendín, Contumazá, Cutervo, Chota, Hualgayoc, Jaén, San Ignacio, San Miguel, San Marcos, San Pablo e Santa Cruz. De acordo com Zea, (2017) Cajamarca é uma das regiões andinas mais populosas do Peru, tendo aproximadamente, 1.387.809 habitantes. Pesquisas recentes feitas pela autora apontam que,

[...] em comparação com as regiões vizinhas, Cajamarca tem o menor IDH 0,5633 – ocupando o 20º lugar no ranking nacional de IDH por região (0,5633) conforme informações do Relatório sobre Desenvolvimento Humano Peru (2009) – com uma escolaridade média dos adultos entre as idades de 25-64 anos de 8,1 anos, uma taxa de analfabetismo de 17,1%. Em conformidade com a Organização Mundial da Saúde (DHS 2011 apud PRPC 2012), Cajamarca também tem uma elevada percentagem de crianças com menos de 5 anos com desnutrição crônica, 37,60%. (ZEA, 2017, pág. 39).

Considero relevante apresentar alguns dados sobre o Peru e detalhar alguns aspectos sociais e econômicos da cidade de Cajamarca. Ter a dimensão do contexto onde um determinado tema está inserido contribui para ampliar a compreensão de lugares e situações de pesquisa.

O “IV Encuentro Nacional del colectivo peruano de docentes que hacen investigación e innovación desde la escuela y su comunidad” reuniu majoritariamente professoras e professores peruanos/as pertencentes às seguintes redes: Red Desenredando Nudos (REDENU), Red Norte del Peru, com sede em Cajamarca, Red Centro del Perú, com sede em Junín e Red Sur del Perú com sede em Cuzco, sendo organizada pela Asociación de Maestros EIB: “ChiqaqÑan” Canchis, Asociación de Maestros EIB “ApuAusuagate” Canchis, Red Regional de Maestros e Maestras EIB Cusco, Red de Maestro e Maestras y Maestras de Convencóne o

²² Informações disponíveis em: <<https://www.dosmanosperu.com/pt/destinos/cajamarca/>> Acesso em 30 de Ago. de 2019.

coletivo REDEALE, cujas coordenadoras Jacqueline Morais e Mairce Araujo foram convidadas a proferir uma das conferências do evento.

Todas essas redes citadas, para participarem do encontro, fazem parte do “Colectivo Peruano de Redes de maestros y maestras que hacen investigación e innovación desde su escuela y comunidad” (COPREDIIEC). Um dos principais objetivos desta rede é transformar os encontros que realizam em um movimento pedagógico que busca preservar a identidade da cultura peruana, o sentido de comunidade e a articulação entre as escolas e suas comunidades. Dessa forma, as Conferências Nacionais realizadas pelo coletivo COPREDIIC se configuram em encontros de uma rede que une outras redes latino-americanas. Esta união se organiza em espaços de compartilhamento de utopias, de encontros e desencontros. É um intercâmbio de saberes e ações educativas, sendo concebido como uma oportunidade de fortalecer a relação existente entre as investigações educativas, a formação docente, o trabalho em redes, a prática cotidiana e a transformação social.

Segundo o documento de convocatória (2018) para participar do “IV Encuentro Nacional de Colectivos y Redes de Maestras y Maestros, educadoras y educadores que hacen investigación e innovación desde la escuela y su comunidad”, nos últimos anos, os educadores e educadoras de diferentes regiões do país participam, criam e recriam uma organização pedagógica para a construção coletiva de propostas transformadoras e novos cenários que dignifiquem o ser humano como pessoa. O documento sinaliza ainda que, tornar cada vez mais visíveis estes processos de integração entre docentes é um dos maiores desafios do COPREDIIEC.

Para a participação no “IV Encuentro Nacional” as redes de professores/as convidadas, enviaram trabalhos escritos para a coordenação do evento, sobre suas práticas docentes. Cada texto foi encaminhado para um dos cinco eixos, previamente estabelecidos pela comissão organizadora do evento: pedagogias emancipatórias desde los saberes pedagógicos, pedagogia, território y territorialidade, formación de maestros y educadores en red y posicionamiento ético-político, interculturalidad em el horizonte de los saberes ancestrales y comunitários e por último, o eixo cinco: otras formas de ser gobierno y comunalidad.

O “IV Encuentro Nacional” também teve como objetivo a preparação dos docentes para o IX Encuentro Iberoamericano que será realizado na Colômbia em 2020. Trata-se de um evento que envolve a Espanha e distintos países latino-americanos, dentre eles destaca-se a participação dos seguintes: México, Colômbia, Argentina, Brasil, Venezuela e Peru. As redes de docentes que representam estes países compõem a “Red Iberoamericana de Redes y Colectivos de Maestras, Maestros, Educadoras e Educadores que hacen investigación e innovación para la ‘emancipación’”, sendo seu nome abreviado no site de divulgação²³ como “Red Iberoamericana”.

A história da “Red Iberoamericana” tem registros que começam em 1992, primeiro “Encontro Iberoamericano”, que ocorreu na Espanha e continua, com o segundo sediado no México em 1999. Desde então, a periodicidade dos encontros acontece a cada três anos: Colômbia (2002), Brasil (2005), Venezuela (2008), Argentina (2011), Peru (2014), México (2017) e sendo o próximo a ser realizado na Colômbia em 2020. É importante registrar que cada encontro recupera os debates, as propostas e as ações dos encontros anteriores.

O último encontro que ocorreu no México em 2017, denominou-se “VIII Encuentro de Colectivos Escolares y Redes de Maestras e Maestros y Educadoras e Educadores que hacen Investigación e Innovación desde sus escuelas” e reuniu redes de docentes do México, Colombia, España, Argentina, Brasil, Venezuela e Peru. Destaco que neste evento os “recorridos” dos/as professores/as às escolas recebeu o nome de “Rutas Pedagógicas”. O documento do “VIII Encuentro Iberoamericano”²⁴ intitulado “Cartografías del saber. Hojas de Rutas Pedagógicas”, que define o que são Rutas Pedagógicas, diz que trata-se de um movimento que busca visitar e vivenciar o cotidiano de diferentes escolas para conhecer outros tipos de práticas docentes. Esses “recorridos”, segundo o texto, também podem ser chamados de Expedición Pedagógica. Ao me deparar com esta diferenciação de nomenclatura, me questionei sobre o porquê dessa alternância no nome. Teria alguma resposta relacionada aos significados das palavras Rutas e Expedición?

²³ Documento de convocatória disponível em: <<http://www.idep.edu.co/?q=content/ix-encuentro-iberoamericano-de-colectivos-y-redes-demaestros-maestras-educadores-y>> Acesso em 30 de set. de 2018.

²⁴ Documento de convocatória disponível em: <<http://www.encuentroiberoamericano.org/>> Acesso em 30 de set. de 2018.

A palavra “ruta” em português quer dizer caminho, e provém do latim *camminus* que quer dizer “deslocar-se, andar, um espaço a percorrer, um roteiro de viagem, itinerário”²⁴. A palavra “expedição” originada do latim “expeditio”, possui distintos significados, aqui destaco o ato de viajar para um determinado território para “explorar” o que nele tem. Entretanto, o termo “expedição” também nos remete à época das expansões marítimas, ao período colonial.

Poderíamos questionar o uso da palavra “expedição”²⁵ para designar um movimento de formação de professores/as? A palavra “ruta/caminho” seria mais abrangente, para nomear o encontro entre docentes latino-americanos/as que se reúnem para conhecer outras realidades escolares, outros lugares, localidades?

Não pretendi em minhas investigações dar prioridade a uma nomenclatura em detrimento da outra, pois acredito que os significados dos “recorridos” são expressos na medida em que eles ocorrem, como eles acontecem para as professoras e professores. A nomenclatura de como eles são designados é mais uma forma de reconhecermos tal movimento que conecta coletivos e/ou redes de docentes. No encontro que participei em Cajamarca, os “recorridos” pelas escolas foram denominados de Expedições Pedagógicas. Neste sentido, em minha dissertação, aparecem os termos “Rutas” ou “Expedições”, de acordo com o nome dado em cada documento de convocatória dos eventos que acabam as visitas as escolas da região em que ocorrem denominando-as: “Expedições Pedagógicas” ou “Rutas Pedagógicas”.

As “Rutas Pedagógicas”, segundo o documento do “VIII Encuentro Iberoamericano” tem como princípio, empreender uma crítica à proposta hegemônica, tecnocrática, mercantilista e autoritária, (adjetivos pertinentes à caracterização das expedições que ocorreram no período colonial), que predomina no mundo e mais especificamente no continente latino-americano. O que se busca

²⁴ Etimologia da palavra ruta. Disponível em: <<http://etimologias.dechile.net/?ruta>> Acesso em 30 de Set. de 2019.

²⁵ Síntese Pessoal sobre a palavra expedição: Ao longo da história do Brasil principalmente a colonial as expedições saíam do litoral rumo ao interior do Brasil para ocupar territórios, buscar riquezas, principalmente metais preciosos, onde a Espanha rapidamente encontrou na América Espanhola prata ouro entre outras riquezas, eles adentravam aprisionando e executando as populações indígenas, capturando escravizados africanos fugidos. Assim, a preocupação das expedições no período colonial eram ocupar territórios e buscar riquezas, metais preciosos sem considerar as vida que já existiam no Brasil naquela época.

Etimologia da palavra Expedição: Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/expedicao/>> Acesso em 30 de Ago. de 2018.

com os encontros é possibilitar que a crítica ao modelo político e econômico vigente em nosso continente se amplie e aprofunde com a construção de alternativas, recuperando a cultura, os saberes e costumes dos povos latino-americanos, reconhecendo-os como forças de transformação que aportam uma pedagogia emancipadora. As expedições/rutas cumprem um papel fundamental nestas buscas. Estas experiências são importantes aprendizados que sustentam a necessidade de aprofundar as propostas de encontro, intercâmbio, crítica e autocrítica entre docentes latino-americanos/as.

No documento de convocatória do “VIII Encuentro Iberoamericano” que explica o que são “Rutas Pedagógicas”, a visibilização de distintas formas de ser docente é apontada como uma premissa. Neste sentido, os caminhos dos/das expedicionários/as são permeados por trocas de conhecimentos que permitem não só a conexão entre práticas pedagógicas, mas também pode possibilitar uma busca pelo autoconhecimento, na medida em que os/as docentes podem falar sobre o que é realizado nos espaços educativos em que trabalham. Essa é uma maneira de mobilizar as redes e coletivos a verem a si mesmos como sujeitos de saberes e experiências.

Nesta perspectiva, a formação de professoras e professores ganha mais um espaço de problematização das distintas formas de se conceber a escola e o saber docente. O horizonte de uma formação que busca o crescimento pessoal e profissional de um/a professor/a ético/a, político/a, e científico/a se faz presente e se distancia da lógica da certificação que visa apenas o ganho de títulos e diplomas. Aqui, acrescento que considero relevante a procura por cursos de especialização como formação continuada na carreira docente, mas acredito também que a certificação não pode ficar apenas atrelada ao “currículo lattes”. O que se pretende nos cursos de graduação e pós-graduação precisa fazer sentido no cotidiano, em sala de aula, na vida da escola e dos espaços educativos.

Segundo o documento de convocatória (2017) as “Rutas Pedagógicas” são oportunidades de divulgação das experiências educativas que vem sendo praticadas na América Latina. O documento também denuncia que grande parte dos estudos e investigações que vem sendo realizados nos países latino-americanos continuam relacionando a formação de professores/as com os mais variados aspectos que muitas vezes se restringem a “problemas educativos” e em sua

grande maioria se articulam a conceitos com os seguintes temas: eficácia, atraso, evasão, mudanças no sistema educativo, modelos, contextos, métodos, planos educativos, índices e outros tópicos que dificilmente demonstram ou destacam as práticas educativas sobre a cultura, os costumes e os saberes latino-americanos.

Uma das exigências para participação nas “Rutas Pedagógicas” e que está ressaltada em vários documentos de convocatória: é preciso integrar uma rede de docentes para participar dos “Encontros Iberoamericanos”. Por que essa exigência? Como se configuram as redes de docentes latino-americanas que participam de “Rutas Pedagógicas”.

As redes de docentes latino-americanas, segundo Segundo Suarez e Argani (2011) se constituem como uma forma de intervenção político pedagógica que se contrapõe às práticas educativas neoliberais. São coletivos organizados desde a década de 1980, cujos docentes, frente a política e os discursos hegemônicos, vêm construindo “alternativas de investigação, formação e produção de saber pedagógico” (p. 44).

Suarez e Argani (2011) destacam dois movimentos pioneiros no que tange a formação de redes de docentes: “Centro de Autoformación Docente em Peru, La Expedición Pedagógica Nacional” e “El Movimiento Pedagógico Nacional”. Este último, foi organizado e implementado pela Federación Colombiana de Trabajadores de la Educación na década de 1980. Como já mencionado no início deste texto, de acordo com os autores, desde seus primórdios o “Movimiento Pedagógico Nacional da Colômbia” pretendia reivindicar não só a melhoria salarial, mas também lutava por políticas educacionais libertadoras e emancipadoras. O movimento ao longo do tempo foi sendo protagonizado por coletivos docentes autônomos articulados em redes e vinculados às suas comunidades locais e que com o apoio da Universidade Pedagógica Nacional tornaram a Expedição Pedagógica uma alternativa de mobilização política.

A integração e conexão entre docentes latino-americanos organizados em rede possui um histórico que articula concepções que foram sendo consolidadas na medida em que os encontros regionais, nacionais e iberoamericanos aconteciam.

En este sentido, se tensiona y redefine la identidad docente al posicionarse como productor y portador de saberes pedagógicos, en un proceso colectivo de producción de conocimientos y de desarrollo de otros modos

de organización, orientados a la democratización de la escuela. Por otro lado, el trabajo en red favorece diversas formas y vías de encuentro y participación, ya sean presenciales o virtuales (de lectura entre pares, reuniones de coordinación, publicaciones colectivas, intercambio de experiencias o desarrollo de actividades conjuntas) que permiten la circulación y la producción colectiva del saber pedagógico. (SUÁREZ e ARGANI, 2011, p. 47).

A construção da identidade docente e o trabalho coletivo fazem parte de ações das “Rutas Pedagógicas” que apostam na formação de professores/as éticos/as com o compromisso político, social e cultural. Para Suárez e Argani (2011), trabalhar em rede é apostar na formação de docentes que buscam possibilitar a vivência da profissão não só como uma obrigação que se precisa cumprir para receber um salário, mas também como um projeto pessoal e profissional, onde se descobre ajudando a reconhecer as capacidades e habilidades para a vida. Uma formação que se educa e se humaniza, trazendo um sentido amplo para o que é ser professora, ser professor.

No documento de convocatória²⁶ para o próximo Encontro Iberoamericano que será sediado na Colômbia há a demarcação de algumas premissas da “Red Iberoamericana de Colectivos Escolares y Redes de Maestros que hacen Investigación desde su Escuela”, dentre elas destaco: a integração de maneira democrática e horizontal entre as diversas redes e coletivos de professoras e professores, educadoras e educadores dos diferentes países; o rompimento com formas de organização verticais impulsionadas por governos neoliberais; a abertura de espaços dialógicos nos quais se escutam as vozes dos protagonistas de práticas pedagógicas “inovadoras” e investigativas que permitem construir as bases de uma pedagogia própria de caráter decolonial, anti-hegemônico e emancipador, concebendo os coletivos e redes como espaços de relações fraternas, autônomas, democráticas, participativas e includentes; a organização coletiva como fundamento para exercer o direito de decidir sobre o público.

Outros aspectos que acredito serem importantes nos encontros e que também estão citados nos documentos de convocatórias tanto o do “IV Encuentro del Colectivo Peruano” (2018) como o do “IX Encuentro Iberoamericano” que acontecerá em 2020 na Colômbia, são: a construção de uma postura crítica,

²⁶Disponível em:

<<http://www.idep.edu.co/sites/default/files/ConvocatoriaDefinitiva.IX%20Encuentro%20%28%20para%20difundir%29.pdf>>. Acesso em: 02 março 2019.

divergente e propositiva frente às políticas e práticas educativas domesticadoras em que “a técnica se converte na escrita de uma verdade”; a atuação de professoras e professores, educadoras e educadores como sujeitos políticos, investigadores de suas práticas pedagógicas, produtores de saber que buscam romper com a dicotomia entre quem constrói teorias e quem as executam e com a concepção de escola como um espaço neutro, a construção de ações de mobilização social e pedagógica da população latino-americana e espanhola, frente as políticas públicas de educação que vem sendo implementadas na América Latina e na Espanha.

Nos Encontros Iberoamericanos também há o envio de trabalhos acadêmicos que sistematizam as práticas pedagógicas realizadas pelos/as docentes que participam do mesmo. Estes trabalhos se apresentam de forma escrita ou audiovisual e precisam ter caráter investigativo, inovador em suas aulas, escolas, redes, coletivos, territórios, as problemáticas que buscam transformar demonstrando o contexto e as tensões conceituais de acordo com a proposta apresentada, sempre com relação a aposta de emancipação humana.

Algumas ações da “Red Iberoamericana” antecedem os Encontros Iberoamericanos, por ela realizadas, dentre as que estão descritas no documento de convocatória do “IX Encuentro Iberoamericano”, destaco: a leitura entre pares que se configura na organização dos professores em grupos de até quatro pessoas de distintos países, redes ou coletivos para a troca de seus trabalhos uns com os outros. A intenção é promover o fortalecimento da rede na medida em que os/as docentes ao mesmo tempo em que se dispõem à leitura atenta de produções de outros/as integrantes da rede, também precisam se submeter à escuta das sugestões e apontamentos de outros docentes sobre seu texto. Com isso, todos/as ganham a oportunidade de conhecer ao menos um texto de um de seus/suas “colegas” e também conseguem ter o seu próprio texto lido por alguém. Ou seja, não existe uma “comissão científica” preparada para ler e “aprovar” os trabalhos realizados e submetidos para a apresentação nos encontros, pois todas e todos são leitores/as e avaliadores/as. Neste processo, os coletivos e as redes docentes se entrelaçam e as produções escritas podem ser consideradas como mais um ponto de intercessão que tecem as conexões entre professoras e professores.

Esse movimento de “leitura entre pares” é uma das metodologias utilizadas nas reuniões que participo com os grupos de pesquisa ALMEFRE e GPALE. Todos

e todas/os integrantes do grupo têm a oportunidade de expor suas produções, ainda em construção, para que outros/as colegas do próprio grupo possam ler.

Acredito que essa é uma experiência complexa, mas também formativa, pois ao mesmo tempo em que cada um/a precisa ter coragem para apresentar sua escrita, necessita ter o comprometimento em ler com seriedade o trabalho do/da outro/a.

Como já mencionado no início deste trabalho, os grupos de pesquisa ALMEFRE e GPALE formam o coletivo REDEALE que faço parte desde minha entrada no mestrado. A partir da participação nesta rede, tive a oportunidade de viver minha primeira Expedição Pedagógica, uma experiência que foi cuidadosamente registrada como fonte de pesquisa para minha dissertação.

2.2) O coletivo REDEALE no IV Encuentro Nacional del Colectivo Peruano

Refletir sobre a práxis, registrar as experiências em coletivos docentes, são movimentos importantes no que concerne à prática educativa.

Celena Soares Souza

A participação no “IV Encuentro Nacional del colectivo peruano de docentes que hacen investigación e innovación desde la escuela y su comunidad” permitiu que eu vivesse muitas experiências singulares. Vi novas cores, provei novos sabores, senti um novo respirar. Nos primeiros dias meu coração batia de forma acelerada. Não sabia se era porque eu estava pela primeira vez fora de terras brasileiras ou se era pela diferença de altitude. Talvez ambas as sensações estivessem se misturando e a cada momento o cotidiano que eu conhecia se afastava e dava lugar a novas formas de experienciar a vida. Compreendendo que esta pesquisa faz parte das ações do coletivo REDEALE, destaco que embora ela esteja sendo escrita em primeira pessoa, boa parte dos “achados” aqui, inicialmente, apresentados só foram possíveis pelo trabalho realizado coletivamente, principalmente as conversas com as professoras e professores, realizadas juntamente com as professoras Jacqueline Morais e Mairce Araújo, durante nossa viagem ao Peru.

Para que as conversas acontecessem, nos preparamos através da leitura de artigos e buscamos alguns dos trabalhos já realizados pelo coletivo REDEALE

sobre a Expedição Pedagógica, bem como elaboramos algumas perguntas no sentido de compreender melhor como as professoras e professores com quem dialogamos concebem a Expedição Pedagógica. Essas perguntas foram feitas em espanhol, pois a maioria dos/das docentes não compreendia a língua portuguesa.

Dentre as perguntas que vínhamos elaborando durante as investigações, destaco que um dos principais focos de nossa pesquisa foram os encontros para dialogar com as pessoas que participavam do congresso. Além de tentarmos descobrir como os docentes com quem conversávamos, participavam da Expedição Pedagógica, buscamos também investigar: Teria alguma possibilidade de continuidade dos diálogos entre os docentes? Como se daria o fortalecimento das “conexões entre docentes na América Latina” a partir do “IV Encuentro Nacional del colectivo peruano de docentes que hacen investigación e innovación desde la escuela y su comunidad”?

Nos primeiros diálogos, a professora Jacqueline Morais fazia as perguntas para as professoras e professores, enquanto eu anotava, filmava ou fotografava, sempre com autorização dos mesmos. Com as perguntas anotadas e após observar como minha orientadora pronunciava as palavras em espanhol, quando tive oportunidade, me encorajei a conversar sozinha com algumas das professoras peruanas que estavam no evento. Das conversas e entrevistas presentes neste trabalho, em três delas eu estava sozinha.

Outro recurso que utilizei ao estar sozinha foi pedir para que as professoras escrevessem em meu caderno de campo alguma mensagem para minha pesquisa. Tentei falar em espanhol que estava me formando em Pedagogia e que iria assumir o cargo de professora em uma escola pública em 2019. Disse que eu gostaria de ter uma palavra de incentivo para ingressar na carreira docente. Para trazer essa experiência para minha dissertação, optei por dialogar com as conversas que tive com os professores em paralelo ao relato das experiências vividas, durante as atividades decorrentes do “IV Encuentro Nacional del Colectivo Peruano. Busquei construir um caminho de investigação-formação-ação (SUÁREZ, 2015), percebendo como a conexão entre docentes, a participação nas Expedições Pedagógicas e em outros movimentos que organizaram o tempo no “IV Encuentro Nacional del Colectivo Peruano” se tornaram fontes de pesquisa para minha dissertação, bem como de alguma maneira me “atravessaram” (LARROSA, 2001).

Estas modalidades de investigación-formación-acción docente, bastante diferentes entre sí, tienen en común la expectativa de provocar procesos de reconfiguración de “posiciones de sujeto” en una serie de sentidos articulados. Todas están empeñadas en trastocar las posiciones de sujeto de la formación, promoviendo figuras de docentes que se auto y co-forman frente a la heteronomía que provocan algunos modos de capacitación en la enseñanza elaborados por el saber experto. Todas pretenden, además, reposicionar a los sujetos pedagógicos, involucrando a los docentes en procesos de reconstrucción de la pedagogía como campo de saber/discurso/poder y comprometiendo a sus enunciados y experiencias en la recreación del discurso y saber pedagógicos. Todas quieren, así mismo, conmoverlos emplazamientos relativos de los sujetos de conocimiento, desplazando a los docentes desde posiciones pasivas y receptoras, como “objeto” de intervenciones especializadas, hacia otras más activas que los incorpore en procesos de producción, circulación y validación de conocimientos pedagógicos (SUÁREZ, 2015, p. 2).

Ao nos prepararmos para a viagem, eu e as professoras Mairce Araújo e Jacqueline Morais, conversamos bastante sobre como seria nossa participação no encontro. Diante do planejamento que organizamos destaque algumas perguntas que elaboramos como “pistas” para os diálogos que estabelecemos com os docentes que participaram do encontro em Cajamarca: ¿Cuál es su nombre y apellido? ¿Fecha de nacimiento? ¿Hace parte de algún colectivo o red de profesores/maestros/as? Cuál? ¿Que importancia tiene para usted participar de un colectivo/red de profesores/maestros/as? ¿Cuál es su formación, su escolaridad? ¿Cuál es su Institución de Enseñanza? ¿En qué nivel de enseñanza o año de escolaridad usted da clases? ¿En qué ciudad resides? ¿En qué ciudad trabajas? ¿Cuántas Expediciones Pedagógicas ya participó hasta hoy? ¿En qué expediciones pedagógicas has participado hasta hoy? ¿En qué ciudades o países? ¿Lo que hay aprendido de más importante en una Expedición Pedagógica?

Essas questões funcionaram como um roteiro para nossas conversas e entrevistas com as professoras e professores e nos permitiu estar em constante contato com nossas inquietações e curiosidades sobre as Expedições Pedagógicas. Vale destacar que as mesmas não foram realizadas de maneira linear e direta e muitas vezes não foram proferidas exatamente como estão registradas aqui. Buscamos durante as conversas e entrevistas nos aproximarmos das narrativas que ouvíamos, construindo junto com elas um “caminho de pesquisa” (CERTEAU, 1998) que por hora se transforma na escrita desta dissertação.

Durante a qualificação de meu projeto de pesquisa, apresentei as conversas e entrevistas na íntegra como foram realizadas e um pouco da discussão metodológica de como iria considerar os diálogos com as professoras e professores. A pesquisa empírica se desenvolveu tanto a partir de entrevistas como pelas conversas e no texto de qualificação eu apresentava os diálogos sem fazer uma discussão sobre as implicações teóricas, políticas e éticas de se optar por um recurso em detrimento do outro. Fui bastante questionada pela banca. As professoras que avaliaram meu texto sugeriram que eu contemplasse na escrita o caminho metodológico construído ao longo do processo, sinalizando em que momentos eu me percebia realizando entrevistas no sentido mais clássico do termo e em que momentos eu sentia que as entrevistas iam se transformando em conversas. A banca me instigava a refletir melhor sobre as diferenças e semelhanças de cada dispositivo de pesquisa, entrevista e conversa, bem como pensar e refletir sobre as contribuições de cada um, para compreender melhor o processo vivido.

A banca de qualificação, também sugeriu que eu pensasse um pouco mais nas perguntas elaboradas inicialmente para dialogar com a pesquisa. Antes eu tinha a pretensão de descobrir como as professoras e professores compreendem a Expedição Pedagógica e o que muda na vida pessoal e profissional dos/as mesmos/as quando realizam o deslocamento físico e intelectual a partir da Expedição Pedagógica. Essas questões de pesquisa foram bastante questionadas durante a qualificação de meu projeto o que me instigou a modificar o foco da pesquisa. Comecei a pensar em como dialogar com as narrativas das professoras e dos professores para perceber como a experiência de participar de uma Expedição Pedagógica contribuía tanto com o meu processo formativo, quanto com o dos sujeitos com os/as quais dialogava e, ao mesmo tempo, que contribuições, este trabalho poderia trazer para os estudos já existentes sobre o tema.

O “IV Encuentro Nacional del Coletivo Peruano” seguindo a trajetória dos encontros anteriores e das premissas da Expedição Pedagógica teve como um princípio o caráter democrático, onde cada docente compartilhava e ouvia saberes e práticas e vivências cotidianas. Deste modo, a conversa nos parecia ser um dos principais caminhos metodológicos para aproximação com os/as expedicionários/as.

Assim, para pensarmos nos diálogos com as professoras e professores peruanos/as incorporamos algumas reflexões sobre a conversa como metodologia

de pesquisa em nossas ações (SAMPAIO, RIBEIRO e SOUZA, 2018), acreditando que:

A conversa é talvez, de alguma maneira e em alguma medida, a arte de se fazer presente, de dar o tempo, isto é de se colocar disponível a ouvir, a escutar, a pensar e partilhar com o outro o que nos habita, fazendo dessa ação não só uma possibilidade de investigação, mas antes de transformar-se no próprio ato de investigar (p. 36).

Retrospectivamente, o que a experiência na pesquisa mostrou foi que mesmo tendo um roteiro inicial, disporador para o diálogo, que a princípio entendíamos como entrevista, tal roteiro se perdia e não mantinha a formalidade que, às vezes, prevalece em um modelo mais clássico de entrevista. O diálogo parecia se encaminhar para uma conversa mais informal. A dificuldade com a língua, a intimidade do contexto, o desafio de encontrarmos as palavras certas para expressar nossos sentimentos, nos levava a “naturalmente” conversarmos uns com os outros e umas com as outras, não apenas sobre nossas vidas individuais, mas também a respeito de nossas práticas, das ações que nos acompanham na caminhada docente.

Entendo agora que a investigação foi nos ensinando a encontrar caminhos para a pesquisa, pois “não cremos que haja um só caminho ou um só dispositivo adequado para pensar, explorar, inventar... conhecer.” (NAJMANOVICH, 2003, p. 34). Podemos explorar, reinventar e criar caminhos outros de dialogar com a pesquisa.

Conversar, sim, porém, não apenas de um e/ou do outro e/ou de nós. Conversar, talvez, sobre o que fazemos, sobre o que nos passa naquilo que fazemos, sobre essas “terceiras outras coisas” das quais se constitui e configura o ato de educar, tanto como qualquer outro ato relacional. Conversar. (SKLIAR, 2011, p. 29).

As conversas foram “registradas” e depois transformadas em texto, ou seja, “essas fontes não existiam sob a forma de escrita” (ECO, 2014, p. 46), com isso, um cuidadoso trabalho foi realizado para que tivéssemos acesso à nossa principal fonte de pesquisa: os diálogos com os docentes. Eu e a professora Jacqueline Moraes levamos um gravador, cada uma, *tablet*, computador e celulares. Esses artefatos nos ajudaram a nos aproximarmos dos dados que depois foram trabalhados para que se transformassem neste texto.

Pela minha dificuldade em compreender a língua espanhola, ao voltar para o Brasil, procurei imediatamente uma pessoa que pudesse realizar as transcrições das entrevistas. Cabe ressaltar que as transcrições estão em espanhol. Acreditamos que se traduzíssemos os diálogos para o português poderíamos perder, de alguma forma, o sentido daquilo que as expedicionárias e expedicionários nos traziam em suas falas. Aqui acrescento que demarcar a distinção entre as línguas faladas em países latino-americanos, compreendendo-a como um símbolo fronteiro, é reconhecer um dos desafios de se estabelecer conexões entre docentes na América Latina. Como romper com esta fronteira? Como esta pesquisa de Mestrado pode contribuir para que professoras e professores latino-americanos que desejam se conectar, possam encontrar um caminho, uma maneira de se aproximarem para trocar saberes e práticas pedagógicas?

Foi um grande desafio, me envolver nessa pesquisa já que grande parte da bibliografia sobre a Expedição Pedagógica está escrita em espanhol. Conte com a leitura de dicionários e a ajuda de amigos que possuem um domínio maior da língua espanhola. Me matriculei em um curso de espanhol e diante destas experiências refleti sobre este percurso me questionando: por que não aprendi espanhol durante minha vida escolar? Nas escolas que estudei, a língua estrangeira oferecida pelo currículo era sempre a inglesa. Quando ganhei uma bolsa de estudos para aprender outra língua, o curso também era o de inglês.

O Brasil é o único país latino-americano em que seus habitantes falam a língua portuguesa, todos os outros países latino-americanos têm o espanhol como sua língua principal. Por que o enfoque para aprender outra língua estrangeira durante minha trajetória foi direcionado para o curso de inglês? Atualmente, para melhor desenvolver minha pesquisa de Mestrado, precisaria saber além de ler textos em inglês, falar e ler em espanhol. Apropriar-me deste idioma foi um ganho a mais que o Mestrado me proporcionou.

Viajar para o Peru e apostar em um tema que envolve diretamente a língua espanhola, contribuiu de maneira significativa para que eu desenvolvesse e aprendesse a falar, a ler e a escrever em espanhol. Participar de um congresso, onde todas as atividades eram em espanhol, foi uma experiência que me suscitou muitas reflexões e aprendizados. No próximo capítulo desta dissertação trago

algumas memórias do “IV Encuentro Nacional del Colectivo Peruano”, seguidas dos encontros que tivemos com os/as professores/as peruanos/as.

3) EXPEDIÇÃO PEDAGÓGICA: DIÁLOGOS NO IV ENCUENTRO NACIONAL DEL COLECTIVO PERUANO DE DOCENTES QUE HACEN INVESTIGACIÓN DESDE LA ESCUELA Y SU COMUNIDAD

La Expedición Pedagógica es una manera de sumar a las profesoras y los profesores.

Professora Catarina
(Diário de Campo, Isabele Ramos, 01.08.2018).

A epígrafe acima foi escrita em meu diário de campo pela professora Catarina pertencente à “Red Desenredando Nudos”. Após terminarmos uma conversa, que ficou registrada em meu gravador, pedi que ela escrevesse uma mensagem para minha pesquisa. A importante reflexão de Catarina ficou em meu caderno e em diversos momentos da escrita de minha dissertação traduzo e complemento o que ela me disse: “a Expedição Pedagógica é uma maneira de somar professoras e professores”, de ampliar suas lutas e reivindicações, de mantê-los/as mais fortes, de fortalecer as redes que se encontram para, talvez, formar uma só rede de docentes que compartilham suas experiências e práticas pedagógicas na América Latina.

Escrever não é tarefa mecânica não há uma única “receita” que nos ensine a dissertar. Sistematizar dados de uma pesquisa requer esforço constante. Assim como “um atleta trabalha seus músculos diariamente, um laborista fica atendo diante do microscópio, um piloto acompanha e manipula instrumentos de navegação,” (SANT’ANA, 2006, p. 51) concebi minha dissertação como uma tarefa a ser realizada cotidianamente. Lia e relia os textos já escritos e procurava alimentá-la sempre que possível com reflexões, conceitos e poesia.

Dialogar com as transcrições das entrevistas realizadas com os/as professores/as foi uma tarefa bastante desafiadora a qual acredito que não irá se esgotar nesta pesquisa. Busquei perceber não só o que as professoras e os professores me diziam com as palavras, mas também seus gestos, suas expressões. A língua espanhola eu não compreendia muito bem, mas os abraços que eu ganhava após cada encontro, podiam ser traduzidos imediatamente e me impulsionavam a continuar conversando sobre Expedição Pedagógica.

O tema “formação de professores/as na perspectiva das Expedições Pedagógicas” permeava por nossos diálogos de forma singular com cada uma e

cada um e nos instigavam a outras perguntas. Cada história de vida docente, cada caso nos ensinava algo sobre as Expedições Pedagógicas e em muitos momentos eu me perguntava: Como transformar em texto estes acontecimentos que aos meus olhos muitas vezes são belos, confusos, ricos, cheios de surpresas, emocionantes, compreensíveis e incompreensíveis? As respostas não chegavam imediatamente, mas aos poucos fui descobrindo, junto com minha orientadora, alguns caminhos que permitiram minha chegada a este texto.

3.1) Expedição Pedagógica: encontros que geram múltiplas conexões

É como se estivesse zerando nosso olhar, reinventando o primeiro olhar, “desviciando” a maneira de ver.

Affonso Romano de Sant’Anna

Conversar com alguém nunca visto antes, para mim, sempre foi um desafio. Penso que na vida docente também passamos por essa experiência. Entramos em uma escola onde não conhecemos a equipe, os/as estudantes chegam, não os conhecemos, aos poucos começamos a conversar e na perspectiva da troca de saberes, algo acontece e passamos a fazer parte das vidas uns dos outros... O que esperar das conversas com os/as expedicionários/as? Como me aproximar deles? O que aprenderei com eles? Será que conseguirei ensinar algo?

(Diário de Campo. Isabelle Ramos. 02.08.2018).

Trago meu diário de campo como referência para iniciar o diálogo com as conversas realizadas para minha dissertação com as professoras peruanas e professores peruanos, que ocorreu no IV Encuentro Nacional del Colectivo Peruano, ao mesmo tempo que busco seguir a propositade Sant’Anna (2006) em seu livro “A Cegueira e o Saber”, sobre “desviciar o olhar”, olhar com calma, buscar caminhos para o “encontro com o outro.” Dialogar pessoalmente com as professoras e professores peruanos/as foi uma experiência singular. No início a insegurança e o medo de falar ocuparam boa parte dos espaços entre nós. Registrava em meu diário as impressões e sentimentos que me circundavam.

Neste sentido, este capítulo tem como principal referência o “IV Encuentro Nacional delcolectivo peruano de docentes que hacen investigación e innovación desde la escuela y su comunidad”. Serão abordados, alguns dos acontecimentos

que considerei como os principais e que se sucederam em minha participação no evento: as palestras que ouvi; as rodas de conversa de que participei; o compartilhamento de experiências durante os intervalos; as noites culturais tanto as que assistimos, como a atividade proposta por nós brasileiras, as Expedições Pedagógicas vividas, bem como as conversas que tivemos com as professoras e os professores peruanos.

Participar do “IV Encuentro Nacional del colectivo peruano de docentes que hacen investigación e innovación desde la escuela y su comunidad” foi uma experiência bastante significativa em minha formação docente. Ao chegarmos a Cajamarca, por volta das nove horas da manhã, fomos recebidas pela coordenadora do evento, Maria Izabel Gutierrez. Ela foi gentilmente, até o aeroporto nos buscar e nos levou para o hotel em que ficaríamos hospedadas. Deixamos a bagagem, descansamos um pouco e saímos para almoçar.

Figura 4: Chegada do Coletivo REDEALE em Cajamarca



Fonte: Arquivo pessoal. Cajamarca. Peru. 29.07.2018

Ao chegarmos à abertura do encontro, que aconteceu no Ex- Palácio Municipal, conhecido como Municipalidade de Cajamarca, recebemos uma “mochila pedagógica” com blocos de anotações, caneta e alguns livros que fazem parte da literatura cajamarquina. O início foi marcado por algumas formalidades, tais como, a apresentação de autoridades presentes, representantes da secretaria de educação

e do governo. Uma das falas de um dos professores destacava a importância da participação das redes e coletivos de docentes peruanos naquele encontro para pensar na participação dos/das docentes no próximo encontro iberoamericano.

Como já dito anteriormente, o principal objetivo do “IV Encuentro Nacional del Colectivo Peruano de Docentes” consistiu em fortalecer a integração das redes regionais, que formam a “Red Iberoamericana de Redes y Colectivos de Maestras, Maestros, Educadoras e Educadores que hacen investigación e innovación para la emancipación” para participar do “IX Encuentro Iberoamericano” que acontecerá na Colômbia em 2020.

Figura 5: Abertura do IV Encuentro Nacional del colectivo peruano de docentes.



Fonte: Arquivo Pessoal. Cajamarca. Peru. 30.07.2018

Um dos convidados para discursar na abertura do evento era um menino de aproximadamente onze anos, aluno de uma das professoras de Cajamarca que também organizava e participava do encontro. Ele leu um texto de sua autoria agradecendo aos professores por terem escolhido tal profissão. Para minha surpresa o texto lido por Joustin Ventura Sanchez era o mesmo que estava escrito no caderno de anotações que se encontrava na mochila pedagógica que recebi. Na mochila de cada participante havia um caderno com um texto escrito por uma criança diferente, ou seja, um grupo de crianças foi estimulado, em algum momento, nas escolas, em suas salas de aula, à escrita de uma mensagem para os/as professores/as que participariam do “IV Encuentro Nacional del Colectivo Peruano”.

Destaco uma imagem do caderno de Joustin, bem como transcrevo o texto que foi lido por ele na abertura do evento:

¡Mejor Maestro!

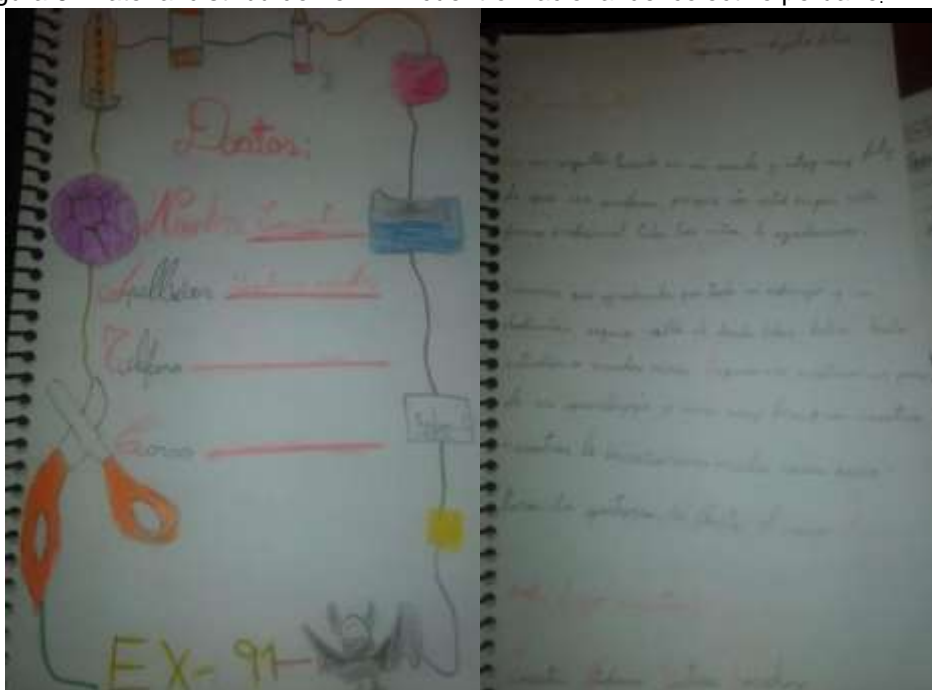
Es un orgullo tenerlo en mi escuela y estoy muy feliz de que sea profesor, porque sin usted ningún niño fuera profesional, todos los niños, le agradecemos. Tenemos que agradecerlos por todo su esfuerzo y su dedicación, seguro Allá de donde viene, habrá hecho estudiar a muchos niños. Seguro nos enseñar un poco de tua prendizaje y será muy bueno con nosotros, nosotras le enseñaremos muchas cosas como: tocar la guitarra, la flauta, el saxo, etc...

¡Hasta luego maestro!

Joustin Stefano Ventura Sanches

(Caderno distribuído no material pedagógico do Encontro).

Figura 6: Material distribuído no IV Encontro Nacional del colectivo peruano.



Fonte: Arquivo Pessoal: Cajamarca. Peru. 30.07.2018

Após a abertura do evento fomos convidadas a ir para o auditório de uma escola para assistir uma conferência. Enquanto aguardávamos seu início e dentro do nosso espírito expedicionário investigativo, convidamos um primeiro professor para conversar. Tratava-se de Jhon Jairo Ocampo Cardona, ele é colombiano e representando a Universidad Tecnológica de Pereyra foi convidado pela organização do IV Encontro Nacional del colectivo peruano, para ministrar uma conferência sobre sua realidade docente. O professor Jhon Jairo possui uma ampla experiência de trabalho com líderes campesinos, líderes afros, líderes indígenas e

suas respectivas realidades. Uma de suas falas que mais nos chamou atenção foi a relevância que ele atribui às Expedições Pedagógicas. Além de nos contar que havia participado das Expedições realizadas no Peru e no México, ele nos relatou que:

Las experiencias en las Expediciones Pedagógicas nos hace entender la realidad, no solo la de nuestro país y de nuestras regiones, sino también la de América Latina. Y se empieza a observar que existen diferentes medidas tenemos realidades muy parecidas, y lo que las determina es el cotidiano local. Yo apuesto en eso conto das mis fuerzas porque buena parte de mi vida estuve ligado a eso, ligado a construir esa realidad. Mejor dicho: es cambiar la realidad que nos imposibilita por la realidad que merecemos. Y realmente adquirir las cosas que son para nosotros (que merecemos), una educación propia, un móvil adecuado, viviendas amplias e iluminadas, dignos. (Conversa com o Professor Jhon Jairo).

Figura 7: Conversa com o professor John Jairo



Fonte: Arquivo pessoal Cajamarca. Peru. 30.07.2018

Primeira conversa, primeiro depoimento sobre Expedição Pedagógica. Algumas questões ficaram ruminando em meus pensamentos: O que seria para nós latino-americanos construir uma educação própria? De que forma a participação em uma Expedição Pedagógica nos permite perceber que embora sejamos de diferentes países da América Latina estamos imersos em realidades políticas, econômicas e sociais muito parecidas? Conversar com o professor Jhon Jairo

possibilitou – me elaborar outras perguntas em minha pesquisa. Indagações que talvez não tenham respostas, mas que serviram para que eu continuasse pensando sobre aquela experiência.

Enquanto conversávamos, aguardávamos a conferência que aconteceria naquele mesmo auditório com o professor Alfredo Mires Ortiz, acessor executivo da “Red de Bibliotecas Rurales de Cajamarca” no auditório do Instituto San Ramón. Em seguida nos reunimos em salas de aula para debatermos o que ouvimos na conferência que terminávamos de assistir e falarmos um pouco de nossos trabalhos e práticas cotidianas. Essas conversas eram denominadas de mesas de trabalho, e cada uma delas era composta por integrantes das diferentes redes que participavam do evento. Ao final da tarde assistimos um documentário sobre as bibliotecas rurais na Central de Bibliotecas Rurales localizada na cidade de Cajamarca.

A Rede de Bibliotecas Rurais de Cajamarca tem como uma de suas premissas: registrar as experiências campesinas em livros. Este movimento é realizado pelo professor Alfredo Mires. Em visitas às comunidades, através da valorização da cultura oral, ele escuta as histórias das pessoas e as transcreve. Essas narrativas se transformam em livros que depois passam a fazer parte dos acervos das bibliotecas rurais.

Esta é uma prática que pode ser considerada decolonial, na medida em que há o reconhecimento da voz de povos latino-americanos e nos ajuda a compreender que a interculturalidade (WALSH, 2009), mas do que conectar as pessoas, conhecimentos, aprendizagens e valores, deve contribuir com o rompimento da “história hegemônica”, de uma “cultura dominante” que prioriza apenas os “acontecimentos que nos contam” sobre nossa identidade latinoamericana. Neste sentido, a Rede de Bibliotecas Rurais de Cajamarca trabalha em *prol* dos interesses das comunidades campesinas, não se articula aos interesses políticos, aos poderes públicos, é sustentada somente pela venda dos livros das histórias produzidas pelas comunidades.

A Rede de Bibliotecas Rurais, além de propor uma concepção inovadora de se “organizar uma biblioteca”, coloca Cajamarca em evidência. Esta cidade fica localizada ao Norte do Peru, é um dos lugares onde muitas pessoas vivem em situação de pobreza extrema. Pelos relatos e vivências das comunidades campesinas, o projeto das Bibliotecas Rurais tem como premissa reescrever a

história das pessoas que ali vivem, dando ênfase à sua cultura, à riqueza de seus aspectos ancestrais, bem como construir as bibliotecas a partir da própria concepção das comunidades rurais, do que pode ser uma biblioteca, como a cultura da palavra escrita pode fazer parte de suas vidas.

Essa experiência foi uma das que mais me mobilizou. O trabalho comunitário, a chegada dos livros aos camponeses, a maneira como as bibliotecas eram organizadas, foram elementos que muito me chamaram atenção. Lembrei do meu acesso tardio aos livros literários tais como: “A hora da estrela de Clarice Lispector”, “Ensaio sobre a cegueira de Saramago”, “Grande Sertão: veredas de Guimarães Rosa”, “O livro do desassossego de Fernando Pessoa”, dentre tantos outros que eu só tive a oportunidade de conhecer quando cursei o Ensino Médio e logo depois que me tornei universitária. Pensei no quanto a experiência com distintas culturas nos permite outro olhar para a vida. Ao assistir o documentário, aprendi com os depoimentos dos camponeses. Pude revisitar as memórias que tenho com os livros e o quanto me identifiquei com aquelas pessoas que ali falavam sobre suas vidas.

No dia seguinte nos organizamos para a apresentação das professoras Jacqueline Morais e Mairce Araujo, a conferência: “Formación Docente y sus desafios em América Latina”, que trouxe um pouco da realidade política e social latino-americana e os impactos nas políticas educacionais, dando ênfase a difícil situação política em que se encontrava o Brasil. Após esta apresentação nos reunimos novamente nas mesas de trabalho para darmos continuidade ao que vínhamos desenvolvendo.

Neste dia, tive minha primeira conversa sozinha com uma professora peruana. Fiquei entusiasmada por conseguir me comunicar com ela, mesmo sem saber falar espanhol. Ela entendia um pouco da língua portuguesa, mas só conseguia falar espanhol. Perguntei se eu poderia gravar nossa conversa. Peguei meu gravador e registrei aquele momento. Minha orientadora Jacqueline Morais chegou depois na sala. Registrou umas fotos de nossa roda de conversa e se juntou ao grupo.

Figura 8: Roda de Conversa Roda de Conversa no IV Encontro Nacional del Colectivo Peruano de Docentes.



Fonte: Arquivo Pessoal:Cajamarca. Peru. 30.07.2018

Logo após, nos reunimos novamente no auditório para socializarmos as discussões que tivemos nas rodas de conversa. Enquanto esperávamos o início dos debates, convidamos três professoras peruanas para conversar conosco. Explicamos que além de participarmos do evento, estávamos também em pesquisa sobre Expedição Pedagógica e que gostaríamos de pensar junto com elas o que era importante considerarmos em nossa formação docente diante da experiência que estávamos vivenciando. Começamos com a professora Luciana Calsi Apaza que faz parte da Rede de professores de Cusco e trabalha em uma escola na zona rural de Cusco.

Profª Jacqueline: ¿Qué importância ve en estos encuentros?

Profª Luciana: A mí particularmente me fortalece profesionalmente y como persona, si me voy ahorita, estoy muy convencida, me siento fortalecida para poder hacer mi práctica con más firmeza. Y convencida también que se puede volver, y ayudar a las personas, desde la investigación hasta la lectura, la comparación de los autores ... y nos está faltando incorporar la investigación científica, solo estamos en acción y acción, pero nos falta teorizar como usted están haciendo. Eso es lo que nos falta, tenemos manos, tenemos todo para escribir, es que venimos de una cultura oral, ese es el problema, yo te puedo explicar y decirte todo, pero eso nos falta. Escribimos siempre relacionado con la naturaleza, yo siempre la relaciono por ejemplo con el canto de los pajaritos, y en ese momento que es se me ha idea do hacer esa cosa así, por ejemplo, encantar, o las alida del sol, eso es lo que ponemos, por ejemplo, siempre les digo del sol, el sol, el sol, incluso digo a mis niños para diferenciarse de la posición de arriba abajo del sol. ¿Les decimos de Donde vael sol? Primero los niños, no sé de

donde sa le el sol. Primero les digo de donde sale y después el paisaje, que es eso? es el sol. ¿Qué está haciendo el sol? el sol esta mirándome, el sol me está alumbrando, para que te juegue, así más o menos, así me gusta más. Siempre hay en nuestros autores nacionales, siempre le ponen la naturaleza, la historia, su cultura, no escribe nas ífríamente, si no que siempre es así. En ese momento se descifra cada palabra que está ahí todo, eso es lo que falta, pero nosotros estamos quedando. (Conversa com a professora Luciana).

A professora Luciana, em nossa conversa, narrou sobre sua prática docente, em como articula os processos de aprendizagem com os fenômenos naturais. Sua fala me remeteu às concepções andinas no que tange a relação do tempo com o espaço. Encontro em Solón (2019), algumas sínteses que dialogam com a afirmação que a professora faz ao dizer que os registros que realiza com seus alunos muitas vezes dialogam com a vida fora da sala de aula. Ela está sempre em contato com os “fenômenos naturais” que estão acontecendo. “A visão andina do tempo não segue a mecânica de Isaac Newton, que postula que o tempo é independente do espaço e tem uma magnitude idêntica para qualquer observador.” (p. 24). Durante a conversa, ela nos mostrou algumas imagens desenhadas por seus/suas alunos/as representando o céu, árvores, a chuva, o sol e outros elementos naturais, o que também me fez refletir sobre a “teoria do Bem Viver”.

Para falar do Bem Viver, é preciso recorrer às experiências, às visões e às propostas de povos que, dentro e fora do mundo andino e amazônico, empenharam-se em viver harmoniosamente com a Natureza, e que são donos de uma história longa e profunda, ainda bastante desconhecida e, inclusive, marginalizada. Foram capazes de resistir, a seu modo, um colonialismo que dura mais de quinhentos anos, imaginando um futuro distinto que muito poderia contribuir com os grandes debates globais. (ACOSTA, 2011, p. 28).

Fleuri (2017) é outro autor que discute a teoria do “Bem Viver”, segundo ele, esta concepção nos permite aprender com os povos indígenas, como eles se conectam com a natureza, de modo a romper com práticas colonias que nos são impostas em nossa vida cotidiana. Fleuri (2017) nos convida a fazermos um esforço à “escuta epistêmica das cosmovisões ancestrais não-coloniais” (p. 283). Segundo o autor:

Esta visão de mundo fundamenta a concepção de bem-viver: buen vivir, em espanhol, Sumak Kawsai em quéchua; Suma Qamaña em aymara; Tekó Porã, em guarani. Significa a boa maneira de ser e viver, ou seja, viver em

aprendizado e convivência com a natureza. Esta sabedoria, presente em todas as culturas ameríndias, nos leva a compreender que a relação entre todos os seres do planeta tem que ser encarada como uma relação social, entre sujeitos, em que cultura e natureza se fundem em humanidade (FLEURI, 2017, p. 285).

A conversa com a professora Luciana foi um pouco complexa para mim, compreendi pouco sobre o conteúdo que trazia. Somente após o contato com textos e livros que nos ensinam sobre a valorização da cultura indígena é que me conectei melhor com a fala da professora e percebi o quanto conversar com ela foi importante não só para a escrita desta dissertação, mas também para pensar em como as práticas pedagógicas peruanas estão envolvidas com os saberes indígenas atualmente.

Além de conversarmos com a professora Luciana, naquele momento, convidamos também a professora Rocío Pomasunco Huaytalla que reside em Junín Huancayo, Perú e integra Rede Centro del Peru há dois anos e com a professora Olga Suriano que faz parte da Red Desenredando Nudos.

Profª Jacqueline: ¿Cómo tu explicarías una expedición pedagógica? ¿Cuál tiene participado?

Profª Rocío: La expedición pedagógica es el intercambio de aprendizajes y conoce restos diferentes contextos educativos. Es un encuentro que fortalece las capacidades y las competencias pedagógicas de los maestros y maestras, eso es una expedición pedagógica. Es enriquecedor de este punto de vista educativo, muy fortalecedor. Teníamos la expedición pedagógica en México, en una ruta y toda la semana tuvimos expedición pedagógica en diferentes instituciones. En año pasado, por ejemplo, visitemos en el México escuelas alternativas, también instituciones interculturales bilingües y entidades también o instituciones particulares, instituciones públicas. Estuvimos em Coacalco, donde en una solo institución tenía de inicial hasta universidad. Entonces es as expediciones pedagógicas nos dan los diferentes enfoques con los cuales los sistemas educativos de Latino América están desarrollando (Conversa com a professora Rocío).

A professora Rocío ao caracterizar a Expedição Pedagógica como um “intercâmbio de aprendizagens” me fez refletir sobre a complexidade da Expedição Pedagógica em seu sentido mais amplo. (GUARDIOLA IBARRA, 2017), quando pensamos na relação entre aquele que se insere neste movimento de formação docente e no que caracteriza a Expedição Pedagógica. Guardiola Ibarra (2017) nos leva a reflexão sobre a participação de expedicionários e expedicionárias na

Expedição Pedagógica, no que se refere aos sentidos do que é fazer parte deste movimento. Nas palavras do autor:

La interacción sujeto-objeto es recurrente en Expedición Pedagógica. El viaje adquiere un doble significado. Nos encontramos frente a un sujeto investigador que es permeado y transformado por la manera particular de abordar su propia realidad investigada y de igual manera es transformado en su valoración del viaje por el trabajo colectivo. (GUARDIOLA IBARRA, 2017, p. 217).

Na conversa com a professora Olga Suriano escutei com atenção as palavras que ela proferia. Destaco que a professora Olga é uma das precursoras da Red Desenredando Nudos e que já havia participado de outros encontros, de outras Expedições Pedagógicas. A fala da Professora me suscitou a reflexão sobre o fortalecimento das conexões entre docentes para além dos encontros nacionais e Iberoamericanos. Ao dizer que “quando termina um encontro, um congresso nacional, sentimos que todos se unem para pensar em dias melhores, em coisas boas para os nossos alunos, em uma sociedade livre de problemas”, Olga traz um pouco dos sentidos de uma Expedição Pedagógica que a meu ver estão nos “pontos de intercessão” que unem coletivos e redes que se encontram para pensarem suas práticas cotidianas em diálogo uns com os outros, umas com as outras.

Prof^a Jacqueline: ¿Qué te gusta más en el encuentro?

Prof^a Olga: Para mí estos encuentros son maravillosos, conocemos gente, conocemos experiencias nuevas, entablamos relaciones con mucha gente que tiene muchas cosas que compartir y nos damos cuenta que no son personas ajenas a las otras, a los que forman parte de un mundo de un mismo ideal, de los mismos sueños y al final cuando termina un encuentro, un congreso nacional, sentimos que todos se unen en una hermandad, un amor a algo, acerca de días mejores, a lograr por nuestros alumnos algo bueno, que se desarrojemos en una sociedad más libre de problemas. Son cosas maravillosas que me ayudaron a los del colectivo, y de los encuentros de los iberos. En esta oportunidad he tenido ... les digo La gracia de poder estar más directamente con ustedes de Brasil, de Colombia, de nuestros hermanos de Cusco, también de Huancayo. Han sido experiencias muy lindas realmente.

Prof^a Jacqueline: Entonces fue a México. ¿y allí participó de la Expedición Pedagógica o solamente fue al encuentro?

Prof^a Olga: No, de la Expedición Pedagógica también. También fue algo hermoso, conocemos cada lugar que recurrimos en México, las experiencias directamente en los lugares, en las instituciones educativas, como ellas trabajan, como era su subsidiario acerca de los alumnos mismo con las dificultades y las cosas que desafían adelante. Tenemos mucha semejanza con México en cuanto a los problemas, y nos sentimos identificados de cierta forma porque decimos: también en otro país si hay lo mismo. Y así nos dimos cuenta que en cualquier lugar del mundo en que estemos en los

profesores y profesoras tenemos los mismos rectos que se quieren.(Conversa com a professora Olga).

Após dialogarmos com as professoras Luciana, Rocío e Olga, participamos do debate sobre as sínteses realizadas nas mesas de trabalho, fomos almoçar e no período da tarde participamos do primeiro movimento de Expedição Pedagógica, visitamos a “Escuela Campesina Alternativa Pomabamba – Jesús”, uma Instituição Educacional que atende crianças e jovens de idades entre 2 a 14 anos e funciona como uma iniciativa comunitária. No período da manhã frequentam as crianças de 2 a 5 anos e no período da tarde a escola funciona como um espaço para outras atividades e recebe crianças e jovens de 6 a 14 anos, que estudam em outras escolas em classes regulares. A visita a essa escola despertou meu olhar para o trabalho com crianças pequenas.

Cada pavimento da escola, projeto apresentado e manifestações artísticas realizadas pelos alunos chamavam minha atenção e me faziam sonhar com que eu poderia realizar com meus alunos quando me tornasse professora. Uma das atividades que mais me tocaram foi quando as crianças, de 3 a 5 anos aproximadamente, se organizaram para dançar. Elas estavam junto com seus responsáveis, a professora convidou-as a irem para o centro do pátio, nos explicou que as crianças iriam dançar uma música típica de Cajamarca. Cada criança ia se aproximando de acordo com sua própria vontade, começavam a dançar sem que algum adulto fizesse gestos ou desse orientações coreógrafas. No Brasil, eu nunca assisti uma apresentação realizada por crianças pequenas desta maneira. Ali as crianças eram livres, se apresentavam para a comunidade escolar e suas famílias, mas também brincavam e se divertiam, fazendo daquele momento, um espaço construído por elas mesmas.

Figura 9 – Apresentação de dança na Escuela Campesina Alternativa Pomabamba – Jesús



Fonte: Arquivo pessoal 31.07.2018.

Outra atividade que me emocionou muito foi a arrumação da mesa andina que aconteceu logo após a apresentação das crianças. Ao ver as professoras servindo os alimentos numa grande toalha que se estendia por todo pátio percorrendo uns vinte metros de extensão, estranhei um pouco, pois ainda não sabia qual era o sentido representado pela mesa andina. Até que uma das professoras nos convidou a nos aproximarmos da mesa para nos alimentarmos.

Enquanto comíamos e conversávamos, perguntei para algumas professoras peruanas se elas já conheciam a mesa andina. Foram relatos bastante significativos sobre o que ela representava. Em minha memória ficou registrado que a mesa andina segundo o culto a “Pacha Mama”²⁷ significa a valorização da comida que sai da terra e por isso não podemos cruzá-la, andar de um lado para outro, temos que caminhar em volta dela, pois é uma mesa bendita e também nos permite perceber o sentido comunitário de nossas ações, pois a mesa andina representa um só prato para todos.

²⁷ Para a cultura dos povos andinos Pacha Mama significa “mãe terra” a natureza que dá origem a vida de todos os seres vivos.

Figura 10 – Mesa Andina



Fonte: Arquivo pessoal 31.02.2018.

Ao sairmos da escola, nos dirigimos ao ônibus que nos levou à cidade de Cajamarca. No caminho, conversávamos eu, a professora Jacqueline Morais e a professora Anita Bardales Manga, que trabalha na Escuela Campesina Alternativa Pomabamba com crianças de 3 a 5 anos de idade. Falávamos da importância das atividades que estávamos participando. Percebemos que ali se desenhava mais uma oportunidade de pesquisa, com o consentimento da professora Anita, gravamos a conversa. A professora Anita nos contou que já havia participado de outras Expedições Pedagógicas e ressaltou que a que estávamos vivenciando, para ela, era diferente, pois teve a oportunidade de compartilhar um pouco do trabalho que realiza, de apresentar a escola que leciona. Em um momento do diálogo perguntamos a Anita:

Profª Jacqueline: Si una persona no conoce la expedición pedagógica, ¿cómo lo definiría para ella, en un concepto?

Profª Anita: Expedición para mí es un poco de abrirse, descubrir, conocer más la realidad. No limitarse, es ir a conocer diferentes lugares, diferentes realidades para ver cómo la educación va avanzando cada día en los diferentes lugares. Entonces esas riquezas agregan bastante a un profesor.

Profª Jacqueline: ¿Piensas que es importante que un profesor presente su trabajo a outro profesor? ¿Túves como formativo o no?

Profª Anita: Para misí, creo que es muy formativo, por conocerse como se trabaja en diferentes ambientes, diferentes espacios. También se muestra el trabajo que se realiza con los niños, como se trabaja con recursos de la comunidad, el niño aprende haciendo el uso de sus recursos como las hojitas secas, las pepitas, los palillos... Entonces para mí es importante que

el profesor vea que no es solo dibujar o colorear una hoja impresa, que se aprende no sólo por los libros, pero el niño puede aprender libremente haciendo uso de sus propios recursos. También existen diferentes estrategias educativas que pueden ser como la danza, la música – los niños aprenden bailando, cantando ... estoy segura de que eso es lo que los profesores observan e intentan poner en práctica con sus alumnos. Eso es lo que pienso. (Conversa com a professora Anita).

A fala da professora Anita expressa mais uma forma de conceituar a Expedição Pedagógica pela ótica das professoras e professores que dela participam. Ela ressalta que não limitar-se a conhecer outras realidades, outros lugares e outras práticas docentes nos enriquece e como este processo é formativo.

Enquanto escutava Anita pensava em como aquela experiência estava sendo significativa para minha trajetória de vida. A partir de seu depoimento, pensei no que diz Salazar (2014), sobre formação docente, em como é importante apostarmos numa perspectiva que busque outras maneiras de ser professora. Anita ao narrar sobre o trabalho que realiza com as crianças ultrapassando as paredes da sala de aula, sinaliza o quanto percebe a importância de conduzir as crianças para outros espaços para que elas possam ter mais contato com a natureza e construir seus próprios recursos de aprendizagem.

La formación docente es, pues, un reto que demanda procesos que lleven al estudiantado a lograr mirar, reflexionar y ser; encuancto a lo que se les propone, se necesita más que memorizar teorías o repetir ideas ajenas, que construyan, innoven, transformen y sean. (SALAZAR, 2014, p. 61).

Os três primeiros dias que passei em Cajamarca participando do “IV Encuentro Nacional del colectivo peruano de docentes que hacen investigación e innovación desde la escuela y su comunidad” foram marcados por muitos acontecimentos que me despertaram a olhar para o conceito de Expedição Pedagógica de uma maneira mais ampla. As primeiras conversas e entrevistas que tive com as professoras e professores peruanos me motivaram a continuar adentrando na pesquisa buscando ouvir outros docentes e tentando perceber como a formação em pares acontecia entre nós, como as redes e coletivos docentes se entrelaçavam (UNDA, 2002) nas Expedições Pedagógicas e em outros momentos que organizavam aquele encontro.

3.2) Interlocuções de aprendizagens entre redes e coletivos docentes latino-americanos

Vivemos todos, neste mundo, a bordo de um navio saído de um porto que desconhecemos para um porto que ignoramos; devemos ter uns para os outros, uma amabilidade de viagem.

Fernando Pessoa

A vivência em uma Expedição Pedagógica complementou as leituras e estudos que eu já vinha realizando sobre o conceito. Conhecer outras maneiras de ser docente em outro país confirmava, um pouco mais, meu desejo de ser professora, embarcando nas palavras de Pessoa (2006), saí de um porto que desconhecia e ao atracar neste tema de pesquisa ampliei minhas esperanças em um mundo melhor, mais humano, solidário e menos excludente. A partir do quarto dia em Cajamarca, participando do “IV Encuentro Nacional del Colectivo Peruano de Docentes” comecei a perceber a relevância que as professoras e professores com quem tive a oportunidade de conversar, destinavam à integração em redes e coletivos docentes. Neste sentido, continuo narrando em minha dissertação como percebi minha participação no encontro e de que maneira as conversas com as professoras e professores peruanos/as contribuíram com minha formação e com a pesquisa sobre a Expedição Pedagógica.

Em uma das tardes em que estivemos participando do encontro, convidamos o professor Jorge Washington Rodríguez Gambine para uma conversa. Ele é um dos precursores responsáveis pela articulação das redes de professoras e professores no Peru, para a participação em Expedições Pedagógicas, sejam elas nacionais ou internacionais. Uma das perguntas mais relevantes que fizemos ao professor e que escolhi para dialogar com as reflexões sobre o tema que venho discutindo nesta dissertação, foi sobre a rede de docentes peruanos:

Prof^a Jacqueline: Entonces, tu podrías contarnos cómo surgió la red del Perú.

Prof. Jorge: Soy parte de la red, desde el año 2008, un compañero de apellido Guainates no se invitó porque el había participado junto a la red Brasil en el encuentro anterior. De modo que hizo para todos hay una invitación y 18 maestros del Perú, participamos en el 5° encuentro realizado en Venezuela. En este momento comenzó mi vida con la red, por primera vez entendí que era el camino que quería porque había transcurrido muchos años en otras actividades, pero que no tenía la riqueza que tiene nestos

tipos de encuentros. A partir de esa fecha hemos continuado participando en certámenes. De los 18 que participaron al principio en Perú nos quedamos 5. Entre ellos el profesor Gavino de Cajamarca, la profesora Ingrid Aquino de Huancayo, Rosa Días también de Huancayo Rúbeno, el profesor Juan Raimundo que no ha venido ahora sino también es de Huancayo y yo también que soy de esa misma ciudad. De modo que los fundadores que hicimos el primer recorrido quedamos en Perú 5. Luego habíamos participado en encuentro que hay tenido en Argentina en 2011, en 2014 aquí en Cajamarca Perú, y última mente hemos estado en México, pero ya encamino nuestra red hay crecido, desde los 5 que éramos, ahora somos 60. La divulgación que hemos hecho en Huancayo un poco diría dolorosa, lenta, progresiva, insistiendo tratando de ganarlos poco a poco y ahora tenemos 20 que son bastante ya fuertes en su participación, su integración aquí en la red. De modo que ahora tenemos un buen número y creo que vamos en ese camino, esa es parte de la historia que tenemos. (Conversa con o professor Jorge).

A partir da fala do professor Jorge tive acesso a mais elementos que contribuem para as síntesis sobre a formação das redes e coletivos docentes na América Latina que segundo Suarez e Argani (2011) se constituem em “colectivos y redes de maestros en distintos lugares de la región vinculadas con la reconstrucción del saber pedagógico, la activación de la memoria de la escuela y la movilización e intervención en el campo educativo.” (p. 44). Nas palavras do professor Jorge a rede de docentes peruanos foi crescendo no decorrer dos anos, mas também com a participação nos encontros nacionais e internacionais, bem como nas Expedições Pedagógicas que se sucediam desses encontros. Aqui acrescento também as reflexões de Unda (2002) sobre formação de redes e coletivos docentes na América Latina, para a autora na organização deste movimento,

[...] el maestro se piensa en un viaje continuo, en permanente devenir; por ello, cuando no es posible continuar con los desplazamientos físicos en el marco de la Expedición Pedagógica, los maestros continúan viajando a través de redes que se amplían y que, a veces, se diluyen, se recomponen y se afirman. (UNDA, 2002, p. 7).

Considero que o professor Jorge ao compartilhar conosco um pouco de como o coletivo de docentes peruanos foi se constituindo, contribui para conhecermos alguns dos processos que fazem parte da gestação de uma rede. As palavras do professor Jorge dialoga com o que afirma Unda (2002) que as redes e coletivos docentes são consideradas um marco na Expedição Pedagógica. Professoras e professores que dela participam viajam através das redes e coletivos que são organizações em movimento, que podem ampliar-se, reduzir-se, diluir-se e recompor-se.

Continuando minha viagem junto ao coletivo REDEALE, na manhã do primeiro dia de agosto, participamos de mais uma Expedição Pedagógica, visitamos o Instituto Educacional San Vicente de Paul, que atende jovens de quatorze a dezessete anos. O diretor da escola foi bastante receptivo. Nos contou sobre a estrutura da escola e do trabalho que desenvolve com os jovens. Boa parte das atividades realizadas é voltada para a arte e para a literatura. Observei que em todos os murais da escola havia estantes com livros de literatura infanto juvenil, conforme a figura doze abaixo, que segundo o diretor da escola, ficavam expostos para que os alunos pudessem utilizá-los quando quisessem.

Figura 11: Chegada ao Instituto Educacional San Vicente de Paul



Fonte: Arquivo Pessoal 01.08.2018

Figura 12: Mural do Instituto Educacional San Vicente de Paul



Fonte: Arquivo Pessoal 01.08.2018

O trabalho do Instituto Educacional San Vicente de Paul me encantou. Durante parte de minha vida acadêmica, nos projetos de extensão, me dediquei ao trabalho com jovens em situação de vulnerabilidade social. Sempre busquei dialogar

com a arte e a literatura para motivá-los a estar na escola e a acreditarem no potencial que eles tinham para superar os desafios da vida. A estante de livros que conheci nesta escola que visitei em Cajamarca me deu pistas para novas ideias sobre meus futuros trabalhos na escola. Pensei na circulação de livros entre a comunidade escolar, na formação de uma grande rede literária na escola, em como este movimento pode articular e integrar os sujeitos que dela fazem parte.

Após esta visita, conhecemos o monumento Ventanillas de Otuzco. Lá haviam meninos de aproximadamente doze anos de idade que nos contavam um pouco sobre a história do lugar e nos pediam dinheiro pelas explicações. Eu estava junto com um grupo de professoras peruanas, aproveitei para conversar com elas. Falamos um pouco sobre como era participar do encontro e viver as Expedições Pedagógicas. Com a autorização delas registrei nossa conversa em meu gravador.

Logo após, seguimos para o restaurante Rincon Cajacho para almoçar. A inscrição no evento nos dava o direito a todas as refeições neste local. Reunir todo o grupo em um só lugar para se alimentar, era um dos propósitos do encontro, pois possibilitava mais um momento de diálogo, aproximações e troca de experiências entre os participantes, expedicionários. Durante o almoço deste dia, fiquei muito próxima à professora Rosa Maria Zamuriadela Torre que trabalha na Institución educativa João Paulo II. Em mais uma de minhas tentativas de me comunicar em espanhol, consegui nesta conversa mais uma importante fonte de pesquisa. Rosa citou que faz parte da “Red Desenredando Nudos” e que para ela a Expedição Pedagógica estava sendo muito significativa, pois ela era uma professora da zona urbana que não conhecia uma escola da zona rural. Quando Rosa me contou o quanto era importante para ela fazer parte de uma rede de docentes, perguntei:

Prof^aIsabele: ¿Qué ha cambiado en su trabajo formando parte de esta red?

Prof^a Rosa: En mi trabajo es importante como profesora creo que este trabajo es muy importante para cambiar la manera de pensar con estos pequeños, eso es muy importante.

Prof^a Isabele: ¿Hay algo que usted va a utilizar en su trabajo, en su escuela? ¿Hay algo que te llamó la atención en esta Expedición Pedagógica?

Prof^a Rosa: Proyectar a mis estudiantes a su trabajo con la comunidad. En mi trabajo, en mi colegio, no tengo áreas verdes entonces voy a salir comellos para ver las áreas verdes, ver cómo se trabaja en cooperativa, cómo se trabaja en equipo. Cómo voy involucrarlos estudiantes de la zona urbana a la zona rural, ver la realidad. Es importante rescatar eso para mí porque piensan que el todo es el caro, la televisión, el celular, porque mis alumnos, como trabajo en una institución particular en la zona urbana, pero

particular, entonces la realidad con ellos es muy diferente a la del trabajador común porque sus padres les facilitan todo. Todos están conectados a Internet, entonces es fácil, es un medio de comunicación. No ven la realidad como es la realidad porque esa es su realidad. Eso es lo que me permito rescatar en mi trabajo. Personalmente me es satisfactorio si pueden ver como una vaca cuando está siendo ordeñada, cuando están haciendo trabajos de agricultura, cuando están sos teniendo hortalizas o ver la refrigeración por aspersión, como el calor está devorando las partículas agrícolas, como los productos llegan a la ciudad. Cómo es sacrificado el trabajo del hombre del campo a nuestra realidad. Si necesitamos algo vamos al supermercado, ahora vamos al supermercado porque antes no existía, no había eso, esos e encontraba solo en las ciudades de la Costa pero no en las ciudades de la Sierra. Así que ahora con los centros comerciales, tú te vacon tu carrito, compra tus cosas y tus productos, entonces los muchachos quedan alienados de donde vien en las cosas, entonces cuando los lleva a ver la realidad parece que se dan cuenta. (Conversa com a professora Rosa).

A conversa com a professora Rosa foi bastante motivadora para mim. Era a primeira vez que ela participava de uma Expedição Pedagógica, assim como eu. Ela é docente há mais de vinte anos e eu estava prestes a começar minha carreira como professora. Mesmo estando em sala de aula há bastante tempo a professora Rosa não me parecia cansada. Em suas palavras demonstrava muita força e entusiasmo para continuar pensando em outras práticas pedagógicas que leve seus alunos ao conhecimento de outras realidades, fazendo – os perceber a importância do trabalho rural, como ocorre a produção de alimentos, bem como a olharem para a natureza que os cerca.

O destaque que Rosa faz ao dizer o quanto considerava importante convidar os estudantes a estarem em contato com a natureza e a preocupação que tinha com eles pelo uso excessivo dos aparelhos tecnológicos, chamou minha atenção. Ao me deparar com as palavras da professora Rosa que diz que “todos os seus alunos estão conectados à internet e que não veem a realidade como ela é, porque essa é a realidade deles”, penso na “harmonia entre os seres humanos com a natureza, que é um dos pilares mais difundidos do Bem Viver.” (SOLÓN, 2019, p. 40), que não se manifesta como um plano ideal, mas busca o equilíbrio, um modo de vida que respeita o ser humano e a natureza que o cerca, onde o “fundamental é aprender e reaprender a viver em comunidade, respeitando a multipolaridade.” (p. 28). Unindo a fala da professora Rosa sobre a realidade de seus alunos às reflexões de Solón, concordo que:

Os seres humanos não produzem ou dão origem: apenas cultivam ou criam o que a Pacha Mama lhes dá. Nós ajudamos a dar à luz. Nosso papel é ser uma ponte, um mediador que contribui à busca do equilíbrio, cultivando a partir da sabedoria com que nos brinda a natureza. O desafio não é ser mais ou ter mais, mas buscar sempre a harmonia entre as diferentes partes da comunidade da Terra. (SOLÓN, 2019, p. 29).

Ao terminar nossa conversa, pedi que a professora Rosa dissesse algo para mim que me inspirasse nesse meu início de trajetória na sala de aula.

Prof^a Isabele: ¿Quieres hablarme algo para mi trabajo? Porque estoy al principio de la carrera de profesora.

Prof^a Rosa: En primer lugar, quiero felicitarte por tener ese entusiasmo de salir y venir a ver otra realidad, por ejemplo no solo la realidad de América Latina, sino una realidad totalmente diferente de Brasil, he entendido. Y me da gusto porque esta experiencia se va a servir a tu trabajo, si hubiera tenido alguna oportunidad de salir al extranjero y vivenciar eso, habría enriquecido mi trabajo, pero yo no tuve la posibilidad y recién estoy empezando a salir, saliendo así, por otros departamentos del Perú, sé de la realidad de otros países por los medios de comunicación, me gusta ver el Discovery, programas culturales y deportivos. Yo vi las Olimpiadas de Brasil porque tuve la oportunidad. Pero te felicito y te entusiasmo, nuestra carrera no es económicamente lucrativa, no es muy rentable, pero cuando usted recibe un agradecimiento, un abrazo, es lo que necesita en su vida. (se emocionó y empezó a llochar). Gracias, muchas gracias estoy emocionada. - Es mucho más placer el cariño de nuestros estudiantes, porque trabajo en instituciones y nunca imagine ganar tanto cariño de esos niños, una palabra de consuelo, un beso y eso no tienen como se pagar. (Conversa com a professora Rosa).

A conversa com a professora Rosa me fez refletir sobre o que Unda e Gutierrez (2015) chamam de “Expressão Plural na Expedição Pedagógica”, que caracteriza o encontro de redes e coletivos docentes como um modo vital de enfrentar os desafios e questionamentos provenientes de suas práticas pedagógicas, tendo como referência, suas trajetórias, seus saberes e seus desejos que de alguma maneira se relacionam uns com os outros. As palavras da professora Rosa, sua emoção enquanto conversava comigo ficaram reverberando em meus pensamentos, principalmente quando ela disse que “se tivesse a oportunidade de sair ao estrangeiro para viver uma experiência como aquela, havia enriquecido ainda mais seu trabalho”. Nosso diálogo para mim funcionou como um combustível para que eu continuasse acreditando e apostando que pesquisar sobre um tema desconhecido, dialogar em outra língua, viajar para outro país é “sair ao estrangeiro” para viver uma experiência que pode enriquecer meu trabalho como professora.

No período da tarde desse mesmo dia nos dirigimos para o auditório do Instituto Educacional Rafael Loayza Guevara para assistirmos a Conferência “La Escuela: una mirada em sur”, com o professor colombiano Jhon Jairo Ocampo Cardona, da Universidad de Pereyra, Colômbia, convidado para participar do “IV Encuentro del Colectivo Peruano”. Após a apresentação do professor Jairo, nos reunimos mais uma vez nas mesas de trabalho para continuarmos elaborando nossas reflexões sobre o encontro.

Neste dia de compartilhamento de nossas experiências, como de costume, escolhi um lugar, peguei caneta e caderno para as anotações, mas quando abri a caixinha do meu gravador, ele não estava mais lá. Me assustei, fiquei preocupada, procurei na bolsa e não o encontrei. Minha esperança era achá-lo no hotel dentro da mala. Naquele momento guardei comigo o sumiço do meu gravador. Como eu faria para contar à minha orientadora que eu havia perdido parte do material de pesquisa? Estavam nele as primeiras entrevistas que eu havia feito sozinha com os professores peruanos, duas conferências importantes, registros de algumas rodas de conversa, explicações de visitas a lugares culturais e outras gravações que eu considerava relevante para o trabalho. Ou seja, parte do tempo dedicado à pesquisa se esvaía naquele momento.

A chegada ao hotel nunca havia sido tão esperada até aquele dia de possíveis perdas. Arrumei e rearrumei meus objetos de uso pessoal, sacudi as roupas, mas o gravador não aparecia. Eu realmente tinha perdido um dos materiais mais significativos da pesquisa. A única alternativa era contar para minha orientadora, o que estava acontecendo comigo. Ela recebeu a notícia com espanto. Não esperava que eu fosse me descuidar de meus pertences. Ficou preocupada, pois eu realmente portava de um material importante em meu gravador. Disse que eu deveria ter passado as informações para o computador assim que eu chegasse ao hotel, em todos os dias, e que era preciso ter mais atenção. Contudo, ao mesmo tempo em que estávamos chateadas pela perda, pensávamos nos/nas pesquisadores/as que também já perderam material de pesquisa e não desistiram de continuar.

Lidar com a perda do meu gravador foi muito difícil. A desistência da pesquisa começou a tomar conta dos meus pensamentos. Havia algumas entrevistas registradas no gravador da minha orientadora, registros em nossos

cadernos, mas era muito relevante para mim o que estava em meu gravador. No entanto, eu precisava continuar. Pensei em começar a utilizar meu celular para fazer outras gravações passar imediatamente as informações para o computador assim que eu chegasse ao hotel, bem como, conversar novamente com as professoras que eu havia entrevistado. Recuperei o entusiasmo com a pesquisa e continuei trabalhando, mesmo sabendo que eu não conseguiria recuperar o que havia perdido, precisava continuar acreditando na pesquisa, pois naquele dia eu e as professoras Jacqueline e Mairce organizávamos os últimos preparativos para a noite cultural que realizaríamos juntamente com os docentes que representavam a Colômbia no evento.

O quarto dia do evento foi marcado pela conferência denominada “Resignificando nuestra identidad desde la Escuela” que aconteceu no Instituto Educacional Sicuani Cusco e foi conduzida pelo professor Rúben Centero Carrasco do Instituto Educacional Sicuani Cusco. Após a fala do professor nos organizamos em rodas de conversas e depois nos dirigimos para o pátio da escola que estávamos. Este foi mais um dia de Expedição Pedagógica, pois enquanto esperávamos a refeição, assistíamos as apresentações artísticas dos alunos da escola que visitávamos. O almoço havia sido preparado por pais e responsáveis dos alunos que se voluntariaram para nos receber e mostrar um pouco do trabalho que é realizado pela escola durante todo ano letivo. Neste dia tivemos um belo exemplo sobre o trabalho pedagógico que envolve toda comunidade escolar, bem como, tive minha primeira experiência em participar da organização de uma noite cultural em uma Expedição Pedagógica. As noites culturais eram momentos organizados por cada rede ou coletivo de professoras e professores presentes no encontro. Cada grupo tinha como intuito apresentar um movimento artístico valorizado por sua cultura local.

Antes de nossa noite cultural, participamos de uma exposição de produções das redes e coletivos docentes que participavam do evento. Cada grupo levou algo que representa parte do trabalho que executa e nós, o nosso livro sobre Expedição Pedagógica, produzido pelo REDEALE a partir da experiência vivida pelo grupo em 2016 na cidade Huancayo.

Figura 13: Exposição do livro Brasil – Peru: experiências educativas a partir de uma Expedição Pedagógica



Fonte: Arquivo Pessoal 04.02.2018

Enquanto boa parte dos coletivos e redes de docentes que representavam suas cidades no encontro eram formados por mais de cinco integrantes. Nós professoras do coletivo REDEALE éramos apenas três. Dedicamos grande esforço para levar um pouco de nossa cultura ao evento. Preparamos uma caipirinha e servimos alguns biscoitos como aperitivos. Produzimos cerca de oitenta bonecas abayomi para distribuímos para os participantes do evento. No primeiro momento pensamos em produzir as bonecas junto com os docentes, mas como havíamos participado na noite cultural no dia anterior, percebemos que o local não havia iluminação suficiente que permitisse a realização da oficina com a produção das bonecas. Então, optamos por levar as bonecas já prontas.

Figura 14: Noite Cultural realizada pelo Coletivo REDEALE



Fonte: Arquivo pessoal: 04.08.2018.

Explicamos o que a boneca abayomi representava para nós e que em nossos grupos de pesquisa era um símbolo de resistência e que havíamos realizado essa mesma oficina em nossa Universidade com estudantes dos cursos de Pedagogia. Após este momento, as professoras peruanas nos pediram para que sambássemos junto com elas e assim construímos uma grande roda de samba juntas.

No dia seguinte participamos de uma oficina chamada: “Cuerpo y emociones em processo de enseñanza y aprendizaje” que aconteceu no Instituto Educacional Rafale Loyola Guevara e foi realizada pela professora Sandra Patrícia Alvarado Geray do Colégio Ramón de Zubiria Bogotá Colômbia. Foi uma experiência que nos exigiu entrega e confiança, uns nos outros. Inicialmente alongamos o corpo e fizemos um exercício de respiração. Depois, nos dividimos em duplas para uma dinâmica que consistia em repetirmos os gestos que o outro fazia e vice-versa.

Em seguida a professora Sandra distribuiu folhas de papel quarenta quilos, para que desenhássemos o contorno de nossos corpos. Em cada lado da folha ficou registrado o contorno de uma das duplas, um desenhava o outro e neste movimento senti que depositávamos confiança em estarmos diante de uma pessoa que com canetas coloridas riscavam uma espécie de espelho de nós mesmos. Diante de nossos “corpos ilustrados” fomos convidados a escrever palavras que pudessem preencher os braços, as pernas, o tronco e a cabeça, traçados naquele papel, cada um escrevia o que percebia no outro e em si mesmo. Para mim, esta foi uma rica

experiência de autoconhecimento, reflexão, e encontro comigo a partir do contato com o outro. Minha dupla não fez o contorno exato do meu corpo, mas expressou algumas palavras que se encontravam com o sentimento de gratidão que eu emanava por estar ali.

A Expedição Pedagógica também fez parte desse dia. Conhecemos a Escola Pachutec que fica localizada no bairro Esperanza y Quitino. Após visitarmos a escola, no caminho para partiparmos de mais uma noite cultural, convidamos para mais uma conversa o professor Rubén Justo Centeno Carrasco que pertence à Rede de Professores de Cusco e trabalha no Instituto Educacional 56022 de Ccochacunca. Uma das falas que mais me surpreendeu foi quando o professor Rúben comentou sobre o trabalho que realiza junto com os integrantes da rede que integra:

Profª Jacqueline: ¿Cómo es el trabajo de la red que participas?

Prof. Rúben: No se puedes tener tudo del aprendizaje que está obetiendo sólo y siempre es necesario compartir el logrado, incorporarlo no solo en el tema de la red hay muchos maestros sin o también el tema de buenas prácticas. Organizamos allá un concurso de buenas prácticas que, bueno, de alguna otra forma motiva el profesor a sistematizar lo que viene haciendo. Es lo que ustedes llaman Investigación Narrativa”, ¿no? Eso es lo que hacemos allá para que los maestros puedan sistematizar su bue na práctica, puedan escribirlo y hemos logrado que Canchis, por ejemplo, se convierta en algún momento en potència en ese tema. Casi 14 maestros fueron premiados de Canchis y Cuzco era el único distrito que tenía esa cantidad de maestros. Y para mi fue un orgullo porque creo que hicimos ese movimiento y logramos que el maestro se comprometa con lo que está dando a los niños y también se beneficien porque a veces no eres reconocido, no te estimulan y, bueno, simplemente no te reconocen lo que estás haciendo. Entonces yo creo que de alguna otra forma junto con otros maestros estamos logrando quela gente se envucre y también se dé cuenta de lo que está haciendo que es importante. Eso es lo que hemos logrado también a partir de las experiencias de las salidas que hemos conseguido. (Conversa com o professor Rúben).

Pensando junto com o professor Rúben, concordo que “não se pode mensurar toda aprendizagem que se constrói no interior das redes”, mas é possível o compartilhamento do trabalho que se realiza entre os integrantes que dela fazem parte. A fala do professor me remeteu ao que Guardiola Ibarra e Arolso Eliecer (2014) falam sobre conceber professoras e professores como “produtores e sujeitos do saber pedagógico” (p.163), ou seja, percebo que a experiência do professor Rúben na rede que participa é um importante exemplo de divulgação e propagação do trabalho teórico e prático dos docentes em instituições educacionais.

O relato do professor Rúben me provocou a refletir sobre a sistematização e registro de boas práticas pedagógicas, principalmente quando ele compara o trabalho realizado pela rede que participa com as investigações narrativas, metodologia que também faz parte da perspectiva de trabalho da rede que integro, REDEALE. Aqui recordo o caráter progressista que Paulo Freire (2000) atribui ao conceito de “boas práticas pedagógicas” que considera a construção do conhecimento como algo que ocorre entre as relações, de maneira constante e que, portanto, não permanece estática, mas se encontra em constante movimento, em diálogo com o mundo, com a vida.

Após a entrevista com o professor Rúben, participamos de mais uma noite cultural organizada pela rede de docentes de Cajamarca no Pátio de la DDC, Ex Complexo Monumental de Belén. Depois, nos encontramos no Salón del Voluntariado Asistencial para um jantar de confraternização entre as redes e coletivos docentes.

Figura 15 – Noite Cultural organizada pelos professores de Cajamarca



Fonte: Arquivo pessoal 03.08.2018

Figura 16 – Jantar no Salón del Voluntariado Asistencial



Fonte: Arquivo pessoal 03.08.2018

No último dia do encontro, participamos da leitura das conclusões de acordo com os eixos temáticos discutidos nas mesas de trabalho, fizemos o encerramento do evento e recebemos nossos certificados de participação. Logo após o almoço, visitamos a Zona Arqueológica Cumbe Mayo, um local muito bonito cercado por uma paisagem nunca vista antes por mim. Ao final da caminhada, já próximos à saída, um grupo de professoras e professores se reuniram em círculo convidando a todos para um ritual, uma espécie de agradecimento à natureza.

Figura 17 - Zona Arqueológica Cumbe Mayo



Fonte: Arquivo pessoal 03.08.2018

Naquele momento, muitos docentes se emocionaram ao dizerem “Pacha Mama aqui están tus hijos”. Havia uma canga ao centro dos docentes e todos iam jogando folhas de coca ao centro da roda. Depois, ao invés de jogar as folhas de coca no centro da roda, as professoras e professores iam pegando as folhas, sete folhinhas sendo de tamanhos diferentes e organizando-as da maior para a menor, pegavam-nas e jogavam todas as folhinhas no córrego que passava adiante e faziam seus pedidos e agradecimentos oferecendo a Pacha Mama.

Figura 18 – Ritual de agradecimento à “Pacha Mama”



Fonte: Arquivo Pessoal 03.08.2018

Após todo este ritual, todos se abraçavam de forma cruzada, assim como nos cumprimentamos com beijos quando encontramos com alguém que conhecemos. Nos abraçamos de forma cruzada da direita para a esquerda e depois da esquerda para a direita, o que segundo uma das professoras peruanas, este ritual denominava-se: “dinâmica dos dois abraços”. Algumas pessoas rezavam durante o movimento, uns falavam em quéchua, outros rezavam uma ave-maria parecendo um ritual católico. Ou seja, cada um com sua maneira de manifestar-se religiosamente.

Figura 19 – Experiência dos dois abraços



Fonte: Arquivo Pessoal 03.08.2018

Além da experiência dos “dois abraços” no Cumbemayo, trago também a memória de duas conversas que tive com duas professoras peruanas: Yenny e Libia enquanto visitávamos este local. Primeiro conversei com a professora Yenny Tapia Soncco que trabalha na escola acción educativa 56.167e faz parte da Rede de Docentes de Cuzco.

Profª Isabele: Mi nombre es Isabele. ¿Cuál es sunombre?

Profª Yenny: Yenny Tapia Soncco. Trabajo con la acción educativa 56.167 en Cuzco. Trabajo con niños de la area rural. Ellos son del ambiente quechua. Por eso trabajamos las dos lenguas. Hablamos y escribimos en los primeros ciclos en lengua inglesa y hablamos en quechua. A medida que van al segundo, al tercero, les ponen el castellano como segunda lengua. Y a medida que sontercero, cuarto, quinto y sexto ya trabajan escritura quechua. Trabajamos las dos lenguas.

Profª Isabele: ¿Es la primera vez en ese encuentro?

Profª Yenny: Es la primera vez. Participo del grupo "Checarniá" que significa "Camino de la verdad" que es una palabra quechua. Che significa verdad y carniá camino. Nosotros tratamos de valorar la interculturalidad por que toda esa zona es de diferentes culturas, y la interculturalidad es convivir con eso. El trabajo de nosotros es llamar a las cartillas de saberes ancestrales para una mejor comprensión lectora.

Profª Isabele: Comprendo. ¿Y esa expedición te gusta?

Profª Yenny: Si, me gustó mucho. Estoy aprendiendo mucho, y también voy poder practicar con mis estudiantes. Vamos a llevar a los videos para que vean como los niños interactúan. Y en las escuelas también estamos llevando las cámaras para recuperar esos saberes ancestrales. Por ejemplo, así como esto actividades tradicionales en las chacras y con ellos hacemos y luego nos damos cuenta que algunos no habían visto y estaban perdiendo esa sabiduría. Y buscamos a los más ancianos y vinieron a los enseñar. Y trabajamos as y también los rituales. Muchas cosas que hacemos y eso estamos publicando en cartillas. Estamos escribiendo para nosotros lo que nos viene no es el contexto. Los viene por ejemplo ornitorrinco que nunca

han visto los niños (risas) entonces. Eso no les interesan. Animales que viene de las selvas de la cuesta no les llama la atención. La comprensión lectora no es tan fácil de lograr. Por eso los textos que ellos saben o han visto así es fácil, muy además de la expresión oral los niños que casi no hablan y hay niños que no hablan. Si hablamos de un tema que ellos saben y el idioma... ellos hablan demás (risas).

Prof^a Isabele: ¿Tienes alguna crítica al encuentro?

Prof^a Yenny: Creo que la crítica va para mí. Me faltó preparación. Además no sabíamos como era la metodología.

Prof^a Isabele: Para mí también.

Prof^a Yenny: Por eso hay que leer más. He visto las participaciones magistrales de los colegas.

Prof^a Isabele: Comprendo. ¿Y deseas participar en Cuzco?

Prof^a Yenny: Sí. Si el patrón lo permite sí. (risas)

Prof^a Isabele: ¿Quién la invitó para venir a cá?

Prof^a Yenny: Como la decía son varios en los que participamos el profesor Leoncio y otros maestros fundaron la Sección Checarniá nos invitaron. Las escuelas rurales viniendo que el trabajo con ellos es increíble, usamos la lengua quechua.

Prof^a Isabele: Es estupendo el trabajo de ustedes.

Prof^a Yenny: Es más bonito porque es en el campo.

Prof^a Isabele: Me gusta mucho el trabajo en el campo. Gracias por hablar con usted. ¿Podrías sacar una foto? (Conversa con la profesora Yenny).

A professora Yenny relatou que para participar do evento e das Expedições Pedagógicas foi importante e que levaria daqueles momentos muitas aprendizagens para compartilhar com seus alunos, tais como: vídeos, fotos e a experiência que estava vivendo. Yenny falou sobre a relevância do registro dos saberes ancestrais para que não se percam. Destaca que a produção das cartilhas ajuda a preservar elementos que fazem parte da cultura que pertence: os rituais, as vivências, o cuidado e respeito à natureza, aos animais. A conversa com Yenny me remeteu a uma das vertentes da “teoria do Bem Viver” que fala sobre os direitos da Mãe Terra, que segundo Solón (2019):

Os direitos da Mãe Terra refletem a visão dos povos indígenas de muitas partes do mundo, em particular a região andina. É uma concepção de profundo respeito à natureza, segundo a qual tudo na Terra e no cosmos tem vida, ou seja, não há divisão entre seres vivos e seres inertes. Os humanos não são superiores a outros seres e estão conectados com todos os elementos não humanos, longe de serem donos da Terra e das outras formas de vida. Os rios, as montanhas, o ar, as rochas, os glaciares: tudo tem vida. Tudo é parte de um organismo vivo, a Pacha Mama ou Mãe Terra, que, por sua vez, interage com o Sol e o cosmos. A existência humana depende da harmonia com a natureza, num equilíbrio dinâmico: muda e se move em ciclos e, quando se quebra causa desgraças. (SOLÓN, 2019, p. 147).

Figura 20 : Conversa com a professora Yenny



Fonte: Arquivo Pessoal. 04.08.2018.

Escutar sobre o trabalho que a professora Yenny realiza em sua escola foi de suma importância para mim. Pude perceber o quanto os saberes ancestrais que valorizam o contato com a natureza se fazem presente nas práticas docentes que ela realiza. Também destaco que fiquei bastante pensativa ao ouvir a professora Yenny dizer que não se sentia preparada para participar do encontro, disse que precisava ler mais, estudar mais e que não conhecia a metodologia das Expedições.

Fiquei me perguntando se existe algum tipo de preparação para a participação em uma Expedição Pedagógica, bem como em que consiste a metodologia deste tipo de encontro mencionado por Yenny em sua fala.

Junto com a professora Yenny, conversei também com a professora Libia Conce que também faz parte da rede de Cuzco, mas trabalha na escola primária Blanchi que pertence a Canas, Provincia de Siccunani, Cusco. Nossa conversa foi marcada por muitas compreensões e incompreensões, mas dela destaco algumas falas:

Profª Isabele: ¿Es la primera vez en la expedición pedagógica?

Profª Libia: Sí porque este año es que estoy integrandome a ese grupo en la red. Mi escuela está conebi. Mis niños hablan quechua. Facilita hablar en quechua. Con el inglés quedamos poco.

Profª Isabele: ¿Te gusta el encuentro Expedición Pedagógica?

Profª Libia: Si. La experiencia. Como le digo por primera vez que vengo me sorprendo. Es bonito y estoy llevando bastante experiencias.

Profª Isabele: Entonces otra pregunta: ¿Alguna critica, alguna cosa que no te gustó?

Porª Libia: Me gustó pero a veces somos egoístas, ¿no? me han hecho creer que aquí te van a rebotar y... tu pensar así. Estoy contando mis experiencias bonitas entonces hay profesores que comprenden-le da miedo como yo digo - caminan juntos. Lunes. ¿Qué, qué me dirán? Mi grupo de experiencias si son distintas ni si quier a las conozco... No son capaces de aceptar esta concepción de la educación.

Profª Isabele: Es la primera vez que participo. Y necesito escribir un trabajo sobre esa experiencia para mi trabajo de maestría

Profª Libia: ¿Estás haciendo maestría en la universidad?

Profª Isabele: Si. Mis maestras son mistutoras en la universidad y eso está muy difícil para mipor que no hablo español.

Porª Libia: Creo que con la práctica vas a aprender, ¿no? Yo no sabía quechua. Como le dije soy de Puno. Mis padres son de Puno. Vino mi padre aça en Sicuani, a Cuzco. A trabajar. Y desde pequeña. Yo domino bastante el Y marán .Yo comencé a trabajar y fui a una comunidad que habla quechua. Y entonces como los niños hablan quechua. Por eso sé que tu vas a aprender.

Profª Isabele: Si. Si. Voy practicar (risas).

Porª Libia: Si. Ya estás hablando.

Profª Isabele: Por lo menos conseguí hablar contigo. ¿Quieres hablar un poco más sobre su experiencia? ¿De las escuelas, qué pretendes aprovechar?

Porª Libia: Te diré que voy a mi centro con mucha facilidad, es bonito con más fuerza. Eso. La alegría de encontrar otros lugares, de otros países y percibir que tenemos los mismos problemas. Política... Quisiera conocer otros países. Hay que tener bastante dinero para ir a otros países. Los docentes no ganamos mucho y tenemos hijos. Alcanzan lo que ganamos. risas. Es bonito el trabajo. Me gusta. Estoy yo muy agradecida.

Profª Isabele: ¿Vas a participar en Cuzco?

Porª Libia: Si. Creo que es importante salir de tu ciudad para ir a outra ciudad conocer Aún vamos saber dónde será. ¿Conoces Cuzco?, ¿Machu Picchu? Todo es bonito para conocer.

Profª Isabele: Si todo es muy bonito... Gracias por hablar contigo. ¿Podemos sacar una foto ?

(Conversa com a professora Libia).

Figura 21: Conversa com a professora Libia



Fonte: Arquivo pessoal: Arquivo Pessoal. 04.08.2018

A professora Líbia, assim como a professora Yenny destacou a importância de falar e ensinar a língua quéchuá²⁸ a seus alunos. Além das falas da professora Líbia que escolhi para dialogar em minha dissertação, perguntei também a ela se fazia parte de alguma rede, mas ela não compreendeu o que eu disse, talvez pela dificuldade que eu tinha em pronunciar a palavra rede. No entanto, mesmo não me dizendo se fazia ou não parte de alguma rede, a professora Líbia relatou que o grupo de professores com quem convive, não possui muitas aproximações com as práticas pedagógicas que ela desenvolve com seus alunos, tampouco com a experiência que ela estava vivendo naquele encontro. Em sua fala, ela se refere à segunda-feira subsequente à semana que vivenciamos o “IV Encuentro de Colectivos e Redes de Docentes Peruanos”, ela compartilhou comigo que apesar de considerar que aquela experiência era bonita, seu grupo de trabalho não concordava com “a concepção de educação que ali apostávamos”. Esta fala de Líbia me levou ao que Bernal, Boom e Bejaro (2000) discutem sobre “diversidade e riqueza pedagógica no texto: “La Expedición Pedagógica y las redes de maestros: otros modos de formación”, onde:

Algunos viajeros han expresado durante el proceso de producción de saber su cansancio e insatisfacción con la mirada simplificadora que se tiene de ellos, como hacedores de una escuela tradicional, rutinaria, vacía y sin sentido, expresión de una mirada enjuiciadora sobre sus propias prácticas como maestros. (BERNAL, BOOM e BEJARO, 2000, p. 2).

O diálogo com a professora Líbia também me emocionou. Fiquei muito feliz em ver tamanha solidariedade dela comigo, em me ajudar a complementar minhas fontes de pesquisa pra o meu trabalho de dissertação de Mestrado, em ter aceitado conversar mesmo percebendo a minha dificuldade em me comunicar em espanhol. A fala de Líbia também dialoga com parte dos argumentos que venho trazendo em meu texto sobre as condições materiais que professoras e professores da educação básica possuem para pensarem em uma viagem. Ela expressa que gostaria muito de conhecer outros lugares, países, cidades, mas que não possui condições financeiras suficientes para pensar neste tipo de deslocamento.

A conversa com as professoras Líbia e Yenny foi uma das últimas que tive no último dia de Expedição Pedagógica. Esta conexão entre redes e coletivos docentes

²⁸ A língua indígena quéchuá, milenar proveniente da cultura inca, é um dos idiomas falado na América do Sul.

latino-americanos possibilitado pela oportunidade de ter participado das Expedições Pedagógicas que ocorreram no “IV Encuentro del Colectivos e Redes de Docentes Peruanos” despertou em mim o desejo de conhecer outras redes e coletivos docentes que se organizam em outros países da América Latina.

Nesta dissertação, busquei construir um caminho de pesquisa que pudesse contribuir com o registro de experiências sobre o tema “Expedição Pedagógica”. Destaco que a minha dificuldade em compreender a língua espanhola foi um dos desafios que precisei enfrentar, contudo reconheço também que mesmo não sendo fluente em espanhol, consegui me comunicar com as professoras peruanas. Fiquei bastante surpresa por três delas terem aceitado meu convite para participar desta pesquisa.

Ao seguir para as palavras que vão encerrando a escrita deste trabalho, mas que não esgotam as discussões sobre Expedição Pedagógica, por isso as denomino de “considerações provisórias”, reflito sobre algumas questões: O que levou as professoras e os professores a aceitarem participar desta pesquisa? Como esta conexão estabelecida entre nós, docentes de diferentes países latino-americanos, pode se fortalecer para além desta dissertação?

Estes questionamentos não possuem respostas imediatas, mas considero que a participação das professoras e professores neste trabalho, ocorreu devido o contato já existente entre as redes de docentes: Desenredando Nudos e o coletivo REDEALE. Acrescento que o fortalecimento desta conexão é um dos desejos da rede que faço parte, por isso, temos apostado nas investigações sobre o tema “Expedição Pedagógica” e sobre os registros dos trabalhos das redes e coletivos docentes que se organizam pela América Latina.

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Viajar é assim viagem,
Mas faço sem ter de meu
Mais que o sonho da passagem
O resto é só terra e céu.
Fernando Pessoa

Compreendo junto com a poesia de Fernando Pessoa que a viagem pode se traduzir na própria viagem, ou seja, cada viagem possui seu significado e pode proporcionar novas vivências, deslocamentos, conexões. Uma viagem pode criar possibilidades de aproximar distâncias, romper fronteiras, promover o contato com o outro ou provocar distanciamentos.

Embarquei na escrita desta dissertação e vivi viagens com chegadas, partidas e percursos intensos. As “experiências” (LARROSA, 2002) que foram se construindo nesta trajetória despertaram meu olhar para a “estrangeira” que estou sendo e para as “estrangeiras” e os “estrangeiros” (KOLTAL, 1998) que se apresentaram e se apresentam em meus percursos de vida.

O encontro com a Expedição Pedagógica para dissertar este texto me provocou a pensar nos diversos sentidos da palavra viagem (DAFLON, 2014). Conheci outro país, saindo pela primeira vez do Brasil, acessei textos de alguns autores, ganhando novas referências bibliográficas, coloquei-me em investigação em um tema de pesquisa desconhecido por mim até minha chegada ao Mestrado.

A Expedição Pedagógica, conforme defende (UNDA, 2002; VALBUENA e FORERO, 2011) é uma maneira específica de conceber a viagem e promove tanto o deslocamento físico quanto do pensamento em prol da formação de professoras e professores na América Latina, ou melhor, convida os docentes latino-americanos/as a se encontrarem para pensar seus próprios processos formativos, socializando suas práticas docentes, refletindo sobre seu próprio “fazer pedagógico” (VALBUENA e FORERO, 2011), bem como interage com outras formas de ser professor e professora.

Pensar em outras maneiras de ser e estar no mundo, construir outras práticas docentes, ter outros desejos. Qual seria o significado da palavra outro aqui representado como algo diferente do que já conhecemos? Refletir sobre esta

pergunta me faz lembrar das primeiras conexões que tive com este trabalho e com as professoras e professores com quem fui criando laços, conexões que me proporcionaram trocas de saberes, aprendizagens e afetos. Integrar o coletivo: Rede de Docentes que Narram sobre Infância Alfabetização Leitura e Escrita foi um dos caminhos mais importantes para que esta dissertação se materializasse. Contudo, destaco que o encontro com a professora Jacqueline de Fátima dos Santos Morais foi o que realmente permitiu que eu mergulhasse em um tema “estrangeiro” para mim.

No dia 8 de fevereiro de 2018 nos apresentamos como orientanda e orientadora. Nunca tínhamos nos visto antes, mas logo iniciamos uma conversa sobre datas e horários para iniciarmos o trabalho. Ela me apresentou o grupo de pesquisa GPALE, trocamos telefones e emails e organizamos uma primeira agenda de encontros individuais e coletivos. Iniciei a escrita pelo meu memorial de formação e junto com ele, os primeiros resumos sobre o tema Expedição Pedagógica, tendo em vista a oportunidade da viagem ao Peru que ocorreu logo após minha entrada ao mestrado, mais especificamente quando eu completava quatro meses no curso.

No decorrer da viagem fui percebendo meu interesse em pesquisar sobre o tema: Expedição Pedagógica. Mesmo sem nunca ter ouvido ou estudado sobre ele, minha orientadora Jacqueline Morais acreditou que eu poderia me inserir na pesquisa que vinha sendo construída desde 2015 pelo coletivo REDEALE. Concordo com Eco (2014) que o professor quando opta por deixar que o aluno escolha um tema de pesquisa que nunca estudou antes, é porque confia nele. De fato eu sentia que minha orientadora confiava em mim e mesmo com pouco tempo de diálogo embarcamos na escrita deste projeto sobre a formação de professoras e professores na América Latina.

Nosso convívio ultrapassou os muros da universidade, sofremos com a escrita da minha dissertação que para mim foi um grande desafio, mas rimos, brincamos, viajamos, conversamos, sambamos durante a noite cultural que organizamos na Expedição Pedagógica que participamos no Peru, gritamos “Lula Livre” e junto com os grupos de pesquisa GPALE e ALMEFRE sonhamos com um mundo melhor. Tivemos momentos de preocupação, mas também brindamos e nos divertimos durante parte do processo. Com seu jeito firme e confiante ela me ajudava a lapidar os textos e juntas escrevemos resumos, artigos, realizamos

apresentações de trabalho e iniciamos uma “bela dissertação” como ela dizia. Ela acreditou em mim desde o primeiro dia, ela sabia das minhas origens, da minha dificuldade, que eu ainda não tinha experiência em sala de aula, mas mesmo assim, confiou que eu teria condições de assumir grandes responsabilidades.

O olhar de minha orientadora brilhava ao me motivar seguir a carreira docente e quando elaborávamos os projetos que queríamos desenvolver. Um de seus maiores sonhos era fortalecer cada vez mais a Rede de Docentes que Narram sobre Infância Alfabetização Leitura e Escrita.

A oportunidade de participar do coletivo REDEALE me proporcionou ampliar meus conhecimentos sobre formação docente na América Latina. Os encontros dos grupos de pesquisa, GPAL e ALMEFRE que aconteciam semanalmente na UERJ/FFP permitiram que eu conseguisse iniciar a escrita deste texto que começa com meu memorial de formação. Rememorar minha história de vida como processo formativo foi um grande desafio, pois eu desconhecia este movimento. Aprendi com os estudos e pesquisas realizadas em nossas reuniões que narrar minha própria história de vida era um caminho fértil para descobrir o que move minhas práticas profissionais, como minhas experiências me formam e como se constituem em registros que dialogam com acontecimentos históricos, sociais e políticos que constituem a vida em sociedade.

Encontrei-me com um tema desconhecido, estranho, estrangeiro que me permitiu ampliar meus horizontes de pesquisa, criar caminhos, retomar algumas leituras, iniciar outras, conversar com pessoas que não fazem parte de meu cotidiano. Me desencontrei, me perdi, sorri, chorei, abracei, perdi noites de sono, mas também vivi um sonho. Eu nunca desejei muitos bens materiais, nunca pensei em “ganhar o mundo”, mas ao escrever esta dissertação, ao viver esta pesquisa, conheci um mundo maior que o meu.

Lembrar dos monumentos culturais que visitei em Cajamarca, das noites que me trouxeram belas apresentações das professoras e professores de diferentes lugares da América Latina, das viagens que fiz pela leitura de poesias e outras literaturas, das conversas com as professoras peruanas, mesmo sem o domínio da língua espanhola, dos medos e da coragem em me permitir percorrer por todo o caminho apresentado até aqui, me emociona. Percebo o quanto meu memorial dialoga com minha dissertação, pois por diversos momentos de minha vida precisei

construir caminhos para dar conta das necessidades que me cercam.

Ao me deparar com este tema de pesquisa senti que seria uma oportunidade de conhecer outras leituras e de vivenciar outras experiências dialogando com as pesquisas e investigações do coletivo REDEALE que já realiza uma importante conexão com a Rede Desenredando Nudos, formada por professoras peruanas e professores peruanos, desde 2015. As conversas que trago nesta dissertação tiveram como objetivo contribuir com os registros, já realizados sobre o tema, Expedição Pedagógica, bem como, deixar pistas para que outros estudos possam ser explorados.

No decorrer deste texto, relato muitos acontecimentos felizes, mas também alguns desafios que precisei superar. Ao chegar às últimas sínteses de minha pesquisa, me deparei com um acontecimento inesperado, uma situação que me fez “perder o chão” e por alguns momentos até pensar na possibilidade de desistir de apresentar esta dissertação.

No início do segundo semestre de 2019 minha orientadora Jacqueline Moraes enfrentou um grave problema de saúde, foram dias muito difíceis para amigos e amigas, familiares, para os grupos de pesquisa ALMEFRE e GPALE, para a comunidade acadêmica da UERJ/FFP e para mim demasiadamente angustiante. Estávamos todos acreditando muito que ela superaria este momento e sairia com saúde, mas no dia 12 de outubro de 2019, dia de Nossa Senhora Aparecida para os católicos, feriado brasileiro em que também comemoramos o dia das crianças, nos despedimos e ela partiu para uma longa e eterna viagem. Fui tomada por uma tristeza que me apertava tanto e me deixava muito enfraquecida para lidar com a escrita deste texto. Parar significava romper com tudo que tínhamos construído até este momento. Eu desperdiçaria todo tempo dedicado à escrita desta dissertação e toda confiança que minha orientadora havia demonstrado ter em mim.

Com o apoio dos grupos de pesquisa GPALE e ALMEFRE fui encontrando forças para continuar. A professora Mairce da Silva Araújo se aproximou ainda mais de minha escrita, e juntas demos continuidade ao trabalho que vinha sendo realizado até chegarmos a este momento que ora se apresenta como “considerações provisórias” deste texto. As orientações coletivas ganharam outro significado para mim, passei a prestar ainda mais atenção nas ponderações, bem como na escrita e no desenvolvimento da pesquisa de uma forma mais ampla.

Havia outro texto escrito para finalizar minha dissertação. É um desafio narrar um acontecimento difícil de ser contado. Mas considero importante registrar como o caminho desta pesquisa foi trilhado e que acontecimentos tristes e desafiadores como a morte, fazem parte da vida. Para escrever sobre conexões entre docentes na América Latina eu precisava pensar e refletir sobre a relação que estabeleci com os/as docentes que fazem parte de meu cotidiano. Me pergunto se a publicação deste trabalho contribuirá para reafirmar a potência da Expedição Pedagógica enquanto um espaço de formação docente comprometido com a construção de uma pedagogia libertadora, crítica, como defendia Paulo Freire. Será que consegui me aproximar dos possíveis sentidos que as professoras e professores generosamente compartilharam comigo em suas falas?

Para além destas perguntas, acredito que esta dissertação suscita outros questionamentos. Ou seja, as discussões sobre Expedição Pedagógica não se esgotarão neste texto. Neste sentido, confirmo as aspirações do coletivo REDEALE, bem como as vontades e desejos de outras redes e coletivos docentes latino-americanos que buscam no encontro de suas lutas outros modos de ser professora e professor, a construção de uma outra escola, a criação de um espaço onde diversas culturas se cruzem e dialoguem entre si.

Desejo continuar inserida neste movimento, compartilhando minhas recentes experiências, como professora, permanecendo junto aos coletivos latino-americanos na elaboração de ideias, de caminhos investigativos de nossas próprias ações e, conforme nos provoca Jacqueline Morais, continuar contribuindo “na produção de processos e conhecimentos pedagógicos de natureza latina, na criação e visibilidade de modos alternativos de investigar e educar.” (2017, p. 45).

BIBLIOGRAFIA

ACOSTA, Alberto. *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Elefante, 2011.

ANDRADE. Mário de. *O Turista Aprendiz*: edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos. Brasília DF: IPHAN, 2015. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/O_turista_aprendiz.pdf> Acesso em: 08 set. 2018.

ASSIS. Machado de. *Uma excursão milagrosa*. In: ASSIS, Machado de. *Contos recolhidos*. Rio de Janeiro: Ediouro,s/d. Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=815> 4> Acesso em: 10 ago. 2018.

APAZA, Luciana Calsi. Entrevista concedida a Jacqueline Morais e Isabele Ramos. Cajamarca. 02 ago. 2018. 7 pág.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. Disponível em: <<http://www.cpv.org.br/wp-content/uploads/2017/09/BAUMAN-Modernidade-L%C3%ADquida-2001.pdf>> Acesso em: 15 nov. 2018.

_____. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. Disponível em:<<http://www.institutoveritas.net/livros-digitalizados.php?baixar=113>> Acesso em: 15 nov. 2018.

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: As infâncias de Manoel de Barros*. São Paulo: Editora Planeta, 2010.

BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov*. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura.(Obras escolhidas, vol. I). São Paulo: Brasiliense, 1987, pp.197/221.

_____.*Sobre o conceito da História*. In: Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura(Obras escolhidas, vol. I). São Paulo: Brasiliense, 1987, pp.222/232

BERNAL, M. P. U; BOOM, A. M; BEJARANO, M. J. M. *La expedición pedagógica y las redes de maestros: otros modos de formación*. In: *Colectivo Argentino de docentes que hacen Investigación desde la Escuela (org.)*. *Investigación educativa y trabajo en red: debates y proyecciones*. Buenos Aires: Noveduc, 2009.

BOOM. Alberto Martínez. GALLEGO. Alejandro Álvarez. *El viaje y la memoria. Consideraciones em torno a la Expedición Pedagógica: el riesgo de pensarnos de nuevo*. In: UNDA. Maria Del Pilar. *Expedición Pedagógica Nacional. Preparando el equipo*. Universidade Pedagógica Nacional; Alcaldia Mayor de Bogotá; Secretaria de Educacion Del Distrito, 2018.

BRASIL. Consolidação das Leis do Trabalho. Lei nº 13.467/2017. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13467.htm> Acesso em: 20 mar. 2018.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm> Acesso em: 15 mar. 2018.

CAMACHO, Luiza, *Projeto Agente Jovem: Ação, Programa ou Política Pública de Juventude?* XXVII Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2004. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/sites/default/files/t039.pdf>> Acesso em: 20 abr. 2018.

CAMPO, Jhon Jairo. Entrevista concedida a Jacqueline Morais e Isabelle Ramos. Cajamarca. 01 ago. 2018. 7 pág.

CERTEAU, Michael. *A invenção do cotidiano 1: as artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CÔCO, Valdete. SOARES, Letícia C. BRAGANÇA, Nelma S. CARDOSO, Raiane L. *Juventude e ensino superior: impactos da inserção universitária na vida de estudantes de classes populares*. São Paulo: EccoS – Revista Científica. nº 32. p. 33-50. Set/dez. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.uninove.br/index.php?journal=eccos&page=article&op=view&path%5B%5D=4294&path%5B%5D=2692>> Acesso em: 03 abr. 2018.

CONVOCATÓRIA. VIII Encuentro de Colectivos Escolares y Redes de Maestras e Maestros y Educadoras e Educadores que hacen Investigación e desde sus escuelas. México. 2017. Disponível em: <<http://www.encuentroiberoamericano.org/descargas/convocatoriaencuentroiberoamericano-mexico2017.pdf>> Acesso em: 10 jan. 2019.

CONVOCATÓRIA. IV Encuentro Nacional del Colectivos y Redes de Maestras y Maestros, educadoras y educadores que hacen investigación e innovación desde la escuela y comunidad. Cajamarca, Peru. 2018. Disponível em: <<https://desenredandonudos.jimdo.com/app/download/11990637899/Convocatoria+Encuentro+Nacional.pdf?t=1524845035>> Acesso em: 10 abr. 2018.

CONVOCATÓRIA. IX Encuentro Iberoamericano del Colectivos y Redes de Maestras y Maestros, educadoras y educadores que hacen investigación e innovación desde la escuela y comunidad. Colômbia. Disponível em <<http://www.idep.edu.co/sites/default/files/ConvocatoriaDefinitiva.IX%20Encuentro%20%28%20para%20difundir%29.pdf>> Acesso em: 15 mar. 2018.

COSTA, Marisa Vorraber. *Uma agenda para jovens pesquisadores*. Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, 143-156.

CUNHA, Maria Isabel da. *Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino*. Revista daFE/USP, v. 23, n. 1/2, p. 185-189, jan./dez. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010225551997000100010> Acesso em: 05 jun. 2018.

DAFLON, Claudete. *Viajar também é escrever*. Pará: Moara, Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras ISSN: 0104-0944, n. 39, p. 39-68, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/1589/1996>> Acesso em: 15 ago. 2018.

DE SANT'ANNA, Affonso Romano. *A Cegueira e o Saber*. Rocco, 2006.

DOS SANTOS, Marcelo Burgos P. *O Turista Aprendiz: breves notas e observações sobre a viagem de formação de Mário de Andrade*. Revista Aurora 6, 2009. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/aurora/article/view/4175>> Acesso em: 15 nov. 2018.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

ENRIQUEZ, Eugène. *O judeu como figura paradigmática do estrangeiro*. In: KOLTAL, Caterina. *O Estrangeiro*. São Paulo: Escuta. 1998.

FLEURI, Reinaldo Matias. Aprender com os povos indígenas. *Revista de Educação Pública*, 2017, 26.62/1: 277-294. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/4995/3367>> acesso em: 10 ago. 2019.

FOUCAULT, Michel. *A escrita de si*. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160. Disponível em: <<http://eps.otics.org/material/entrada-outros ofertas/livros/a-escrita-de-si-michel-foucault>> Acesso em: 05 jun. 2018

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/wpcontent/uploads/2014/10/importancia_ato_le r.pdf> Acesso em: 18 nov. 2018.

FREIRE, Paulo. *Carta de Paulo Freire aos professores*. Estudos avançados, v. 15, n. 42, p. 259-268, 2001. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010340142001000200013&script=sci_arttext> Acesso em: 19 jan. 2019.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

GAMERO CANO, Flor de Lourdes. *La poesía peruana nacearequipeña, romántica e intercultural*. 2013. Disponível em: <<http://www.diva-portal.se/smash/get/diva2:683002/FULLTEXT01.pdf>> acesso em: 07 ago. 2019.

GOLDENBERG, Ricardo. *Estrangeirice: modo de usar*. In: KOLTAI, Caterina. O Estrangeiro. São Paulo: Escuta. 1998.

GUARDIOLA IBARRA, Aroldo Eliecer. *La Expedición Pedagógica Nacional: viajes, urdimbre y complejidad en la construcción de saber*. Revista CIEG. Centro de Investigación en Educación y gerencia avanzada. Bogotá, 2014. Disponível em: <[http://www.grupocieg.org/archivos_revista/5212%20\(162173\)%20Guardiola%20noviembre%2014_articulo_id164.pdf](http://www.grupocieg.org/archivos_revista/5212%20(162173)%20Guardiola%20noviembre%2014_articulo_id164.pdf)> Acesso em: 02 out. 2018.

HUAYTALLA, Rocío Pomasuco. Entrevista concedida a Jacqueline Morais e Isabele Ramos. 02 ago. 2018. 5 pág.

IBGE. Sistema IBGE de recuperação automática: SIDRA. Banco de dados agregados. 2010. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/aglomerados_subnormais/tabelas_pdf/tab2.pdf> Acesso em: 19 jun. 2018.

IBGE. Sistema IBGE de recuperação automática: SIDRA. Banco de dados agregados. 2015. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/retrato/apresentacao.html>> Acesso em: 18 nov. 2018.

IMEN, Pablo. *Las Expediciones pedagógicas: construyendo una educación emancipadora desde y para Nuestra América* In: Revista Idelcoop Educación y Cooperativismo. V. 212. p. 115 – 133. nov. 2013. Disponível em: <https://www.idelcoop.org.ar/sites/www.idelcoop.org.ar/files/revista/articulos/pdf/2014_63966765.pdf> Acesso em: 05 mai. 2019.

JOSSO. *História de Vida e projeto: a história de vida como projeto e as histórias de vida a serviço de projetos*. In: Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 11-24, jul./dez. 1999.

KOLTAI, Caterina. *O estrangeiro*. São Paulo: Escuta, 1998.

LARROSA. *Nota sobre a Experiência e o Saber da Experiência*. Textos - subsídios ao Trabalho Pedagógico das Unidades da Rede Municipal de Educação de Campinas/FUMEC. Leituras – SME, julho de 2001.

LIMA, M.C.; DESCIO, M.C. (2012, out./nov.). *A viagem na trilha do processo de formação: o caso do professor universitário*. In XXIII ENANGRAD. 29 de outubro a 01 de novembro de 2012. Bento Gonçalves, RS. XXIII ENANGRAD, 2012.

LIMA, Maria Emília Caixeta de Castro; GERALDI, Corinta Maria Grisolia; GERALDI, João Wanderley. *O trabalho com narrativas na investigação em educação*. Educação em Revista, *Belo Horizonte*, 2015.

MANGA, Anita Bardales. Entrevista concedida a Jacqueline Morais e Isabele Ramos. Cajamarca. 03 ago. 2018. 5 pág.

MATIJASCIC, Milko. *Professores da Educação Básica no Brasil: condições de vida, inserção no mercado de trabalho e remuneração*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. IPEA 2017. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2304.pdf> Acesso em: 10 dez. 2018.

MONTAÑO, Carlos Eduardo. *O projeto neoliberal de resposta à “questão social” e a funcionalidade do “terceiro setor”*. São Paulo: Revista Lutas Sociais n 8. 2002. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18912>> Acesso em: 04 abr. 2018.

MORAIS, Jacqueline de Fátima dos Santos; ARAÚJO, Mairce da Silva. *A memória que nos contam: narrativas orais e escritas como dispositivo de formação docente*. Interfaces da Educação, v. 4, p. 134-148, 2013. Disponível em: <<https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/530>> Acesso em: 25 mar. 2018.

MORAIS, Jacqueline de Fátima dos Santos; ARAÚJO, Mairce da Silva. (org) *Brasil – Peru: experiências educativas a partir de uma expedição pedagógica*. Rio de Janeiro. Pedro e João. 2018.

MORAIS, Jacqueline de Fátima dos Santos. *Expedição Pedagógica e Coletivos Docentes na América Latina: outros modos de formação*. e-Mosaicos, v. 6, n. 11, p. 42-53. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/emosaicicos/article/view/28532/20459>> Acesso em: 19/04/2018.

_____. *A escola pública e os discursos sobre sua pretensa crise*. Teias (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. ano 2, n.04, p. 55-61, 2003. Disponível em <<http://www.cap.uerj.br/site/images/stories/noticias/xsesc/livro-e-resumos.pdf>> Acesso em: 07.set. 2018.

NAJMANOVICH, Denise. *O feitiço do método* In: LEITE GARCIA, Regina. *Método; Métodos; Contramétodo*. São Paulo, Cortez: p. 25-62, 2003.

PESSOA, Fernando et al. *Poemas de Fernando Pessoa*. Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1997. Disponível em: <https://prefaciosdehistorias.com/livros/EBOOK_Poemas_Fernando%20Pessoa.pdf> Acesso em: 19 jan. 2019.

PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa*. Editora Companhia das Letras, 2006.

PLUTARCO. *Vidas Paralelas*. Agesilao - Pompeyo. Buenos Aires: EspasaCalpe, 1952.

PRAÇA. Marina Ferreira. *Narrando uma experiência formativa: uma viagem pela América Latina*. 2015. Dissertação. (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. 2015. Disponível em: <<https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/1315>> Acesso em: 15 out. 2018.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. *Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação. Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações*. Campinas, SP: Graf, p. 47-62, 2005.

QUIJANO. Aníbal, *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*, Disponível em:<http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sursur/20100624103322/12_Quijano.pdf> Acesso em 10 jun. 2018.

RESUMO TÉCNICO: Censo da Educação Superior 2015. – Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2018. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/resumo_tecnico/resumo_tecnico_censo_da_educacao_superior_2015.pdf> Acesso em: 10 jun. 2018.

RISTOFF, Dilvo. *A universidade brasileira em tempos de contemporaneidade*. In MORISINI, Marília Costa (org) *A universidade no Brasil: concepções e modelos*. INEP, 2011. Disponível em: <<http://flacso.redelivre.org.br/files/2012/07/341.pdf#page=25>> Acesso em: 19 jan. 2019.

RODRIGUEZ, Jorge. Entrevista concedida a Jacqueline Morais e Isabele Ramos. Cajamarca. 2018. 01 ago. 2018. 6 pág.

SALAZAR, Érika Vasquez. *Un camino hacia el cambio en el aprendizaje: La expedición como recurso pedagógico en el ámbito universitario*. Educare, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.sa.cr/scielo.php?pid=S1409-42582014000100004&script=sci_arttext&tlng=pt> Acesso em 10 de out. de 2018.

SANTOS. Milton, *O dinheiro e o território*. GEOgraphia, v. 1, n. 1, p. 7-13, 1999. Disponível em: <<http://www.geographia.uff.br/index.php/geographia/article/view/2>> Acesso em: 17 set. 2018.

SKLIAR. Carlos, *Conversar e conviver com os desconhecidos*. In: FONTOURA. Helena Amaral da, *Políticas públicas, movimentos sociais: desafios à pósgraduação em educação em suas múltiplas dimensões*. Rio de Janeiro, ANPED, 2011. Disponível em: <https://issuu.com/falesgffp/docs/conversar_e_conviver_com_os_desconh> Acesso em: 23 fev. 2019.

SOLÓN, Pablo. *Alternativas sistêmicas: Bem Viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização*. Elefante, 2019.

SONCCO, Yenny Tapia. Entrevista concedida a Jacqueline Morais elsabele Ramos. Cajamarca. 02 ago. 2018. 2 pág.

SOUZA. Neusa Souza, O Estrangeiro: nossa condição. In: KOLTAI. Caterina. O Estrangeiro. São Paulo: Escuta. 1998.

SOUZA. Jessé, A Elite do Atraso: da escravidão à lava jato. Rio de Janeiro: Leya 2017. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4421437/mod_resource/content/1/Jesse%CC%81%20Souza%20%20A%20Elite%20do%20Atraso%20%281%29.pdf> Acesso em 16 jan. 2019.

SOUZA, Celena Soares, FARIA, Danusa Tederiche Borges de, NUNES, Denny Henrique Miranda, MORAES, Leila dos Santos, MEDEIROS, Milena Bittencourt, CRESPO, Rafael Cunha, CONCEIÇÃO, Sandra dos Santos Pinto da, NASCIMENTO, Thayssa dos Santos. *Uma America Latina viva e forte: diálogos com os coletivos docentes nas fronteiras entre Brasil-Peru*. In: *Brasil-Peru: experiências educativas a partir de uma expedição pedagógica*. São Carlos: Editora Pedro & João, 2018.

SPÓSITO, M. *A ilusão fecunda: a luta popular pela expansão do ensino público*. São Paulo: Loyola, 1984.

SUÁREZ, Daniel H. *Los docentes escriben para investigar y formarse*. La red de documentación narrativa en Argentina. Trayectoria: Práctica Docente en Educación Artística, 2015. Disponível em: <<http://www.ojs.artes.unicen.edu.ar/index.php/trayectoria/article/view/332>> Acesso em 18 de set. de 2018.

SUÁREZ, Daniel H.; ARGNANI, Agustina. *Nuevas formas de organización colectiva y producción de saber pedagógico: la red de formación docente y narrativas pedagógicas*. Revista da FAEEBA-Educação e Contemporaneidade, 2013, 20.36.

SURIANO, Olga de. Entrevista concedida a Jacqueline Morais e Isabele Ramos. Cajamarca. 03 ago. 2018. 2 pág.

TORRE, Rosa Maria Zamuria. Entrevista concedida a Jacqueline Morais elsabele Ramos. Cajamarca, 01 ago. 2018. 3 pág.

UNDA, María Pilar, *La experiencia de expedición pedagógica y las redes de maestros: otros modos de formación*. *Perspectivas*, v. 32, n. 3, 2002. Disponível em: <http://www.ibe.unesco.org/fileadmin/user_upload/archive/Publications/Prospects/ProspectsPdf/123s/undas.pdf> Acesso: 01 ago. 2018.

VALBUENA. Leonor Rodriguez, FORERO. Nubia, *El viaje como alternativa de formación en la Expedición Pedagógica*. VI Encuentro Iberoamericano de Colectivos que hacen investigación em la escuela. Córdoba Argentina. 2011. Disponível em:

<https://www.yumpu.com/es/document/view/14214138/el-viajecomo-alternativa-de-formacion-en-la-expedicion-pedagogica> Acesso em: 18 ago. 2018.

VALLA. Victor Vincent, *A crise de interpretação é nossa: procurando compreender a fala das classes subalternas*. Educação & Realidade, v. 21, n. 2, 1996. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71626>> Acesso em: 19 jan. 2019

VELOSO. Caetano. Música Os Argonautas. 1969. Disponível em <<http://caetanoendetalle.blogspot.com/2012/08/1969-os-argonautas.html>> Acesso em 12 de jun. de 2018.

VILLA. Morelia do Socorro Cardona, *O Movimento Pedagógico: uma luta social, política e cultural do magistério colombiano 1982 – 2002*. (Dissertação de Mestrado em Educação) Universidad de Antioquia Facultad de Educación. 2005. Disponível em: <http://bibliotecadigital.udea.edu.co/dspace/bitstream/10495/7517/1/CardonaMorelia_2005_MovimientoPedagogicoLuchaSocial.pdf> Acesso em 15 de jun. de 2018.

WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica/pedagogia de-colonial. *Revista de Educação Técnica e Tecnológica em Ciências Agrícolas*, 2012, 3.6: 25-42. Disponível em <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/13582/13582.PDFXXvmi...> Acesso em 20 ago. 2019.

ZEA. Ruth Marilyn Yancce, *A nova mineração e os discursos políticos de campanha eleitoral em torno dos conflitos sociais (Cajamarca, Peru)*. 2016. 153 f. Dissertação (Mestrado em História, Relações Internacionais e Cooperação) Faculdade de Letras. Universidade do Porto. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/86423/2/158663.pdf>> Acesso em: 02 fev.2019.

ANEXO – CONVERSAS COM AS PROFESSORAS E OS PROFESSORES NO IV ENCUENTRO NACIONAL DEL COLECTIVO PERUANO DE DOCENTES QUE HACEN INVESTIGACIÓN DESDE LA ESCUELA Y SU COMUNIDAD

Professor Jorge Rodrigues

Prof^a Jacqueline: ¿No hay escrito la historia de la red de Perú? Yo comprendí que había dicho que no existía escritos, no tiene lugares donde buscar.

Prof. Jorge: ¿Es la historia que te refieres?

Prof^a Jacqueline: Tal vez sea mejor empezar con tu presentación. Tu nombre, ¿qué haces, quién eres?

Prof. Jorge: Buenas tardes, soy Jorge Rodrigues, maestro de ciencias, estoy en este momento en la ciudad de Cajamarca, con el motivo del 4 ° encuentro de maestros que se ha convocado para poder reunirse con las redes de varios lugares de Perú. Yo soy maestro jubilado, y trabajado por muchos años al servicio de la educación pública, y me siento muy contento aquí en Perú, de haber servido a mi patria.

Prof^a Jacqueline: Entonces, tu podrías contarnos cómo surgió la red del Perú.

Prof. Jorge: Soy parte de la red, desde el año 2008, un compañero de apellido Guainates no se invitó porque él había participado junto a la red Brasil en el encuentro anterior. De modo que hizo para todos hay una invitación y 18 maestros del Perú, participamos en el 5 ° encuentro realizado en Venezuela. En este momento comenzó mi vida con la red, por primera vez entendí que era el camino que quería porque había trascendido muchos años en otras actividades, pero que no tenía la riqueza que tienen estos tipos de encuentros. A partir de esa fecha hemos continuado participando en certámenes. De los 18 que participaron al principio en Perú nos quedamos 5. Entre ellos el profesor Gavino de Cajamarca, la profesora Ingrid Aquino de Huancayo, Rosa Días también de Huancayo, el profesor Juan Raimundo que no ha venido ahora sino también es de Huancayo y yo también que soy de esa misma ciudad. De modo que los fundadores que hicimos el primer recorrido quedamos en Perú 5. Luego habíamos participado en encuentro que hay tenido en Argentina en 2011, en 2014 aquí en Cajamarca Perú, y últimamente hemos estado en México, pero ya en camino nuestra red hay crecido, desde los 5 que éramos, ahora somos 60. La divulgación que hemos hecho en Huancayo un poco diría dolorosa, lenta, progresiva, insistiendo tratando de ganarlos poco a poco

y ahora tenemos 20 que son bastante ya fuertes en su participación, su integración aquí en la red. De modo que ahora tenemos un buen número y creo que vamos en ese camino, esa es parte de la historia que tenemos.

Prof^a Jacqueline: Entonces el maestro, que no conseguí comprender el nombre, que empezó y se fue a Brasil. ¿Sabes cómo conoció la red?

Prof. Jorge: No tengo muy bien conocido de qué manera el profesor Guainates se enteró, seguramente o alguna comunicación, pero como no podría participar solo tendría que ser a través de una red, parece que tuvo algún curso porque el era profesor de matemáticas, de repente asistió un en Brasil o estuvo en algún tipo de actividad que le permitió enlazarse con la red Brasil. Entonces de esa manera participó en un año anterior.

Prof^a Jacqueline: Entonces ¿regresó en Perú y empezó a organizar una red? Porque para participar hay que estar atado a una red de su país.

Prof. Jorge: Sí, lo que ocurrió simplemente es que no éramos todavía una red, pero en la consulta que se hizo dijeron que podíamos acercarnos como un colectivo. De manera que hemos participado en Venezuela como un colectivo, pero no como red convocante. Tuvimos que esperar 3 años, 3 participaciones, 3 iberos, para que recién aparecemos en la lista como red convocatoria. Eso es lo que ha ocurrido, entonces después de Venezuela, siendo que íbamos a estar en la Argentina y aquí en Cajamarca, se cumplieron 3 años, y aparecemos entonces como red convocante.

Prof^a Jacqueline: ¿Y cómo se eligió quién sería el coordinador general?

Prof. Jorge: Bueno, los primeros que asumimos fuimos los que inauguramos este colectivo. Dirigimos a los que por primera vez participamos, y nos organizamos entre los pocos para asumir las responsabilidades, entonces dimos la plaza al cargo de coordinador general al profesor Gavino, tomé yo la vicepresidencia y mis otros compañeros las otras tareas, y así en Argentina volvimos a renovarnos y ratificamos a Gavino por la amistad y por el trabajo que teníamos y de ahí se nos ocurrió de organizar el ibero aquí en Cajamarca. Eran muy pocos evidentemente, y por eso ocurrieron una serie de problemas que surgieron en el camino de la organización, pero ya quedó eso y voy a llevarlo en la reunión que voy a México.

Prof^a Jacqueline: Sí, pero todos los lugares tienen problemas, aquí no ocurrieron más problemas que en otros lugares.

Prof. Jorge: Seguramente, lo que nos sentimos porque creo que hubo el inspirador tener mayor atención a lo que hubo anteriormente.

Prof^a Jacqueline: Pero estaba muy bien, a mí me encantó acá. ¿Entonces para que comprendáis, ¿Empezó en una red nacional y luego en redes locales?

Prof. Jorge: Sí. Bueno, aquí en Cajamarca estaba el profesor Gavino con muy pocos profesores, y yo también en Huancayo con 3 compañeros más, algunos estaban desistiendo, otros continuando con la labor. Y seguimos difundiendo, invitando a los amigos, a los compañeros para que se adhieran a la red. Este es un trabajo lento y recién estamos tomando cuerpo con la llegada a México. En este sentido, se observa que hay una gran cantidad de profesores de Cajamarca, por primera vez se adhirió el grupo de Cuzco y Huancayo también creció, y poco a poco se iban aprendiendo porque los que se han a adherir no tienen mucho manejo de las actividades que cumplen en la actividad red. Ahora está más claro para ellos que es una expedición pedagógica, o qué tipo de trabajo debemos presentar, cuáles son los fundamentos y los principios que tiene la red, y cómo tenemos que cambiar nuestras actitudes frente a la educación.

Prof^a Jacqueline: Entonces, ¿qué es una expedición pedagógica? ¿Cómo explicas?

Prof. Jorge: Bueno, al inicio como quedó claro, decimos que la expedición pedagógica debe diferenciarse de lo que es turismo. Tu has estado también en Huancayo y mis amigos no entendieron el mensaje que era una expedición pedagógica. Fuimos a los poblados y en los poblados no tuvimos más contactos con los sectores de la educación y no porque no habíamos pensado, si no, que en los lugares donde yo trabajo hay un poco de resistencia a la visita externa. Ha habido impresiones de que el sistema de gobierno establece, no es fácil intervenir y decir quiero visitar tu escuela y quiero conversar contigo. Pero ahora entendemos y aquí en Cajamarca, tenemos un maior encuentro con las escuelas, con los maestros, con los padres de familia y la comunidad. Entonces los profesores que asisten a este encuentro tienen una mayor visión de cómo debe ser una expedición pedagógica, y un campo de aprendizaje mutuo que tenemos nosotros.

Prof^a Jacqueline: Entonces, en todos los encuentros, tuviste la posibilidad de participar de todos?

Prof. Jorge: Sí. Desde 2008 que estuvo en Venezuela, y cido más persistente, más emocionado, y aún no he tenido contacto con todas las actividades que tenemos.

Profª Jacqueline: ¿Qué crees que has aprendido, cambiado, qué importancia ve en la expedición pedagógica?

Prof. Jorge: Primero cambió mi visión mi forma de hacer la investigación, como docente de una universidad estaba muy nutrido de la investigación académica, y poco a poco he tenido que asumir que las investigaciones deben estar más cerca de nuestro pueblo, las necesidades de desarrollo que hay en la patria. También me da emoción ver amigos como tú, como muchos amigos en Venezuela, Colombia, Argentina, en México y ese intercambio me ha hecho una mejor persona, más feliz. Luego el contacto con la gente en las actividades, la vida cultural que nos ha arrojado. Yo y mis compañeros nunca habíamos bailado en las actividades que teníamos e íbamos a hacer en las actividades académicas, congresos y acababa en simples disertaciones. Ahora nos involucramos en la danza, en el baile, con la música y en todo. Entonces ve cuántas cosas he aprendido y cuanto he evolucionado.

Profª Jacqueline: A mí me encantó también todo, la participación acá en Perú, en México, ver cómo los países son muy diferentes, de verdad es increíble. Y que pensamos que... no sé quién ha dicho, pero para mover el pensamiento ha de moverse el cuerpo, ha de salir de su territorio para ir a otro. Pero no es muy fácil porque hay que tener tiempo, y a veces la maestra no tiene, tener una posibilidad financiera de irse, no es muy fácil.

Prof. Jorge: Sí, en efecto, pero creo que fui un tipo que en la universidad me escapaba de las clases para ir a tocar música dentro de la universidad cuando decían: hay ensayo, ¡vamos a tocar! dejaba las clases porque me encantaba la música, y de la misma forma el camino a pesar de las actividades que tenemos en la universidad con las clases, con los informes, siempre me dio tiempo para cumplir con las obligaciones que he enumerado allí. Así que cuando alguien me dice, por ejemplo, " que no, que no pudo ver porque estaba ocupado", bueno digo que de repente le faltó este ánimo que nunca me faltó, y felizmente siempre pudo reunir las monedas, los billetitos para ir a comprar un boleto y estar unos días con partir acá, creo que son esfuerzos que hacemos.

Profª Jacqueline: Incluso apoyar a otras personas como yo (risas).

Prof. Jorge: Preparar los regalitos, preparar la ropa, las cosas que tenemos que llevar, todo eso es parte de una tarea de tiempo, por ejemplo, cuando he tenido que viajar a México ya a un año ya estaba comprando mis cosas para llevar, porque si

uno va gastando dinero poco a poco y no dejamos todo para la última hora. Organiza, va pensando. Fíjate que ahora como ejemplo, pensé en ti como dos meses antes, y ahora estoy aquí con mi colita, y la hice muy bien, la pinté un mes antes de venir.

Prof^a Jacqueline: ¡Gracias! -resos- Puede dar un concepto de red y diferenciar de red colectiva, porque usted dijo que era un colectivo pero no era una red. ¿qué es una red? ¿qué es un colectivo?

Prof. Jorge: Buy bien. Entonces cuando se dice un colectivo así es como una agrupación de personas, un poco todavía deforme, unos cuantos para acá, otros tantos para allá, pero no teníamos todavía un cuerpo cada uno. A medida que se va creciendo el colectivo, es más grande, y hay lugares que tienen grupos fuertes de profesores y ellos ya tuvieran sus propios gobiernos, sus propias organizaciones y sus propios objetivos. De manera que así nació la red Cajamarca, la red del centro del Perú, la red Cusco, y todos ellos forman un colectivo nacional. De manera que las redes han quedado constituidas con sus propias organizaciones, sus propios estilos y formas.

Prof^a Jacqueline: Y tu cree que para las maestras la escuela ... es ... por ejemplo hoy, la escuela que nos recibió y otras escuelas, tu crees que es importante, qué impacto causa para una maestra y para una escuela divergente, otros lugares, de otros sitios, no solamente de otro país, sino también de aquí del Perú pero de otros lugares.

Prof. Jorge: Yo creo que de las experiencias que he vivido en las universidades, aisladas de las escuelas, así como cuando alguien visita su escuela como profesor, para él es algo nuevo, no es algo diferente. Entonces se siente complacidos de recibirnos, porque la universidad o cualquier otra organización no venía cumpliendo con esas tareas. Gracias a la red, los maestros han comenzado a llegar más cerca y ver las necesidades del mundo escolar, ver que la educación es una mezcla. Creo que la educación es en ese sentido.

Prof^a Jacqueline: ¿Tiene alguna crítica la expedición pedagógica?, ¿ algo que se podría hacer mejor?

Prof. Jorge: Bueno, en asuntos de las actividades que tenemos, no hay modo de hacer demasiada crítica, tenemos que en una semana hacer muchas actividades, el tiempo a veces no nos alcanza. Las redes que organizan tienen mucho más dificultades, para buscar la economía, tener los vehículos, para anteriormente hacer

las gestiones, a veces ocurre de que no todas las autoridades dan permiso, a veces tienen los directores dicen cuando se van a preguntar si puede visitarse no, porque están ocupados que no es posible atenderlos por algo parecido pasamos aquí en Huancayo. La escuela de Mito, por ejemplo, y dijimos vamos a visitarlos y nos dijeron que no, que estamos de vacaciones, que no podían estar y así que los profesores que se están ahí, no tenemos el contacto. Igual en otras localidades porque los días que nos toca a hacer los encuentros precisamente son de vacaciones de alumnos y no vemos maestros a veces. Entonces hay inconvenientes, en todas las organizaciones a veces hay problemas, con la alimentación, con el alojamiento, con el tipo de comida que a veces se sirve en el todo es agradable y bueno. Entonces hay pequeños cometos, pero superamos todo eso y si va continuado, haciendo bien las cosas, en general no tendría mayores críticas en ese sentido.

Prof^a Jacqueline: Agradezco. Y otra cosa. ¿Existe algún sistema de escritura, si escribe algo/ piensas que es importante escribir algo?

Prof. Jorge: El año anterior llevamos un pequeño librito a México e hicimos narraciones. Estamos en esta tarea de dar narrativa y he explicado a los compañeros cómo tenemos que relatar libremente nuestras experiencias y en algo estamos avanzando, no se ha hecho este año esta actividad, pero todos ya están enterados que se debe hacer más trabajo de la redacción, y estamos haciendo para que sigan esa tarea.

Prof^a Jacqueline: Te agradecemos muchísimo.

Professora Yenny Tapia Soncco

Prof^a Yenny: Es la primera vez que yo vengo, soy maestra en Cuzco

Prof^a Isabele: ¿Su nombre?

Prof^a Yenny: Yenny Tapia Soncco. Trabajo con la acción educativa 56.167 en Cuzco. Trabajo con niños de la area rural. Ellos son del ambiente quechua. Por eso trabajamos las dos lenguas. Hablamos y escribimos en los primeros ciclos en lengua inglesa y hablamos en quechua. A medida que van al segundo, al tercero, les ponen el castellano como segunda lengua. Y a medida que son tercero, cuarto, quinto y sexto ya trabajan escritura quechua. Trabajamos las dos lenguas.

Prof^a Isabele: ¿Es la primera vez en ese encuentro?

Profª Yenny: Es la primera vez. Participo del grupo "Checarniá" que significa "Camino de la verdad" que es una palabra quechua. Che significa verdad y carniá camino. Nosotros tratamos de valorar la interculturalidad por que toda esa zona es de diferentes culturas. y la interculturalidad es convivir con eso. El trabajo de nosotros es llamar a las cartillas de saberes ancestrales para una mejor comprensión lectora.

Profª Isabele: Comprendo. ¿Y esa expedición te gusta?

Profª Yenny: Si, me gustó mucho. Estoy aprendiendo mucho. y también voy poder practicar con mis estudiantes. Vamos a llevar a los videos para que vean como los niños interactúan. Y en las escuelas también estamos llevando las cámaras para recuperar esos saberes ancestrales. Por ejemplo, así como esto actividades tradicionales en las chacras y con ellos hacemos y luego nos damos cuenta que algunos no habían visto y estaban perdiendo esa sabiduría. Y buscamos a los más ancianos y vinieron a los enseñar. Y trabajamos asi también también los rituales. Muchas cosas que hacemos y eso estamos publicando en cartillas. Estamos escribiendo Para nosotros lo que nos viene no es el contexto. Los viene por ejemplo ornitorrinco que nunca han visto los niños (risas) entonces . Eso no les interesas. Animales que viene de la selvas de la la cuesta no les llama la atención. La comprensión lectora no es tan facil de lograr. Por eso los textos que ellos saben o han visto así es fácil, muy además de la expresión oral los niños que casi no hablan y hay niños que no hablan. Si hablamos de un tema que ellos saben y el idioma... es llos hablan demás (risas)

Profª Isabele: ¿Tienes alguna crítica al encuentro ?

Profª Yenny: Creo que la crítica va para mi. Me faltó preparación. Además no sabíamos como era la metodología.

Profª Isabele: Para mi también.

Profª Yenny: Por eso hay que leer más. He visto las participaciones magistrales de los colegas.

Profª Isabele: Comprendo. ¿Y deseas participar en Cuzco?

Profª Yenny: Sí. Si el patrón (?) lo permite si. (risas)

Profª Isabele: ¿Quién la invitó para venir acá?

Profª Yenny: Como la decía son varios en los que participamos el profesor Leoncio y otros maestros fundaron la Sección Checarniá nos invitaron. Las escuelas

rurales viniendo que el trabajo con ellos es increíble, usamos la lengua quechua (una música en quechua).

Profª Isabele: Es estupendo el trabajo de ustedes.

Profª Yenny: Es más bonito porque es en el campo.

Profª Isabele: Me gusta mucho el trabajo en el campo. Gracias por hablar con usted. ¿Podría sacar una foto?

Professora Rosa Maria Zamuria de la Torre

Profª Isabele: Hola. ¿Cuál es tu nombre y en lo que trabaja?

Profª Rosa: Yo soy Rosa Maria Zamuria de la Torre y trabajo en la Institución educativa Joao Paulo II.

Profª Isabele: ¿Es su primera vez en el encuentro?

Profª Rosa: Yo sí, es la primera vez que participo en el encuentro.

Profª Isabele: ¿Qué te gusta más en el encuentro?

Profª Rosa: La integración, compartir los conocimientos, ver cómo es el trabajo educativo en las diferentes áreas-zona rural y zona urbana. Ver cómo los profesores se integran, no solo con los alumnos, sino con toda la comunidad.

Profª Isabele: ¿Es su primera vez en Expedición Pedagógica, en visita a otras escuelas?

Profª Rosa: Sí dentro del colectivo, dentro de lo que es la red, porque ya tuve la oportunidad de disfrutar de algunas experiencias individuales en visitas a otras instituciones educativas.

Profª Isabele: ¿Qué entiende por Expedición Pedagógica?

Profª Rosa: Creo que es ver la realidad, porque muchos profesores no salen a ver la realidad de muchas instituciones educativas. Y soy una maestra de zona urbana, netamente urbana, y no conocemos la realidad de la zona rural en sí.

Profª Isabele: Sí. ¿Y usted tiene alguna crítica sobre la Expedición Pedagógica? ¿Algo que quiera hablar?

¿Que no está bien? ¿Que no tiene sentido? ¿O algo que no crea ser importante?

Prof^a Rosa: No, porque creo que todo es importante, toda la experiencia es importante para escucharla y compartirla. Creo que de alguna manera aprendemos fuera. Yo otra realidad no es eso lo la zona rural de mi país, que es Perú, y ver cómo se trabaja en Colombia, ver cómo se realiza en Brasil. En el caso de la profesora Jacqueline de Colombia, su opinión dice que se preocupaba mucho en Brasil con su trabajo personalizado, de que solamente yo quiero los recursos primero para mí para enriquecernos, y no ver el desarrollo de su comunidad.

Prof^a Isabele: ¿Hay algo que usted va a utilizar en su trabajo, en su escuela? ¿Hay algo que te llamó la atención?

Prof^a Rosa: Proyectar a mis estudiantes a su trabajo con la comunidad. En mi trabajo, en mi colegio, no tengo áreas verdes entonces voy a salir con ellos para ver las áreas verdes, ver cómo se trabaja en cooperativa, cómo se trabaja en equipo. Cómo... voy involucrar los estudiantes de la zona urbana a la zona rural, ver la realidad. Es importante rescatar eso para mí porque piensan que el todo es el caro, la televisión, el celular, porque mis alumnos, como trabajo en una institución particular en la zona urbana, pero particular, entonces la realidad con ellos es muy diferente a la del trabajador común porque sus padres les facilitan todo. Todos están conectados a Internet, entonces es fácil, es un medio de comunicación. Entonces esos muchachos incorporan eso en sus trabajos (... frase que no fue posible escuchar por el ruido del fondo de la grabación), no ven la realidad como es la realidad porque esa es su realidad. Eso es lo que me permito rescatar en mi trabajo. Personalmente me es satisfactorio si pueden ver como una vaca cuando está siendo ordeñada, cuando están haciendo trabajos de agricultura, cuando están sosteniendo hortalizas o ver la refrigeración por aspersión, como el calor está devorando las partículas agrícolas, como los productos llegan a la ciudad. Cómo esa crítica del trabajo del hombre del campo a nuestra realidad. Si necesitamos algo vamos al supermercado, ahora vamos al supermercado porque antes no existía, no había eso, eso se encontraba solo en las ciudades de la Costa pero no en las ciudades de la Sierra. Así que ahora con los centros comerciales, tú te va con tu carrito, compra tus cosas y tus productos, entonces los muchachos quedan alienados de donde vienen las cosas, entonces cuando los lleva a ver la realidad parece que se dan cuenta.

Prof^a Isabele: ¿Integra a alguna red?

Profª Rosa: Sí, me integro la red San ... (no se escucha) de la Ma ... (no se escucha), desde enero de este año.

Profª Isabele: ¿Qué ha cambiado en su trabajo formando parte de esta red?

Profª Rosa: En mi trabajo es importante como profesora creo que este trabajo es muy importante para cambiar la manera de pensar con estos pequeños, eso es muy importante.

Profª Isabele: ¿Quieres hablar me algo para mi trabajo? Por que estoy al principio de la carrera de profesora.

Profª Rosa: En primer lugar, quiero felicitarte por tener ese entusiasmo de salir y venir a ver otra realidad, por ejemplo no solo la realidad de América Latina, si no una realidad totalmente diferente de Brasil, he entendido. Y me da gusto porque esta experiencia se va a servir a tu trabajo, si hubiera tenido alguna oportunidad de salir al extranjero y vivencia eso, habría enriquecido mi trabajo, pero yo no tuve la posibilidad y recién estoy empezando a salir, saliendo así, por otros departamentos del Perú, sé de la realidad de otros países por los medios de comunicación, me gusta ver el Discovery, programas culturales y deportivos. Yo vi las Olimpiadas de Brasil porque tuve la oportunidad. Pero te felicito y te entusiasmo, nuestra carrera no es económicamente lucrativa, no es muy rentable, pero cuando usted recibe un agradecimiento, un abrazo, es lo que necesita en su vida. (se emocionó y empezó allover)

Gracias, muchas gracias estoy emocionada. - Es mucho más placer el cariño de nuestros estudiantes, porque trabajo en instituciones y nunca imaginé ganar tanto cariño de esos niños, una palabra de consuelo, un beso y eso no tienen como se pagar.

Professor Jairo Jhon Jairo Campo

Profª Jacqueline: Voy a hacer preguntas. La idea es que la gente pueda conversar un poco sobre su experiencia pedagógica. Entonces, si usted desea presentarse, hablar sobre quién es usted, su nombre, donde usted viene y hablar si usted tiene alguna experiencia respecto a inspección pedagógica.

Prof. Jairo: Yo voy a hablar en español, es más fácil. Mi nombre es Jhon Jairo Campo, soy conocido como “kachis”.

Profª Jacqueline: ¿Porque “kachis”? ¿Qué significa?

Prof. Jairo: Porque así me bautizo un niño de un barrio marginal, de tercero de primaria. Y averiguando, entonces me di cuenta que los indígenas “wayúu” de la guajira colombiana, “kachis” es luna. Para los indígenas en el centroamericano, es lugar de encuentro. Para los indígenas ecuatorianos es sitio de intercambio y para los indígenas peruanos es sal.

Profª Jacqueline: ¡Que bonito!

Prof. Jairo: Entonces “kachis” es muy popular

Profª Jacqueline: ¿Entonces podríamos escribir como “kachis” se escribe? ¿Tú puedes deletrear?

Prof. Jairo: Si. Es “K” de kilo, “A, C, H, I y S”

Profª Jacqueline: Ah, “kachis”! Qué bonito. ¿Pero el chico empezó a hablar así y le gustó mucho porque? Si... un niño puede llamar así y eso no quedar.

Prof. Jairo: Quedo.

Profª Jacqueline: ¿Los otros niños llamaron también?

Prof. Jairo: Empezaron a brincar con “kachis”, llamaban, se reían. A los profesores les gusto decirme “Kachis”, amigos, se populo. Bueno ese es “kachis”. Bueno mi experiencia arranca en la década de los 80.

Profª Jacqueline: ¿Y tú eres maestro?

Prof. Jairo: Yo soy profesor pero...

Profª Jacqueline: ¿Qué diferencia es de maestro a profesor?

Prof. Jairo: Para nosotros maestro, es una persona, ya con mucha dignidad y con un nivel muy alto. Sabes a mi por ejemplo me da pena decir que soy maestros, pero realmente el reconocimiento del maestro de lo dan a uno las personas, no se lo da uno mismo. Y ser profesor pues, para mí mismo, para jóvenes y para adultos. Pues es desde la visión colombiana. Yo vengo trabajando desde la década de los 80, yo empecé trabajando con jóvenes, siendo joven, y estaba en un grupo de líderes y ahí montamos una asociación. Primero en la región donde vivo y luego empezamos a hacer un trabajo a nivel nacional. Estando en eso empecé a trabajar con campesinos del páramo, del parque nacional natural de los nevados, y con ellos empezamos a hacer un trabajo con los hijos de los campesinos y los campesinos.

¿Porque?

El gobierno colombiano quería sacarlos de allá y llevárselos a vivir a las zonas marginales de la ciudad. Pero es que ahí estuvimos 10 años ayudándoles a hacer resistencia y a mí me colocaron esa tarea. Pues fue una tarea muy bonita, aprendí, crecimos y consolidamos un espacio de trabajo. Ya estando ahí, me enviaron a la zona del Choco a trabajar con afros, entonces trabajaba con campesinos de una zona alta, de más o menos de entre 2900 y 3000 msnm y después me enviaron a trabajar a una zona a 500 msnm y tenía que itinerar entre las dos, unas veces aquí y otras veces allá arriba. Bueno eso fue muy interesante porque fue aprender a trabajar con personas de sectores populares y entender que acá hay que ayudarles de una zona diferente entonces con los maestros que teníamos ahí, hay maestro que hace parte de la escuela agroecológica a nivel de América latina que es Guillermo Castaño, un filósofo que se dedicó a conceptualizar la visión ambiental que es Augusto Ángel Maya, un pedagogo hermoso pues, que lastimosamente murió muy joven que se llamó André Vernost Santa María, bueno y otros maestros amigos, muy buenos. Y ellos empezaron a meternos en la visión de trabajar pedagogía, didáctica y lúdica, entonces la pedagogía la veíamos siempre como la gran concepción y ahí veíamos la ecología como una herramienta para poder interpretar la realidad, la didáctica era poder hablar desde la realidad concreta con la comunidad y la lúdica era ya específicamente con ellos desarrollar juegos, desarrollar actividades para que el entendimiento, no solamente fuera mejor sino que fuera divertido, entonces allá arrancamos con el proceso, ese proceso se consolida y terminamos volviéndolos parte de un movimiento que se llama “nueva cultura”, y “nueva cultura” la visión que tiene es poder trabajar al interior de las comunidades de cultura, educación y empoderamiento del territorio y empoderamiento de las tecnologías para las necesidades locales. Y a través de nueva cultura llegamos a hacer parte de una propuesta más grande que se llama Universidad Intercultural de los Pueblos, una escuela informal de líderes, donde el aula es el territorio, y en ese territorio lo que buscamos es llegar al buen vivir, y ese buen vivir lo buscamos a través de la aplicación de tecnologías apropiadas al territorio, y la otra cosa, que sean sustentables, que partan de los recursos locales que no nos toque ir a buscar, que si hacemos algo y se nos daña, podamos en el mismo territorio encontrar con que reparar y continuar sin problema.

Profª Jacqueline: ¿Cómo eran esas tecnologías?

Prof. Jairo: Entonces, esas tecnologías tienen que ver con cómo hacemos los surcos, como utilizamos mecanismos para poder retener la energía solar, como pescar, como utilizar las plantas medicinales, como utilizar la caña guadua, la madera, la paja, entonces es realmente entender el territorio, cuando puedo construir con barro o con rocas.

Prof^a Jacqueline: ¿Y tú estás vinculado a alguna red ?

Prof. Jairo: La universidad intercultural de los pueblos es quien está vinculada a la red, y esa red es la de las personas afro, del pacífico colombiano, entonces la universidad intercultural hace parte de las escuelas campesinas de agroecología, del proceso de comunidades negras del pacífico y con las comunidades indígenas del Cauca Colombia, entonces eso es una cosa grande y muy linda, porque nosotros no estamos en función de una actividad, nosotros estamos en función de fortalecer 24 organizaciones comunitarias y que tienen que ver con visiones muy distintas de mando, ¿qué hacemos en la universidad? que eso es lo itinerante, cada mes nos encontramos 3 días, las personas que llegan a la formación, pueden o no tener academia, hay personas que nunca pudieron pasar por una escuela ni una universidad, pero todos aprendemos de todos, y al final lo que hace la universidad, allá arriba al final de que, un curso de especialización de la universidad dura 3 años, y al final del curso sea quien sea tiene derecho a su certificación, no sé si eso es una forma si rompemos con la escuela formal y estamos empezando la escuela de nosotros como pueblo. Bueno y entonces ahora sí, como lo hacemos, hay unas charlas hay un modo en específico, que tiene que ver con entender el desarrollo, no es reproducirlo, sino entenderlo y cuestionarlo, es saber de dónde viene, cuáles son las implicaciones y a donde nos lleva esa visión de desarrollo, entonces es una posición crítica frente al desarrollo, la otra es entendernos al interior como pueblos y trabajarlos desde la visión de los derechos humanos, entonces es que todas las cosas que nos niega el estado nosotros tenemos derecho a ellas, a partir de la visión de seres humanos. Otra cosa que trabajamos ahí es la del buen vivir, que estamos en la duda si decimos, buen vivir o vivir bonito, porque para los Esmara es más vivir bonito, y es más bonito. Y el tercer elemento es la aplicación de tecnologías para la vida, no la llamamos apropiadas, sino para la vida, y eso todo lo hacemos enmarcados en la concepción del territorio, viendo el territorio que nos da, pero también que nos limita, y viendo la sociedad como al que construye ese territorio, pero también lo transforma de acuerdo a lo que allá en él, cierto? Bueno

eso es lo que vemos en las aulas, pero para poder que eso pase de la teoría a la práctica nosotros hacemos recorridos en los territorios, y ¿quien nos lleva a hacer esos recorridos? La organización que hubo en el territorios, ellos son los que nos cuentan como están ubicados, que hacen, como lo hacen, sus oportunidades, sus soluciones y sus problemas, ellos son los que hacen el diagnóstico, y a partir del diagnóstico nos enseñan.

Profª Jacqueline: ¿Y ellos quiénes?

Prof. Jairo: Las personas que habitan los territorios, las personas de la organización que están dentro de la propuesta. Porque las personas que se están formando en la especialización, desarrollan las habilidades dentro de su territorio.

Profª Jacqueline: Entonces, ¿ las personas que están haciendo el curso, son las personas que organizan el contenido. Entonces a cada grupo, cada grupo hace un " programa 'diferente, porque hay gente diferente?

Prof. Jairo:

Son grupos de personas de realidades diferentes que van llegando al Campus, así cada 3 años se hacen giras (viajes) por todos los territorios (de acuerdo con las necesidades locales, él quiso decir que los viajes para los aprendizajes se hacen dirigidos a las necesidades de los territorios). Los dos primeros años de los cursos son de teorías y el tercero es de giras.

Profª Jacqueline: ¿ Por qué un curso dura 3 años ?

Prof. Jairo: Porque los dos primeros son de teoría y el tercero son recorridos.

Profª Jacqueline: Pero, ¿ ellos van a viajar a un lugar y luego vuelven a sus ciudades?

Prof. Jairo: Sí vuelven a su realidad. La mayoría son personas del campo, viven cerca los ríos. - Fue interrumpido por ENT.

Profª Jacqueline: Para entender concretamente, ¿son grupos de los que? , ¿15 personas?

Prof. Jairo: 30 personas generalmente.

Profª Jacqueline: Tá, grupos de 30 personas. ¿ En el tercer año hay un viaje? ¿Eso dura cuánto tiempo?

Prof. Jairo: Cada salida dura 3 días.

Profª Jacqueline: Entonces, ¿Salimos para un territorio?

Prof. Jairo: Para una aventura, por ejemplo. El viaje ocurre 1 vez al mes, el viernes, sábado y domingo, para que las personas puedan mantener sus rutinas de trabajo.

Prof^a Jacqueline: ¿Y en el 1 y 2º año también son 3 días de clase en la universidad, viernes, sábado y domingo?

Prof. Jairo: Sí.

Prof^a Jacqueline: ¿Y el vínculo con la expedición pedagógica como tú ve, tu experiencia?

Prof. Jairo: Entonces cómo estamos actuando. Estamos aplicando las observaciones traídas por una red de maestros y maestras, pero estamos haciendo en la región de la universidad. Y esperamos desde ahí poder entrar con esa red a nivel nacional, porque la universidad está conectada a la red que hay en el occidente y la red a nivel de Bogotá. Pero por las dinámicas que hay nosotros no trabajamos de forma oficial porque trabajamos con la visión de la red y por eso luchan. Los líderes campesinos, los líderes afro, los líderes indígenas, yo, por ejemplo, forma parte de los líderes campesinos.

Prof^a Jacqueline: ¿Tú llamas tu experiencia de expedición pedagógica o llama de otro nombre la experiencia que está construyendo?

Prof. Jairo: Eso es lo que hemos hecho, aplicar los principios de la expedición pedagógica. Y por eso hacemos itinerantes a los territorios, y ahí tiene una cosa bonita, cada territorio hay por lo menos una persona que llamamos Consejo Académico de la Universidad. Esta es realmente la red, la participación de campesinos, indígenas y afro en la toma de decisiones

Prof^a Jacqueline: ¿Tú has vivido la expedición pedagógica en otros países?

Prof. Jairo: Vivi acá y en México.

Prof^a Jacqueline: ¿Qué piensas? ¿Cómo la habéis visto?

Prof. Jairo: Voy a dar mi opinión que creo que es adecuada la realidad del interior (término no rural y sí dentro del) Latinoamericano. Para mí, no debemos detenerse la escuela formal, hay más que las escuelas formales, tenemos que salir a las comunidades porque allí hay muchos trabajadores y maestros que estamos perdiendo y que son las personas que realmente manejan el conocimiento no contemplado por la formalidad académica. Por eso en vez de intentar alcanzar una vertiente volcada a hacer actividades lúdicas en una escuela o colegio, voy directo a la comunidad e intento hacer un enlace entre los líderes de la comunidad con los muchachos de la escuela. Pero no es la escuela que 'mira a los líderes, sino a los

líderes que 'miran' 'la escuela diciendo que vengan niños que estamos aquí y podemos dar muchas cosas.

Profª Jacqueline: ¿Lo que usted ve como importante en ese contacto basado en los principios de la expedición pedagógica?

Yo creo que eso fortalece los ideales de Freire, los ideales de Camilo Torres, de Bolívar, y nos hace entender la realidad, no sólo la de nuestro país y de nuestras regiones, sino también la de América Latina. Y se empieza a observar que existen diferentes medidas tenemos realidades muy parecidas, y lo que las determina es el cotidiano local. Yo apuesto en eso con todas mis fuerzas porque buena parte de mi vida estuve ligado a eso, ligado a construir esa realidad. Mejor dicho: es cambiar la realidad que nos imposibilita por la realidad que merecemos. Y realmente adquirir las cosas que son para nosotros (que merecemos), una educación propia, un móvil adecuado, viviendas amplias e iluminadas, dignos.

Profª Jacqueline: ¿Usted escribe algo sobre eso?

Prof. Jairo: Estoy escribiendo, lo que quiero es elaborar mejor desde la visión del doctorado. Hacer un espacio de síntesis. Lo que está escrito hasta ahora está redactado como 50 " tesis " de posgrado y al menos 3 o 4 de maestría. Pero yo escribo a través de los demás, entonces tengo que recurrir a los demás para enviarme a mí. Entonces fue eso lo que planteé en mi trabajo de doctorado. En mi trabajo quiero manejar algunos conceptos, el 1 ° concepto que quiero pasar es el de territorio-escuela, que no existe en la literatura.

Profª Jacqueline: ¿El territorio como escuela?

Prof. Jairo: Eso y volver como eran las poblaciones antiguas los Celtas, los Bantus, Los Incas, los Mayas. los Muisca. La otra cosa que quiero pasar es la del término de habitat al término habitar, hacer el término como verbo y conjugarlo. Conjugarlo en la cotidianidad. Y la otra, es que nuestros proyectos regularmente parten de problemáticas, que trabajen también con las oportuniticas. Para mí, hasta hoy sólo tenemos la visión negativa del territorio que es la problemática, por eso quiero trabajar la visión de oportuniticas y al final construir un concepto que sería la solucionática.

Profª Jacqueline: ¿Puedo sacar una foto? Para poner en la tesis.

Para aprovechar, ¿Qué tu recomendas leer, hablasta de Simon Bolívar (nuestra compañera no conoce), queremos también pensar qué autores latinoamericanos, al

revés de pesar solamente en los americanos, los europeos ? , ¿Quién se puede leer para pensar esa configuración ?

Prof. Jairo: Colombiano, Orlando Fals Borda – él tiene un trabajo en 2002 que se llama Kaziyadu, hablas con una mirada distinta del territorio. Hay un libro de Augusto Ángel Maya – que se llama “Los retos de la administración ambiental”. Pero es un libro corto. Otro personaje es Freire, con una visión pedagógica muy interesante. Creo que con eso se puede iniciar, y luego partir el más complejo. Del simple al complejo. Para el territorio Milton Santos, el francés Henri Lefebvre, la colombiana de origen francés Beatriz Nartis con el concepto de gentrificación, habla de personas que llegan a los territorios teniendo capacidad económica muy alta y desplazan a sus habitantes. Para lo que hacemos esto es muy importante.

Professora Anita Bardales Manga

Prof^a Jacqueline: Vamos a empezar, ¿tú puedes empezar te presentando, tu nombre, donde trabaja y de qué red tú eres?

Prof^a Anita: Buena tarde, mi nombre es Anita Bardales Manga, trabajo en la institución de La Casita, que queda en trabajo con niños de 3 a 5 años, pertenezco a la escuela de la red Perú, que está formada por muchos profesores. Y cada día luchamos por trabajar, transformar y mejorar el desarrollo de la educación de los niños.

Prof^a Jacqueline: Muy bien. Una profesora que asistió su presentación ayer tiene una pregunta. - ¿Cuál es la edad de los niños que la institución atiende, y si los niños son de la comunidad?

Prof^a Anita: Los niños atendidos son de los 3 hasta los 5 años de edad, y todos los niños son de la misma comunidad. La comunidad que vive cerca de La Casita, vienen todas las mañanas, sus madres los dejan allí, algunos niños caminan unos 15 a 20 minutos para llegar a la Casita. Ellos llegan con mucho entusiasmo para aprender, son niños muy sueltos, muy expresivos, ellos se encantan bastante, son vivas, les gusta aprender cada costilla, cada día más. Bueno, la verdad, como docente también aprendo mucho con los niños - tengo que desaprender para aprender junto con ellas, cada día me traen esperanza para mi vida. También me motivan para seguir buscando cada día por técnicas para mejorar su desarrollo.

Profª Jacqueline: ¿Y ellos salen de la escuela para paseos? ¿Hacen visitas a otros lugares?

Profª Anita: Sí, los niños salen cuando sea posible, para conocer algún lugar o hacer un viaje fuera de la comunidad. Con la escuela paseamos por campos, conocemos a la comunidad, vamos a visitar diferentes instituciones, por ejemplo vamos a las escuelas del primario - en horarios adecuados. Como son pequeños hay que tener mucho cuidado por lo que es muy peligroso. Cuidamos también el clima (Fenómeno El Niño / Perú es uno de los países más afectados) y siempre preferimos salir en horarios tempranos. Las madres llevan a sus hijos a La Casita, el horario de la mañana es de 08: 30hs a las 12: 30hs.

Profª Jacqueline: ¿Tú conoces otro país fuera Perú?

Profª Anita: Sí, claro, fui el año pasado a México, me encanta mucho con la cultura, como los profesores se ajustan bien, como buscan nuevas formas de enseñar a los niños, eso me motivó mucho. Aprendí cómo utilizan algunos recursos y eso me ayudó mucho a aplicar con mis alumnos para mejorar la educación. Estando en México, pude ver cómo es su cultura y cómo ella es vivenciada y mantenida en el día a día, lo que se estaba perdiendo en la comunidad en que vivo. Este viaje a México me ayudó mucho a rescatar los valores culturales, aprendí cómo insertarla en el día a día para ayudar a preservarla. Me ayudó a aprender cómo enseñarles ya sus padres, para seguir manteniendo esa cultura, por ejemplo en sus ropas, comidas, conversar sobre eso con los padres para que la cultura local no se pierda, pues eso los identifica en la comunidad.

Profª Jacqueline: ¿Conoces algún otro país?

Profª Anita: Sólo tuve la oportunidad de ir a México, pero me encantaría conocer otras realidades, pues eso te ayuda mucho a crecer como profesionalmente, como ser humano también. También hacer motiva a hacer nuestra parte - por un poco de nosotros - ayudar a mejorar la educación en otro país con nuestras experiencias.

Profª Jacqueline: ¿Tú crees que es importante para el profesor conocer nuevos territorios?

Profª Anita: Por supuesto, porque eso te ayuda a ver la aplicación de técnicas, a reforzar sus conocimientos, a ver nuevas maneras de cómo puedes implementarlo en tu país para mejorar la educación. Usted también observa cosas que no se valoran en otros países y en su sí o al contrario. Tú también puedes contar tus experiencias, lo que está desarrollando en tu territorio en tu país.

Prof^a Jacqueline: Si una persona no conoce la expedición pedagógica, ¿cómo lo definiría para ella, en un concepto?

Prof^a Anita: Expedición para mí es un poco de abrirse, descubrir, conocer más la realidad. No limitarse, es ir a conocer diferentes lugares, diferentes realidades para ver cómo la educación va avanzando cada día en los diferentes lugares. Entonces esas riquezas agregan bastante a un profesor.

Prof^a Jacqueline: ¿Piensas que es importante que un profesor presente su trabajo a otro profesor? ¿Tú ves como informativo o no?

Prof^a Anita: Para mí sí, creo que es muy informativo, por conocerse como se trabaja en diferentes ambientes, diferentes espacios. También se muestra el trabajo que se realiza con los niños, como se trabaja con recursos de la comunidad, el niño aprende haciendo el uso de sus recursos como las hojitas secas, las pepitas, los palillos ... Entonces para mí es importante que el profesor vea que no. es sólo dibujar o colorear una hoja impresa, que se aprende no sólo por los libros, pero el niño puede aprender libremente haciendo uso de sus propios recursos. También existen diferentes estrategias educativas que pueden ser como la danza, la música - los niños aprenden bailando, cantando ... estoy segura de que eso es lo que los profesores observan e intentan poner en práctica con sus alumnos. Eso es lo que pienso.

Prof^a Jacqueline: Y tú ves que algo ha cambiado en tu manera de pensar la vida, de trabajar, ¿después de ir a México?

Prof^a Anita: En el lado profesional cambiado para ayudar a mantener viva la cultura de mi país, ya que cada año se pierden más y más ... mantener las costumbres que marcan festivales, ropa, comidas en Cajamarca. En México vi que luchan cada día para mantener su cultura, y eso es una buena cosa que construye el país. También me ha ayudado mucho para observar la actitud de los maestros son innovadores y muy creativos.

Prof^a Jacqueline: ¿Cómo su trabajo es muy diferente de lo que normalmente vemos, quería saber si un maestro no entendía su trabajo y dijo que algunos críticos el de los métodos, en el del libro del Cubo, por ejemplo?

Prof^a Anita: No, hoy todo el mundo le gusta el trabajo y sale muy satisfecho con el trabajo que se realiza con los niños. Debido a que es un trabajo muy diferente, y que se utiliza en el exterior también. Es un trabajo que se realiza en equipo, como grupo, hay participación de los maestros, niños, miembros de la familia, y es

esencial para fortalecer la educación, debe haber participación de la comunidad en la educación escolar. Todos los que vinieron a visitar se mostraron satisfechos, felicitamos y deseamos que poder moverse más cada día seguimos avanzando más para ayudar a los niños a desarrollar sus habilidades y profundizar sus conocimientos.

La escuela por la mañana es una escuela privada.

Prof^a Jacqueline: Pero las madres no pagan nada, trabajamos con materiales reciclables, no compramos nada. La tarde atendemos a niños de 6 a 10 años y que tampoco pagan nada. El proyecto es todo gratuito, pero la escuela es privada y no pública. No recibimos ningún tipo de ayuda del Estado, ningún material ni nada. Recientemente conseguimos el apoyo del ministerio de Perú.

Prof^a Jacqueline: Habíamos comprendido que era escuela pública. En Brasil lo que es público es para el pueblo. Por eso público. Puede ser público y no estatal. Tenemos esa duda.

Prof^a Anita: No recibimos apoyo estatal.

Prof^a Jacqueline: ¿Has visto alguna experiencia pedagógica en una escuela de México que fue posible replicar con sus alumnos?

Prof^a Anita: Sí la música, por lo que me motiva mucho que aprender con mis niños. Cantan toco instrumentos, este movimiento me motiva bastante. Y los niños también les gusta mucho, cantar, bailar, el, aprender, expresan sus emociones. Y en México ya se ha dado cuenta de que son cantantes y también la música es una parte fuerte de su cultura, por lo que las clases están cantando y muy excitado. Y me hizo pensar en lo que tengo que hacer algo para mantener la cultura de mi país y los niños motivados con sus propias canciones.

Prof^a Jacqueline: ¿Hiciste algo de trabajo para presentar?

Prof^a Anita: El año pasado fui a México para trabajar la danza. Este año estoy haciendo el trabajo con los niños silueta, cada año van a ver su desarrollo. Los cambios en sus pequeños cuerpos y el aprendizaje.

Prof^a Jacqueline: ¿Usted hicieron lectura de pares? Porque aquí ya hemos enviado un trabajo, pero nunca se ha dado una.

Prof^a Anita: Si lo hicimos el trabajo con otros socios para trabajar, pero no recibimos datos. Así que no fue posible finalizar.

Prof^a Jacqueline: ¿Hay algún lugar de donde todo el trabajo están disponibles para que podamos leer? Sería muy interesante para leer las obras

Prof^a Anita: Creo que sí, nuestro coordinador puede informarle. Mi trabajo es más abundante de informar de lo que hay, caída por explicar muchas cosas. Es algo que va a a lo largo del año, por lo que acaba de tener un trabajo bien definido y robusta del próximo año.

Prof^a Jacqueline: ¿La escolaridad, Cuál es el nombre de los niveles de educación en el Perú?

Prof^a Anita: Los primeros 3-5 años, el inicial de 6 a 11-12 años (de 1 ° a 6 ° es la serie primaria), y la secundaria que son 5 años. A fines secundarios jóvenes con 16-17 años y ha entrado en una universidad para seguir su carrera.

Prof^a Jacqueline: No Brasil chamamos pré- escola, ensino fundamental (9 anos), ensino médio (3 ou 4)...

Professora Olga Suriano

Prof^a Jacqueline: Cuando un grupo se encuentra con otro grupo ... no lo sé. Un poco para escuchar tu mirada, primero así: Te presentar, tu nombre, ¿de qué red tú eres? ¿dónde está trabajando y en lo que va a empezar?

Prof^a Olga: Mi nombre es Olga Suriano, soy de la ciudad de Cajamarca, Perú. En esta oportunidad estamos representando un proyecto de investigación a nivel de institución educativa del colegio La Mercede y formó parte del colectivo del Nodos, es un colectivo que para mí es de suma importancia para el desarrollo de mi carrera profesional. Esta vez sería la cuarta vez que estoy formando parte de ese colectivo de que cedió el líbero en Cajamarca. Que inicié en 2014, luego continuamos en Cusco para el nacional, en México y luego Cajamarca que estamos nuevamente.

Prof^a Jacqueline: ¿No fue a Huancayo?

Prof^a Olga: No, Huancayo estaba enferma y no fui.

Prof^a Jacqueline: ¿Qué te gusta más en el encuentro?

Prof^a Olga: Para mí estos encuentros son maravillosos, conocemos gente, conocemos experiencias nuevas, entablamos relaciones con mucha gente que tiene muchas cosas que compartir y nos damos cuenta que no son personas ajenas a las otras, a los que forman parte de un mundo de un mismo ideal, de los mismos sueños y al final cuando termina un encuentro, un congreso nacional, sentimos que todos se unen en una hermandad, un amor a algo, acerca de días mejores, a lograr

por nuestros alumnos algo bueno, que se desarrojemos en una sociedad más libre de problemas. Son cosas maravillosas que me ayudaron a los del colectivo, y de los encuentros de los iberos. En esta oportunidad he tenido ... les digo La gracia de poder estar más directamente con ustedes de Brasil, de Colombia, de nuestros hermanos de Cusco, también de Huancayo. Han sido experiencias muy lindas realmente.

Prof^a Jacqueline: Entonces fue a México. ¿y allí participó de la Expedición Pedagógica o solamente fue al encuentro??

Prof^a Olga: No, de la expedición pedagógica también. También fue algo hermoso, conocemos cada lugar que recurrimos en México, las experiencias directamente en los lugares, en las instituciones educativas, como ellas trabajan, como era su subsidiario acerca de los alumnos mismo con las dificultades y las cosas que desafían adelante. Tenemos mucha semejanza con México en cuanto a los problemas, y nos sentimos identificados de cierta forma porque decimos: también en otro país si hay lo mismo. Y así nos dimos cuenta que en cualquier lugar del mundo en que estemos en los profesores y profesoras tenemos los mismos retos que se quieren.

Professora Rocío Pomasunco Huaytalla

Prof^a Jacqueline: Entonces, ¿cuál es tu nombre y de dónde eres?

Prof^a Rocío: Mi nombre es Rocío Pomasunco Huaytalla, yo soy de la región Junín, Huancayo, Perú.

Prof^a Jacqueline: ¿Y tú eres de qué red?

Prof^a Rocío: De la red centro, Perú.

Prof^a Jacqueline: ¿Desde de cuándo?

Prof^a Rocío: Yo pertenezco a la escuela de la red va a hacer dos años ... con ese es el tercer año que vengo participando en la red. Bueno es un trabajo interesante es lo que se propicia con ese tipo de encuentro, intercambio de experiencias pedagógicas entre maestros y maestras de diferentes contextos educativos, de diferentes regiones del Perú y hablando en América Latina, todos los países hermanos.

Prof^a Jacqueline: ¿Y tú has participado de algún encuentro nacional o internacional?

Prof^a Rocío: Participé en el encuentro ... dos nacionales y un internacional el año pasado en México.

Profª Jacqueline: ¡Tú fuiste a México!

Profª Rocío: Sí, estuvimos allí en México el año pasado en Morelia. Bueno ahora en este encuentro nacional en Cajamarca.

Profª Jacqueline: ¿Qué piensas de la importancia de estos encuentros?

Profª Rocío: Es realmente muy importante cada docente desde donde labora viene realizando investigaciones e innovaciones pedagógicas que es necesario socializarlos para poder fortalecerlos, para poder superar de repente alguna dificultad y- porque no- también sé imitado en otros contextos. Entonces eso fortalece grandemente el hacer educativo.

Profª Jacqueline: Y la expedición pedagógica. ¿Cual tiene participado? ¿En México ocurrió la expedición pedagógica?

Profª Rocío: Si teníamos la expedición pedagógica en México, en una ruta y toda la semana tuvimos expedición pedagógica en diferentes instituciones. En ano pasado, por ejemplo, visitemos en el México escuelas alternativas, también instituciones interculturales bilingües y entidades también o instituciones particulares, instituciones públicas. Estuvimos en Coacalco, donde en una solo institución tenía de inicial hasta universidad. Entonces esas expediciones pedagógicas nos dan os diferentes enfoques con los cuales los sistemas educativos de Latino América están desarrollando.

Profª Jacqueline: ¿Cómo tu explicaría una expedición pedagógica?

Profª Rocío: La expedición pedagógica es el intercambio de aprendizajes y conocer estos diferentes contextos educativos. Es un encuentro que fortalece las capacidades y las competencias pedagógicas de los maestros y maestras, eso es una expedición pedagógica. Es enriquecedor de este punto de vista educativo, muy fortalecedor.

Profª Jacqueline: ¿Crees entonces que eres formativo?

Profª Rocío: La expedición pedagógica es formativa, porque lo conocen las experiencias, estrategias educativas, recursos didácticos que se ven a la implantada. Entonces eso fortalece los conocimientos pedagógicos de los maestros.

Profª Jacqueline: ¿Y qué ves de diferente en México? Puede ser la cultura, algo como la danza, no sé. Algo que has visto de más diferente, que puede haber te encantado o que a ti no te gusta, que dijo así: Para mí eso es un problema.

Profª Rocío: Hagamos una comparación de México y Perú; desde la experiencia que viví el año pasado puedo decir que Perú y México se parecen mucho, en el

sentido que también ambos países tienen diferentes culturas, pluricultural, también es multilingüe como en nuestro país, en Perú también tenemos diferentes lenguas, y México también tiene diferentes regiones como también aquí. Mientras que la comida manifiesta la gran variedad culinaria de México, es también y tan cerca como el nuestro. que tienen una gastronomía que los identifica y eso los peruanos también tienen, tenemos comida que llamamos comida materna - tenemos también el chili y las comidas picosas, nos parecemos. Así que como pasado en México tenemos todas esas cosas iguales, las carnes, los fiambres, el guiso, bastante parecidos. Bueno yo pude apreciar también lo que, en el aspecto educativo, los cambios educativos y las políticas educativas que están instauradas en América Latina, pues tenemos muchas coincidencias en México también como en Huancayo. Si tiene evaluaciones en el magisterio, no solo mientras en el Perú el magisterio es constante si se instaura la meritocracia, bueno son políticas intraconcesionales en cuanto al aspecto educativo. Entonces para mí México, todo encuentro latinoamericano que hace la investigación pedagógica me ha servido bastante.

Profª Jacqueline: ¿Y cómo funciona la red centro?

Profª Rocío: La red centro la inicia, la propicia, el maestro Jorge (¿Rodríguez?) Genere este espacio, donde poco en poco usted se va sumando más. Bueno, nació dentro de la universidad del centro y la mayoría son profesores que trabajan en la universidad.

Profª Jacqueline: ¿Tú también?

Profª Rocío: Yo también soy de la universidad nacional del centro de Perú, que está en Huancayo. Bueno ahora está como " enlazado " al magisterio, pues ahí hay varios profesores de la educación básica regular que se están incorporando a la red, desde el año pasado. Entonces eso nos está fortaleciendo porque permite que la universidad no esté ajena a la problemática educativa de nuestro contexto. Entonces es un lazo que une los colegios, los que están en la educación primaria, secundaria y también como en la perspectiva que la universidad debe cumplir su ruta. Entonces estamos trabajando de esa forma, y nos unimos por internet para hacer este intercambio.

Profª Jacqueline: Entonces, ¿se encuentran entre ustedes?

Profª Rocío: Los martes a las 6 y 30 de la tarde. hacemos un encuentro cada 2 semanas.

Profª Jacqueline: ¿Y qué hacen, hay una programación?

Profª Rocío: Crepitanos los trabajos de la base de la investigación y de alguna inquietud que pueda surgir en los proyectos que se están implantando y también si encontramos un problema, lo ponemos en discusión, de tal forma que todos podemos hablar.

Profª Jacqueline: No conseguimos encontrarnos todas las semanas, a veces, nos encontramos 1 vez al mes. Hubo un momento en que nos reunimos cada 15 días, era mucho mejor porque era menos espaciado.

Profª Rocío: Igual, son 2 veces al mes y cuando estamos cerca, por ejemplo, para venir a acá en Cajamarca, nos reunimos cada semana, 2 veces o más. Y 2 semanas antes de eso, para venir aquí, ya estábamos en 2 veces a la semana, bueno así nos estábamos.

Profª Jacqueline: ¿Quién es la coordinadora?

Profª Rocío: El que está generando es Pedro (apellido no audible), el que me dirige el mestrado

Profª Jacqueline: ¡Ah, sí! ¡Él me dio de regalo un libro!

Profª Rocío: Es interesante porque en la red están, por ejemplo, Pedro e Ingrid, ellos son mis profesores de la universidad. Entonces son de otra generación, son varias generaciones de profesores al mismo tiempo. Y, por ejemplo, la evaluación de aquí, así como asegurar que están preparados para el cambio generacional nacional.

Profª Jacqueline: ¿Pero los 3 están trabajando en la universidad?

Profª Rocío: Sí, las 3 generaciones podemos decir así. Sí, estoy trabajando con mis profesores. El profesor Pedro, Ingrid, Mario, el profesor Rodríguez, fueron todos mis profesores. Digamos que de mi generación son varios, entonces, por ejemplo, si ha sido mi alumno, será de otra generación, de 3.ª generación.

Profª Jacqueline: ¿Tu clase es de qué curso?

Profª Rocío: Curso de dibujo, comprensión y lectura, y de redacción es el curso que ahora estoy enseñando.

Profª Jacqueline: ¿Y él, fue un buen alumno?

Profª Rocío: Sí muy bueno. Un estudiante muy bueno, por lo que fue aprobado.

Profª Jacqueline: Es un trabajo mito hermoso, pero muy difícil, a veces la gente no se cae, a veces por la familia, a veces por el trabajo. Entonces tener un grupo que permanece junto no es muy fácil. Entonces, qué bonito que ustedes siguen trabajando juntos.

Profª Rocío: Sí, el profesor (no se escucha el nombre) tienen varios de sus alumnos, como dijo, ya de 4.ª generación. (muy ruido en el ambiente - aquí no se entiende una frase a causa del ruido).

Profª Jacqueline: Usted fue a México. ¿Entonces, Internacional fue el 1 °? - Yo viví un año en México y me encantó, no me encantó Chile, pero sé que la cultura es increíble - la fiesta de los muertos es increíble. Me dijeron que aquí también hacen algo parecido.

Profª Rocío: Aquí en el día 1 y 2 de noviembre es la fiesta de los muertos - igual aquí es día de recordar, de celebrar, digamos así, a nuestros familiares fallecidos. Yo soy de una pequeña región ... Acabó el audio, pero ella continuaba hablando.

Professora Luciana Calsi Apaza.

Profª Luciana: (Grabación iniciada en medio de una conversación) Estas manos son buenas, mi papá tiene unas manos así, grandes, y lo hace todo, todo el rato está trabajando, se levanta las 5, toma su desayuno, si va a vender, coser, manejar el coche, arreglar su coche, todo el tiempo está ocupado, se mantiene joven.

Profª Jacqueline: ¿Cuántos años tiene su papá?

Profª Luciana: Tiene 80, y las noches lee su biblia, sabe curar, lo sabe todo.

Profª Jacqueline: ¡Qué bonito! ¿Y tú vive donde?

Profª Luciana: Yo vivo en (ella dijo el nombre de un barrio - posiblemente quispicanchi - pero no puede estar seguro), Cusco.

Profª Jacqueline: La gente de Cusco no ahhh solamente de Huancayo se fueron.

Profª Luciana: Yo del amazónico, estoy también en la Amazonia como estoy también en la sierra, en los dos. Mi pareja vive en la Amazonia.

Profª Jacqueline: ¿Y tú tienes clases?

Profª Luciana: Sí.

Profª Jacqueline: ¿De qué año?

Profª Luciana: Jardín, kínder.

Profª Jacqueline: ¿Es primera vez en que usted participa en un encuentro de la red?

Profª Luciana: Primera vez acá.

Profª Jacqueline: De Huancayo ... (interrumpida)

Profª Luciana: Pero siempre mostrando la investigación que traía, yo participaba. Algunas veces no me consideraban.

Profª Jacqueline: No, ¿por qué?

Profª Luciana: Por ejemplo el año pasado no fui a México, no habiendo llevado un trabajo.

Profª Jacqueline: ¿Y por qué no?

Profª Luciana: Aporte financiero.

Profª Jacqueline: Sí, es caro.

Profª Luciana: Muy caro y estaba asumiendo un cargo en la (incomprensible) de especialista.

Profª Jacqueline: ¿Pero de Huancayo participaste?

Profª Luciana: Sí.

Profª Jacqueline: ¿Y qué importancia ve en estos encuentros?

Profª Luciana: A mí particularmente me fortalece profesionalmente y como persona, si me voy ahorita, estoy muy convencida, me siento fortalecida para poder hacer mi práctica con más firmeza. Y convencida también que se puede volver, y ayudar a las personas, desde la investigación hasta la lectura, la comparación de los autores ... y nos está faltando incorporar la investigación científica, solo estamos en acción y acción, pero nos falta teorizar como ustedes están haciendo. Eso es lo que nos falta, tenemos manos, tenemos todo para escribir, es que venimos de una cultura oral, ese es el problema, yo te puedo explicar y decirte todo, pero eso nos falta.

Profª Jacqueline: ¿Cómo es tu nombre?

Profª Luciana: Luciana.

Profª Jacqueline: Luciana de que?

Profª Luciana: Luciana de Cuzco.

Profª Jacqueline: Risas. No no. Apellido?

Profª Luciana: Calsi.

Profª Jacqueline: ¿Cómo?

Profª Luciana: Calsi.

Profª Jacqueline: ¡Deletrear!

Profª Luciana: C - A - L - S - I

Profª Jacqueline: Así es más fácil.

Profª Luciana: Así por entonces es eso lo que luchamos, por lo que a veces nos critican. Nos critican que no escriben, no escriben, pero eso por ejemplo: mi cultura es oral.

Profª Jacqueline: Pienso que cuando hablamos de la importancia de la escritura no estamos criticando a las docentes, pues entendemos eso nosotros tampoco hemos escritura siempre. Tengo un largo tiempo de docente, durante mucho tiempo en mi vida docente no escribía. Es de hecho un desafío, como escribir sin perder la referencia de la cultura oral, es un desafío, porque tampoco queremos que al empezar a escribir pierdan las referencias. ¿Lo ves? Es un desafío, cuando decimos que las maestras no escriben sabemos que no quieren que las maestras escriban, no es una crítica, es un llamado a la lucha, pero hay este desafío, sí ...

Profª Luciana: Perdón que le corte, por ejemplo, escribimos siempre relacionado con la naturaleza, yo siempre la relaciono por ejemplo con el canto de los pajaritos, y en ese momento que es se me ha ideado hacer esa cosa así, por ejemplo, encantar, o la salida del sol, eso es lo que ponemos, por ejemplo, siempre les digo del sol, el sol, el sol, incluso digo a mis niños para diferenciarse de la posición de arriba abajo del sol. ¿Les decimos de dónde va el sol? primero los niños, no sé de dónde sale el sol. Primero les digo de dónde sale y después el paisaje, que es eso? es el sol. ¿Qué está haciendo el sol? el sol esta mirándome, el sol me está alumbrando, para que te juegue, así más o menos, así me gusta más. Siempre hay en nuestros autores nacionales, siempre le ponen la naturaleza, la historia, su cultura, no escriben así fríamente, si no que siempre es así. En ese momento se descifra cada palabra que está ahí todo, eso es lo que falta, pero nosotros estamos quedando (interrumpida).

Profª Jacqueline: Y es importante porque acá en esos encuentros, encontramos gente de varios lugares ya mí me encanta, donde (interrumpida).

Profª Luciana: Por ejemplo la ritualidad que hemos hecho, eso en el día de la noche cultural, eso no es un pavor en la tierra, no es una demonía, eso simplemente es un pacto con la naturaleza que estamos haciendo en ese momento, solo eso, solo lo puede hacer cuando se tiene un sentimiento de amor a la naturaleza, de conversar, de decirle: " Hola como éstas?"- es tu cumpleaños- te estoy recordando, con la madre tierra, con sus coquitos, con sus cosas, al menos algo así, entonces que bueno, yo te quiero, cuéntame con nosotros. es sólo eso, nada más. No es que sabe y va a hacer, o es mucho sabía o es un curandero, o algo así, nada más. Esto siempre les digo a mis maestras, que Luciana no es que es una aburrida, o de repente que usted sabe curar, ustedes también pueden llamar y pedir la sabiduría desde la madre tierra, de la naturaleza, de las plantas y de todo lo que nos rodea en

la naturaleza, porque están vivas, te hace bien, el viento le sopla y te levanta los cabellos, la falda, porque es persona, aquietta los males también, (una frase incondicional - la habló al mismo tiempo - ent: La sabiduría ... y calló), porque son malos vientos.

Prof^a Jacqueline: ¿Y tu papá curaba o tu marido, no entendí?

Prof^a Luciana: No cura, lo que te decía es que mi papá tiene buenas manos, buenas para todo.

Prof^a Jacqueline: Expresión de cariño - oowwwinnnnn, Mira que lindo (a)!

Prof^a Luciana: Ese es el motivo cuando los niños ... xxx que nos puede comunicar, este es el trabajo que estás haciendo, lectura de secretos desde la madre naturaleza..xx ... los niños tienen que conversar / relacionar cariñosamente y respetuosamente con la naturaleza. (...) Parece que eso es lo que te decía, mira el sol, ... (parece: mira el sol opaco) eso es importante si no hay sol estamos en la oscuridad ... (ENT, interrumpe).

Prof^a Jacqueline: ¿Y ustedes presentaron su trabajo?

otra persona: Sí, presentamos el trabajo con niños de 1 ° y 2 ° grado.

Prof^a Luciana: (continúa hablando al mismo tiempo sobre el sol) Cuando el sol está bien en el centro del arcoiris nos comunica que el sol está enfermo. Una reflexión para los niños porque el sol está enfermo, para los niños no está dentro de sus saberes y necesitan seguir conociendo, ese no están satisfechos tiene que seguir investigando él porque, entonces preguntando a personas mayores, a los abuelos, preguntando incluso usando la internet.

Prof^a Jacqueline: ¿Por qué se enferma?

Prof^a Luciana: Porque hoy en día somos más amantes al material, o sea más queremos dinero, casas, carros, pero sin embargo no nos damos cuenta de que el sol es parte de la vida, que nos calienta, bueno para nuestros productos, para el ser humano, para los animales, nos recordamos como se está molestando, por eso dijo que está enfermo. Esto se da siempre en época de lluvia, entonces los niños salen: ¡Profesora! El sol está enfermo, y ahora ¿por qué? - Son momentos, actividades significativas que se tienen que trabajar con el alumno, porque hacer eso! estimula su base de reflexión. Así nosotros trabajamos.

Prof^a Jacqueline: ¿Y qué se puede hacer para que el sol no se enferme?

Prof^a Luciana: Tendríamos que recuperar los saberes ancestrales, en que ellos sabían y practicaban la cultura ambiental, esa cultura ambiental era una convivencia

armónica, con todas las runas, con todas las deidades, la Pachamama, y así se da esa sincronización de la estrella checa.

otra persona: Eso se dijo en la noche cultural.

Prof^a Luciana: Desde la chaca se da, entonces desde allí en todas las colectividades estamos ahí participando y dialogando y como se dice en el mundo occidental: poniendo de acuerdo, dando un grano de arena, para que, con la finalidad que todo el docente año nos acompañar en la labor agrícola. Es decir, de esa manera trabajamos con nuestros niños. La verdad mi institución educativa no es del Gobierno, porque éstas reciben bonos, yo trabajo desde el corazón. Con el corazón porque gracias a mis ancestros, mis abuelos. Yo convive con mi abuelo, que bastante me enseñó y falleció a los 100 años. Entonces había mucho que aprender, aprender con mi abuelo.

otra persona: Antes se comía comida sana, comida de los Incas no la de aquí.

Prof^a Jacqueline: Me explica, porque yo no entiendo, cuál es la relación - ¿arcoiris y enfermedad? Entiendo bien todo lo que has explicado, entiendo bien. Los hombres están en una relación con la naturaleza que es una relación suicida, ¡nos vamos a matar si seguimos haciendo lo que hacemos, sí! Estoy de acuerdo en que los pueblos ancestrales no se ocupan de esa forma, sí! ¿pero como? ¿qué asociación tiene entre el arcoiris y la enfermedad del sol? ¿Por qué? ¿Por qué?

Prof^a Luciana: Mira, vos maestra mi voy a retomarlo. Nuestros ancestros practicaban una cultura ambiental y siempre convivían con una estrecha relación con toda la madre naturaleza, es uno. ¡Mira! ¡mira! ¡ahora otro, no! Es que digo en los últimos años, eso no se da, poco a poco nos sentimos superiores a la madre naturaleza (interrumpida por la otra ENT).

Prof^a Jacqueline: ¡Puedo preguntarte! ¿ve usted que existe una relación entre arcoiris y enfermedad? porque yo entendía que ustedes estaban hablando de la relación entre el sol y la enfermedad, no escuché que había arcoiris y enfermedad. ¿Está escrito?

otra ENT: ¡Sí! cuando el sol está dentro del arcoiris nos comunica que el sol está enfermo. ¿Entendió?

Prof^a Luciana: Estos saberes no tienen bien ..., o sea conocen por los conocimientos que les pasa, los líderes de las comunidades, o los sabios, pero esos saberes ellos van a conocer pero no van a borrar, ellos no escriben, sólo pueden conocer de una forma oral, no escriben. ¡Buena maestra! La comunicación era oral, se daba de

generación en generación, y justamente a eso voy, de que si filosofamos, nuestros antes decían así mamá, es así siempre, me dijo mi abuelo. Entonces eso es lo que a nosotros nos falta, entrar más dentro de la investigación. No sé cómo te digo maestra, pero no estamos completos, eso nos falta. En una comunidad aquí desde Cuzco preguntaron: ¿y cómo es la lectura? Así mamá siempre me ha dicho: así no es más, o sea faltan más implicaciones y eso, o sea si así reflexionamos de repente ... no como vinieron los españoles ... con ellos los campesinos habían ocultado su cultura porque con miedo. Entonces para investigar o porque (interrumpida por ENT).

Prof^a Jacqueline: Entonces es una invitación para los niños investigar cuál es la relación del sol, del arcoiris y de la enfermedad. ¿Es eso? Entonces lo que ustedes están haciendo es (interrumpida por la LU).

Prof^a Luciana: La enfermedad que está viendo en el sol también viene de la contaminación, es que ahora el ambiente, el aire está contaminado por los humos, por las fábricas que existen, por eso el sol está enfermo, una parte es esa, la otra es que estamos alejándonos de la madre Tierra, ya no hay respeto por lo menos, no. Esto es lo que pasa cuando el sol está enfermo y también hoy en día el sol está quemando mucho más que el sol natural, nos quema la carita, la piel, tenemos que por bloqueadores, pero antes yo - por ejemplo yo no uso bloqueador - (entrevistadoras hablan la piel de la LU) no pongo me deja enrojecimiento o con granos, me da fiebre, lo mejor es comer, comer verduras, frutas, eso por dentro te regenera la piel, por ejemplo los cabellos nos lavamos con salvia y se pone aloe para cuando venimos a estos lugares, pero en casa sólo usamos este champú natural, y también la orina terapia, que es bueno a la orina terapia, podemos lavar la cara, los oídos, a los demás la gente del campo no usamos lentes, lentes la está opacando, empeora la vista.

Prof^a Jacqueline: Risas. La verdad estoy comprobando el uso de lentes y estoy cada vez más ciega, no veo ... risas.

Prof^a Luciana: El doctor me dijo: ponga lentes, tengo lentes sin embargo hasta ahora no he utilizado, es que no puedo peor pierdo, mi papá no usa lentes, mi mamá no usa lentes.

Prof^a Jacqueline: Estoy de acuerdo (risas).

otra ENT: pero ahí en la escritura aparece, usted tiene que usar, usted no puede no utilizar.

Profª Luciana: No uso.

Conversa com a professora Líbia Conce

Profª Isabele-¿Cuál es tu nombre?

Profª Líbia: Libia.

Profª Isabele: -¡Lindo nombre ! Y trabajas en cuál escuela?

Profª Líbia: En la escuela primáriaBlanchi que pertenece a Canas. Distrito de Sicuani, Provincia de Siccunani. Pertenece a Cuzco.

-¿Es la primera vez en la expedición pedagógica ?

Profª Líbia: Sí porque este año es que estoy integrandome a ese grupo en la red. Mi escuela está con ebi . Mis niños hablan quechua. Facilita hablar en quechua. (ruidos) Con el inglés quedamos poco .

Profª Isabele -¿te gusta el encuentro expedición pedagógica?

Profª Líbia: Si. La experiencia. Como le digo por primera vez que vengo me sorprende. Es bonito y estoy llevando bastante experiencias.

Profª Isabele¿Y la red que hace parte cuál es el nombre?

Profª Líbia: La entrevistada no comprende.

Profª Isabele -Yo sou Red Ale. Y el nombre de tu red...

Profª Líbia: No comprendo.

Profª Isabele -Entonces otra pregunta: ¿ Algunacritica, alguna cosa que no te gustó?

Profª Líbia: Me gustó pero a veces somos egoístas, ¿no? me han hecho creer que aquí te van a rebotar y ... tu piensarasí . Estoy contando mis experiencias bonitas entonces hay profesores que comprenden- le da miedo como yo digo - caminan juntos. Lunes. ¿ Qué, qué me dirán? Mi grupo de experiencias si son distintas ni siquiera las conozco.. No son capaces ...

Profª Isabele-¿ Tienes miedo, no?

Profª Líbia: Si, pero te diré que he querido bastante sobre esos momentos.

Profª Isabele -Muy Bonito. Es la primera vez que participo. Y necesito escribir un trabajo sobre esa experiencia para mi trabajo de maestría

Profª Líbia:¿Estás haciendo maestría en la universidad?

Profª Isabele -Si. Mis maestras son mis tutoras en la universidad y eso está muy difícil para mipor que no hablo español.

Profª Líbia: Creo que con la práctica vas a aprender, ¿no? Yo no sabía quechua. Como le dije soy de Puno. Mis padres son de Puno. Vino mi padre acá en Sicuani , a Cuzco. A trabajar. Y desde pequeña. Yo domino bastante el Ymarán . Yo comencé a trabajar y fui a una comunidad que habla quechua. Y entonces como los niños hablan quechua . Por eso sé que tu vas a aprender.

Profª Isabele -Si. Si. Voy practicar (risas)

Profª Líbia: Si. Ya estás hablando.

Profª Isabele -Por lo menos conseguí hablar contigo. ¿ Quieres hablar um poco más sobre su experiencia? ¿De las escuelas, qué pretendes aprovechar ?

Profª Líbia: Te diré que voy a mi centro con mucha facilidad , es bonito con más fuerza.

Profª Isabele -Eso. La alegría de encontrar otros lugares, de otros países y percibir que tenemos los mismos problemas. Política...

Profª Líbia: (ruídos) Quisiera conocer otros países. Hay que tener bastante dinero para ir a otros países. Los docentes no ganamos mucho y tenemos hijos. Alcanzan lo que ganamos. risas. Es bonito el trabajo . Me gusta. Estoy yo muy agradecida(ruidos).

Profª Isabele -¿Vas a participar en Cuzco?

Profª Líbia: Si.

Profª Isabele - ¿Crees que es importante salir de tu ciudad para ir ir a otra ciudad conocer ?

Profª Líbia: Aún vamos saber dónde será. Si. ¿Conoces Cuzco?, ¿Machu Picchu? Todo es bonito para conocer.

Profª Isabele: Gracias. ¿Podemos sacar una foto?

Conversa com o professorRubem

Profª Jacqueline: Esa chica va hacer una maestría, está haciendo una maestría sobre expedición pedagógica, o sea, cuando tu sales de tu territorio, de tu lugar, ¿qué ocurre?, ¿Qué cambias ?, ¿qué piensas? ¿qué experiencias vives? Es un poco ese tema. Como la importancia para nosotros como maestros, salir de su territorio para cambiar cosas, para mirar cosas.

ProfºRubem: - Sí.

Profª Jacqueline: Un poco así. Entonces es ese tema.

Prof^oRubem: - ya.

Prof^a Jacqueline: Para empezar, ¿ podrías presentarte ? tu nombre, de qué red participas, qué haces, quién eres...

Prof Rubem: - Soy el profesor Ruben Justo Centeno Carrasco, vengo desde Cuzco

Prof^a Jacqueline:¿Podrías hablar tu nombre despacio ?

risos

Prof. Rubem: - Ruben Justo Centeno Carrasco

Prof^a Jacqueline: Para nosotros peor son los nombres. Para comprender.

Prof. Rubem: - Vengo de Cuzco, de la provincia de Canchis, distrito de Sicuani, de una comunidad que se llama Conchacunca. En la institución que está ubicada allá y soy el director de esa escuela y creo que al integrarme a este proceso que se está viviendo en estos iberos que se están organizados a nivel latinoamerica me ha permitido a mí reconstruir muchas cosas que en algún momento he soñado, ¿ no? Sobre todo, aquello que siempre en mi posición ha estado mal planteado desde el estado y no había oportunidad que gente como yo me apoyen, reflexione conmigo y me agradó bastante la invitación que en aquél momento hicieron a Cuzco para poder nos integrar al 7º Iberoamericano aquí en Cajamarca todo en 2014. Yo creo que a partir de ese momento he iniciado procesos de reflexión con otros colegas y también ahora ya con colegas de otros departamentos como el caso de Huancayo y el Cajamarca. Y más aún compañeros de otros países

Brasil, ¿por ejemplo ? increíble...

Prof^a Jacqueline: Brasil. Que tiene como pensamiento como nosotros, un poco dando nuestro esfuerzo, poniendo nuestro compromiso y aportando, sobre todo, aquello que va ayudar niños que no tienen oportunidades. Lo que ocurre en nuestros países, a veces, es que los que menos tienen, tienen menos oportunidades y eso se ve en el ámbito rural. Ahora yo te puedo decir en cifras lo que está ocurriendo en el campo: están cerrando las escuelas rurales. Centralismo lo que ha ocasionado ese mundo moderno. Lo que está ocasionando es que la gente ya no tenga confianza en si mismo, ya no tenga confianza en su sabiduría, ya no quieran que hable su idioma y están saliendo de sus pueblos. Y a mi me dá mucha pena no, porque eso es lo que les hemos hecho toda la vida. Por eso ayer cuando “conversava” de ese tema le echaba la culpa también un poco a la escuela. Porque la escuela en algun momento dile a su niño: “Tu quieres ser solamente

como tu padre. Quieres quedarte como agricultor, quieres quedarte como chacarero o que quieres...” No, entonces cuando te muestran esa posición tu dices que lo peor que tengo es la escuela . Entonces esas reflexiones a mi me han permitido entrar con fuerza a estos encuentros y yo me voy de los encuentros renovado porque los trabajos que presentan los compañeros creo que a mi me permiten ir reflexionando y seguir apostando en algo distinto, diferente y, sobretodo, por la oportunidad de los pequeños que necesitan un poquito de respecto, nada más para seguir avanzando.

Profª Jacqueline: ¿Cómo te integraste a la red, cómo conociste, como se formó la red?

Prof. Rubem: - Nosotros ya antes de conocer el trabajo

Profª Jacqueline:¿Tu sabes adonde está “indo” , por qué yo no sé? risos

Prof. Rubem:- Yo también no.

Profª Jacqueline: Si, seguimos.

Entonces, para saber...

Prof. Rubem:- Como me integré al grupo. Sí, nosotros inicialmente ya eráms una red formada en Canchis. Trabajamos por la educación intercultural bilingue. Es un tema muy fuerte que se desarrolla acá en Perú. Bueno, nos enteramos que existía una convocatoria para un iberoamericano de maestros acá y logramos comunicarnos con Gabino y pues les pedimos que podamos ser incluidos y el aceptó, gustó e hizo la invitación y en aquella oportunidad fuimos más de 35 maestros por eso- ¿Tu estabas en Cajamarca?

Profª Jacqueline: Sí. Estaba.

Prof. Rubem: - en la noche cultural

Profª Jacqueline: Fue linda.

Prof. Rubem: - Y allí fuimos muchos y creo también que a partir de ese momento de la misión que teníamos como red pequeña cambió y estamos integrados con una red de Quillabamba. Estamos buscando integrar más un grupo de maestros que puedan trabajar con nosotros y buscando siempre reflexionar sobre lo que tiene como misión la red. Es lo fundamental.

Profª Jacqueline:¿Ya participabas de un colectivo ?

Prof. Rubem: - Ya participaba y esos maestros ya estaban nos manteniendo. Los maestros “chicarñan” , se llaman. Es una red intercultural. Y esa red tiene como objetivo también un poco proponer alternativas, sacar vueltas como quién dice al sistema lograr, dar oportunidad y respecto a esos niños que necesitan una educación pertinente y contextualizada

Profª Jacqueline: ¿Tengo que usar este papel ?

Prof. Rubem: - No sé si...

Profª Jacqueline: Hay dos (papeles) ¿ Y tu has participado de cuántos encuentros de Ibero ?

Prof. Rubem: - Bueno, en otros locales que hicimos tuve la oportunidad en 2014 trés, ¿no ? Ibero en Mexico y ahora acá.

Profª Jacqueline:¿Y cuál la importancia que tu ves en tu participación en la junta pedagógica en México ?

Prof. Rubem: -Sí. No tuve la oportunidad de estar en la expedición pedagógica.

Profª Jacqueline: No...

Prof. Rubem: - No. Sólo al día del encuentro.

Profª Jacqueline: Comprendo. Entonces, ¿fue la primera vez que saliste de Perú ?

Prof. Rubem: - No. Ya he tenido la oportunidad de ir a España . Participé también una beca que el Ministerio otorgó en Perú. un més estuve en Valencia igual compartiendo con otros maestros información y justo el tema de innovación /investigación.

Profª Jacqueline:¿Y qué piensas de un maestro que sale de su territorio, de su país para otro país ?

Prof. Rubem: –Bueno lo que mucha veces es conocer otras realidades, el aprendizaje es más inmediato y práctico también porque al contactarte con otro tipo de realidad creo que también te permite reflexionar lo que vienes haciendo en tu país, ¿no ? Eso para mi es importante igual lo que sucedió en México.

Profª Jacqueline: Un momento. ¿Tu estás gravando, tu podrías nosotros subiendo la escalera?

Como una investigación tiene que ser creativa, hay que tener disposición emocional pero física también. Sí. Entonces, estábamos hablando.

Prof. Rubem: - De salir, como me ha ayudado, ¿no ?

Profª Jacqueline: Sí. Y si tu ves que has ayudado otros maestros. Así un poco, ¿ Cuál la importancia de salir del país para un maestro, conocer otra realidad?

Prof. Rubem: - Sí. Mira. De por acá allá y lleva sujetos de aquí.

Profª Jacqueline: Sí.

No se puedes tener todo del aprendizaje que está obediendo sólo y siempre es necesario compartir el logrado, incorporarlo no solo en el tema de la red hay muchos maestros sino también el tema de buenas prácticas. Organizamos allá un concurso de buenas prácticas que, bueno, de alguna otra forma motiva al profesor a sistematizar lo que viene haciendo. Es lo que ustedes llaman "Investigación Narrativa", ¿no? Eso es lo que hacemos allá para que los maestros puedan sistematizar su buena práctica, puedan escribirlo y hemos logrado que Canchis, por ejemplo, se convierta en algún momento en potencia en ese tema. Casi 14 maestros fueron premiados de Canchis y Cuzco era el único distrito que tenía esa cantidad de maestros. Y para mí fue un orgullo porque creo que hicimos ese movimiento y logramos que el maestro se comprometa con lo que está dando a los niños y también se beneficien porque a veces no eres reconocido, no te estimulan y, bueno, simplemente no te reconocen lo que estás haciendo. Entonces yo creo que de alguna otra forma junto con otros profes estamos logrando que la gente se involucre y también se dé cuenta de lo que está haciendo que es importante. Eso es lo que hemos logrado también a partir de las experiencias de las salidas que hemos conseguido

Profª Jacqueline: Puedo pedir – hago una entrevista- hay un fondo- parece un teatro. Una foto e un video .

Prof. Rubem: - Allí nos paramos y estaba saliendo la gente...

Profª Jacqueline: Muy inteligente. Una foto y un video. Después viene para acá que es tu maestría. Tienes que venir para acá.

Prof. Rubem: - Está bien.

Profª Jacqueline: Para poner en la tesis. Para comprobar. Yo hice la entrevista.

Prof. Rubem: - Tenemos que conversar.

Profª Jacqueline: Há alguna crítica à expedição pedagógica que ...

Prof. Rubem:- Si es que a veces la misma expedición te permite ver que hay maestros que tienen mucho potencial pero que no son tolerantes. Tengo la experiencia de un maestro que nos está molestando constantemente que está en la

red que no le parece nada bien lo que estamos haciendo y eso me parece que no está correcto. Si estamos en esta expedición es para aprender y si llega alguien que no está haciendo es para ayudar, pienso.

Profª Jacqueline: Te agradezco.

Prof. Rubem: - Gracias.